DOCUMENTI

Intervista di Antonio Ferro a Benito Mussolini effettuata a Roma nel 1926, tratta da pp. 165-67; 175-77 di Antonio Ferro, *Viagem à volta das ditaduras* (prefácio do comandante Filomeno da Camara), Lisboa, Ed.da emprêsa "Diario de noticias", 1927, 365 pp.

" […] Luigi Federzoni é um homem franco, rude, sem armas escondidas. A sua cabeça, iluminada pelo seus olhos claros, é uma cabeça de triunfador, sem reticências , sem enigmas. Tudo quanto Federzoni diz pode escrever-se: copia-se, tranqùilamente , do seu rosto, onde as suas palavras ficam a viver , a vibrar , durante alguns momentos… A minha primeira frase é , apenas, uma primeira frase, um *lever-de-rideau* :

- Como podem interpretar-se os boatos que teem corrido, ùltimamente , sôbre a Itália e as colónias portuguesas?
  Federzoni , que sabe muito bem não é isso o que eu desejo, põe uma pedra sôbre o assunto com esta breve tirada:
- O desmentido está feito. Nada mais posso acrescentar porque seria inùtil e porque não sou o ministro competente para fazer declarações nesse sentido. E uma questão que interessa ao ministro dos Negócios Estrangeiros. Posso dizer-Ihe , apenas, que nenhum italiano pensou em tal absurdo. Nós seguimos , ao contrário , com muito intêresse tudo quanto se faz nas colónias portuguesas, o vosso esfôrço admirável , a vossa rara tenacidade. No ùltimo boletim dêste ministério que Ihe vou ofercer, vem, justamente, um belo artigo sôbre as armações de pesca em Mossâmedes. Coma vê, Angola dá-nos liçoes… Espero que as colónias italianas também ensinem alguma cousa aos portugueses. O conhecimento mútuo traz sempre confiança…

É a última frase do *lever-de-rideau* . O drama , a peça, em três actos , vai começar…

- Não me dirijo , agora, ao ministro das Colónias, mas sim a Luigi Federzoni, fascista…
- Estou ao seu dispor… […]"

" […] – Desejava fazer-Ihe algumas preguntas que dizem respeito a Portugal…
Um raio de sol entra, como un pássaro de oiro, pela janela entreaberta e dá os bons dias a Mussolini…

- A respeito de Portugal tem carta branca… Pregunte o que quiser.
- Para maior precisão eu trouxe um questionário .
- Deixe ver…

Estendo um papel a Mussolini. Mussolini agarra-o e lé-o, num relâmpago…
Nesse papel escrevi as seguintes preguntas e observações :

- Apesar do seu claro desmentido continua a afirmar-se, em Portugal, que a Itália tem pretensões ocultas sôbre Angola. Gostaria de transmitir algumas palavras suas, a êsse respeito, ao povo português.[…]
- Só posso responder-Ihe à primeira pregunta. Diga a Portugal que tudo quanto se tem dito acèrca das absurdas pretensões de Itália sôbre Angola é fantástico e ridículo!!! Acentue bem: fantástico e ridículo! Os inimigos do fascismo empenham-se , constantemente, em provocar mal entendidos entre a Itália e as nações que ela mais estima. Umas vezes é com a França, outras vezes com a Inglaterra, outras vezes com a Turquia, etc., etc. Agora é com Portugal. Já alguém me ouviu uma palavra a respeito das colónias portuguesas? Já disse ou escrevi

alguma coisa onde se possa ver ou adivinhar um pensamento menos claro, menos sincero, sôbre Portugal e as suas possessões?…
Então para que insistem, para que fazem perder tempo?

Respiro… A entrevista está salva. Estas palavras desassombradas e leais, ditas com vibração, com indignação, podiam bastra-me, podiam justificar o enviado especial… Mas o Sol é meu cúmplice, o Sol é camarada, o Sol, que enche de sorrisos a máscara de Mussolini, ensina-me tôdas as audácias …[…]

Mussolini repete-me agora batendo as sílabas, olhando-me bem, procurando transmitir-me , letra a letra, vírgula a vígula, a sua convicção , a sua sinceridade , o que já me tinha afirmado no começo da entrevista, a rispeito de Portugal:
- Diga no seu jornal que eu estimo, sinceramente, o povo português, que compreendo a sua lingua como o italiano, que conheço muito ben, em tôdas as suas páginas, a brilhantissíma história de Portugal, que admiro , profundamente, a sua literatura… Tudo quanto se insinue sôbre as intenções da Itália a respeito das colónias portuguesas , intenções claras ou disfarçadas, repito, é fantástico e ridículo! Nem compreendo êsse temor. As colónias não se apanham assim fácilmente…

E Mussolini tem um gesto circular, o gesto, por exemplo, de quem apanha moscas…
Insisto, para que o assunto fique esclarecido , duma vez para sempre:
- Mas não há nada sôbre a emigração italiana, sôbre possíveis explorações agrícolas em Angola?…

Mussolini responde-me com desassombro e franqueza, sem o menor embaraço , sem o menor confusão:
- Efectivamente , pensou se em tentar uma exploração agricola nos planaltos de Angola. Dirigiamo-nos às colónias portuguesas como nos podiamos dirigir às colónias belgas, francesas ou inglêsas. As autoridades portuguesas deram-nos tôdas as facilidades. Mas desistimos. Angola é uma colonia riquíssima ma está muito longe. As despesas seriam enormes. Voltámo-nos para a Tripolitânia que será desenvolvida e colonizada vertiginosamente. Quere ver?

Mussolini, neste momento, deixou de ser o chefe, o ditador. E’ um homem do mundo, amável, íntimo, sorridente, sem atitude. E’ un camarada que fal a outro camarada, é o jornalista que mostra a sua última crónica ao jornalista, o dramaturgo que revela, ao dramaturgo, o seu último acto. Dirige-se para uma pequena mesa que está perta de sua secretária e descobre um rôlo atrás duma pilha de livros. A descoberta faz cair alguns papeis. Vou levantá-los… Mussolini quebra me o gesto e é êle prôprio que se baixa. Êste homem, afinal , tambem sabe baixar-se … Todo o homem forte, na verdade, deve saber levantar o que deixou cair…

Desbora, agora, o grande rôlo sôbre a secretária, um rôlo que gera vários rôlos… São plantas, cartas, projectos, é o sonho da Itália…

- Veja! Tôdas essas casas, tôdas essas plantações começam a germinar. Não é o desejo. E’ uma certeza. O homem que está à frente de tudo isto, que tem o volante desta iniciativa, fê construir, há pouco, em Viarregio , um grande hotel em cento e quarenta dias…

O gesto de Mussolini é a apoteose da entrevista. Depois de combate, depois de temporal , a manhã que rompe , a Itália que se levanta, pedra a pedra, flor a flor, árvore a árvore… Mussolini , debruçado sôbre os mapas, ausente de mim, perdido na estrada do futuro, deixou de ser o demolidor, o demolidor de ruínas. E’ o arquitecto, o arquitecto duma grande pátria, um arquitecto que passa a vida nos andaimes…

Mussolini senta-se finalmente , vencido, para autografar dois retratos, uma para mim, outro dirigido a Portugal.

Eu continuo de pé , heróicamente . A minha entrevista com Mussolini, onde procurarei não perder uma palavra, um ponto, uma expressão, foi uma entrevista de calcanhares unidos, uma entrevista em sentido!”

202

BENITO MUSSOLINI*

A 29 de Julho de 1883 em Dovia, povoação da Romagna, nasceu aquele que havia de ser o iniciador do movimento de reacção contra os resultados funestos da obra do seculo XIX: nasceu Benito Mussolini.

Seus paes eram pobres; Rosa Maltadoni [sic] era professora, Alexandre Mussolini, ferreiro. Educado desde pequeno num meio de efervesciencia partidarista, como è a Romagna, Benito Mussolini foi sempre um rapaz vivo, inteligente, activo e apaixonado pela questões de politica; Viviam modestamente; nos archivos da municipalidade de Turim foi encontrada uma carta de Rosa Mussolini dirigida em Novembro de 1895 pedindo ausilio ao perfeito, porquanto sendo professora vivia com grandes dificuldades financeiras; entre outros paràgrafos lê-se : "***Vejo-me forçada a interromper os estudos de meu filho, que conta 12 anos de idade, e que, na opinião de seus mestres, promete para o futuro***". Este pedido não foi atendido e Benito fez-se pedreiro.

Sempre trabalhador activo consegue ingressar na Escola Normal de Forlimpopoli sendo mais tarde nomeado professor para Gualtieri, arredores de Reggio Emilia, nas margens do Pó. Certo dia abandona a escola e parte para a

Suissa, talvez em busca de fortuna, talvez por outros motivos que se descoheçam.

Na Suissa passou necessidades, mesmo fome. De dia trabalhava como aprendiz, á noite dormia sob os telheiros das obras ou sob as pontes. Foi pedreiro e carpinteiro, especialisandose na construção de janelas. Foi moço de recados em casa de um negoziante de vinhos e em casa dum salchicheiro. Não parava, deslocava se devido á necessidade de se sustentar.

Motivado pela sua irrequietabilidade que era causada pelo desenvolvimemnto da sua inteligencia precoce, Mussolini intromette-se em assuntos politicos do país em que está e è espulso dêste na Pascoa de 1908 reaparecendo em Dovia, sua terra natal.

Todos os proventos que auferia gastava-os em comprar livros; lia de tudo. Dotado de memoria prodigiosa assimilava com extraordinaria facilidade o que lia.

Influenciado pelas ideias de aqueles com quem privara na Suissa, escreve no "Avanti", orgão do partido socialista, contra a colonização, contra as organisações imperialistas do Estado e contra o Rei; é um socialista vermelho exaltado.

Vem a Guerra, declama-se pela intervenção da Italia ao lado da França e parte para a frente de batalha com o posto de cabo de ***Bersaglieri***. Realizza actos de coragem e valentia; arresta os seus camaradas quando estes vacilam e é ferido por um estilhaço do morteiro de trincheira a 23 de Fevereiro. No hospital foi visitado pel Rei que se Ihe dirige nestes termos, pois sabia quem ele era : "***Deveis sofrer bastante nessa imobilidade dolorosa***".

Em 1919, um ano depois de acabar a Guerra, a Italia incontrava-se a braços com uma tremenda onda de desagregação nacional: ***o bolchevismo***. Os governos Nitti, Giolitti, Bremen [sic, strana

---

*Citato da pp.33-39 di Carlos D'Alva, ***Fascismo é nacionalismo***, Lisboa, 1928.

alterazione di Bonomi] e Facta que se sucederam foram impotentes para conter essa onda destruidora. As fabricas estavam em poder dos agitadores que as transformaram em verdadeiros ***soviets***. No mez de Março desse ano elevou-se 200.000 o numero de grevistas na agricoltura. Os ferro-viarios aderirai ao movimento de desordem geral. As violencias não tinham peias, pratica-se o roubo e com a mesma facilidade o assassinato.

Em Dezembro de 1920 começaram aparecendo pequenas reacções isoladas que tomaram o nome del "***fascio***". Ligaram-se pouco a pouco e eis o inicio do "***Fascismo***".

Devido a desinteligencias com os seus partidarios, Benito Mussolini sai do partido socialista e escreve artigos sensacionaes no jornal que então dirige - "***Il Popolo d'Italia***"- . Desde então , ao ser caluniado e abandonado pelo seu partido, Mussolini inicia a sua grande obra.

Como os varios "***fascios***" não tinham quem os dirigisse superioramente e os orientasse de maneira uniforme, Mussolini realisou esse trabalho e foi elevado a chefe dessa grande organisção nova.

Possuindo uma instrução bastante varia, conhecendo todos os problemas de uma forma geral, executa as suas ideias com uma vontade de ferro. Orador de grande envergadura arrata os auditorios, conseguindo incutir-Ihes os seus pensamentos. Jornalista consumado, comunica áqueles que o leem o entusiasmo que o anima. Sendo um destemido, despreza a morte...Não treme diante de uma pistola, come não vacilla em face de uma bomba ou de um punhal. Desconhece o medo; ... " ***qualquer que seja o perigo não se acorbada, faz-Ihe frente***" escreveu Grandi, Sub-secretario do Estado dos Negocios Estrangeiros.

Em Outubro de 1922, o ministro Facta propõe ao Rei um decreto determinando o estado do sitio. Victor Emmanuel recusa assinar esse decreto e declara-se fascista. Em face disto o ministro pede a demissão e o Rei para organisar o novo ministerio chama em 29 desse mez Benito Mussolini que se encontrava em Napoles. Dias depois realizza-se a marcha trionfante sobre Roma. O desfile dos 250.000 camisas negras, que se realista no ***Corso*** , dura 7 horas.

Desde então uma vida nova animou Italia. Era de trabalho e actividade, que serve de estimulo e exemplo a todas as outras naçoes, e, que è orientada e mantida por esse Homem excepcional, por esse condutor de povos . [...]

____

UNA TAPPA ATLANTICA*

Dove il mare – superato brillantemente l’esame dello stretto di Gibilterra – viene promosso all’insigne grado di Oceano, abbiamo avuto una piccola delusione.

Decisamente, anche l’Atlantico è inferiore alla sua fama: flutti tranquilli, calma perfetta, navigazione placidissima.

Per questo, ieri gli avanguardisti hanno potuto battere il “record” dei panini, divorandone – fra il primo pasto e il secondo – sedicimila (il calcolo si fa presto: sedici a testa…).

Ad ogni modo, pensavamo che, al momento di diventare, da mediterranea atlantica, questa terza crociera navale avrebbe riservato qualche, pur trascurabile, emozioncella. Invece, niente: e se non ce ne avesse dato la sua parola d’onore il comandante (convalidando l’affermazione con la pezza d’appoggio di una carta geografica al venticinquemila) non avremmo creduto d’essere oltre le colonne d’Ercole, fuori di casa nostra.

***

Abbiamo lasciato Gibilterra di notte, mentre la rocca brulla e verde si accendeva di luci pacifiche.

Dopo alcune ore di navigazione, la prima alba ci ha rivelato una costa bassa e piatta: tanto che la sua conformazione, in certi punti, ci ha suggerito l’irriverente paragone con un’immensa torta sbocconcellata, posta su un grande piatto verde. Poi, inoltrandoci nell’Atlantico (oltre alla parola d’onore del comandante, ci ha rassicurati, sull’identità precisa di tali flutti, l’incontro delle numerosissime navi che , provenienti dalle Americhe, si dirigono verso lo Stretto) il paesaggio è mutato: fino a quando il sopraggiungere della nuova notte non ci ha rapito un’altra volta ogni vista.

All’alba successiva, la luce ha riacceso i colori di un meraviglioso spettacolo: ma, ahimè, eravamo a destinazione ancorati davanti a Lisbona, nell’estuario del Tago giallo, imboccato e percorso ignominiosamente di notte. Il “Battisti” era già attraccato presso la banchina di sbarco, mentre gruppi di autorità portoghesi e di giornalisti (portoghesi, cioè, al quadrato…) invadevano la nave.

Abbiamo potuto, così, prendere visione del ben nutrito programma che l’ospitalità di Lisbona dedica agli avanguardisti; ma abbiamo dovuto constatare, purtroppo, che era misteriosamente sparita la famosa “corrida” promessa. Noi ci siamo consolati subito: Invece, Bruno e Vittorio Mussolini avevano un broncio così.

Dieci minuti dopo lo sbarco, gli avanguardisti erano già ambientati perfettamente (e avevano spedito un numero rilevantissimo di cartoline).

* “Una tappa atlantica” e “Cascaes, soggiorno di cresi”, sono citati integralmente da pp. 109- 137 di Mino Doletti, ***Viaggio in Iberia con le Avanguardie***, Bologna, Cappelli, 1930.

Lo spettacolo di mille giovani, disciplinati e ordinatissimi, che si schierano e sfilano come soldati veri, ha colpito i portoghesi, ai quali certo non dev’essere offerta spesso una visione così interessante.

Anche Giuseppe Bastianini, il giovane Ministro d’Italia, nell’esprimere la profonda gioia che la colonia italiana prova accogliendo i giovani fratelli, ha detto che le autorità portoghesi si sono gentilmente prestate affinché la sosta degli avanguardisti, sebbene breve, offrisse modo agli ospiti di cogliere qualche aspetto della bella città.

E, tale scopo, è stato raggiunto nel più felice dei modi, con organizzazione di visite ai monumenti, al giardino zoologico, (è piombato su Lisbona un temporale violentissimo, proprio durante questa visita: le autorità portoghesi, desolatissime, si sono scusate… Ma non ce n’era bisogno, anche perché gli avanguardisti hanno saputo cavarsela molto bene, cercando un riparo nei carrozzoni dei convogli speciali e traendo pretesto, anzi, da tale numero fuori programma per dimostrarsi ancòra più allegri), ai dintorni della città.

Giunto al momento dello sbarco sul molo, il ministro Bastianini ha passato in rivista le coorti di giovani camicie nere e si è indugiato a parlare brevemente con Bruno e Vittorio Mussolini. Il… barometro segnava qualche nuvola all’orizzonte.

- Siete contenti d’essere a Lisbona?

- Contentissimi, ma…

- Bruno guardia Vittorio; Vittorio guarda Bruno;

- Non c’era una corrida?

- Il Ministro sorride:

- C’era, infatti, e sarebbe rimasta in programma se foste venuti di domenica: le corride si fanno solo in tal giorno. Vuol dire che sarà per un’altra volta…

Il barometro torna finalmente a segnare il sereno: e rimane costante fino al pomeriggio, allorché, come dicevamo, un acquazzone formidabile non ha ridotto le strade di Lisbona – caratteristica città sui dolci pendii dei colli – in altrettanti torrentelli.

Ad ogni modo, anche a dispetto delle avversità atmosferiche (in mezz'ora molte cantine si sono allagate e c'è voluto l'intervento dei pompieri), la visita è stata, sotto ogni punto di vista, esauriente.

Certo che una città vasta come Lisbona avrebbe bisogno di più tempo per essere conosciuta non superficialmente: ci sono, qua e là, interessantissime cose da vedere: e non solo quelle che offre, con magnifica dovizia, la natura.

Per il Portogallo, che ha una storia gloriosa e ha iscritto parecchie volte i nomi dei suoi figli nelle pagine dell'ardimento, i ricordi hanno un grande valore: la giovane Repubblica, anzi, vive per molta parte di questi ricordi e , gelosamente, li conserva.

206

Con orgoglio hanno un profondo culto, i portoghesi, dei loro uomini migliori e, se pure molti secoli di storia recente non sono stati felici, questa religione fa bene presagire per il futuro. L'Italia, paese amico, non può non vedere con simpatia la pace – che si augura duratura del travagliato Portogallo.

***

A quest'amicizia fra Italia e Portogallo ha accennato esplicitamente il generale Ivens Ferraz, presidente del Consiglio dei Ministri, in una cortese udienza accordataci a Palazzo del Governo.

- Ho la più grande ammirazione per il vostro paese e seguo con vivo interesse ciò che in Italia si fa.

Del resto, tale amicizia non è solo del periodo di pace: bisogna ricordare che, durante la guerra, i soldati lusitani combatterono valorosamente al fronte francese, a fianco degli alleati, ed ebbero, in un sol giorno, la rilevante perdita di ottomila uomini. Infine (particolare meno… glorioso; ma che ha la sua grande importanza) i nemici odierni che s'annidano nelle comode pieghe del fuoruscitismo sono gli stessi: tanto per l'Italia che per il Portogallo.

Anche Giuseppe Bastianini, presente al colloquio dei giornalisti italiani con il generale Ivens Ferraz, si è espresso in termini molto cortesi per la nazione amica, assicurando l'illustre parlamentare che la visita degli avanguardisti sarà motivo di una sempre maggiore cordialità.

In particolare, il Ministro portoghese ha detto di ammirare le nostre organizzazioni giovanili:

- Sono intelligenti e geniali: in questo modo, plasmerete una fortissima gioventù: sono lieto, anzi, che il Portogallo sia stato mèta di un così istruttivo viaggio.

Dopo essersi gentilmente prestato per un gruppo fotografico, il generale Ferraz ha congedato i visitatori e si è ritirato nel suo gabinetto particolare per prendere possesso del Ministero dell'Interno, al quale, proprio nello stesso giorno, era stato insediato. E non è senza certezza di lieti auspici, che si può considerare l'udienza ai giornalisti italiani come il primo atto politico compiuto, nella nuova carica, dall'illustre parlamentare.

***

Grande simpatia ha dimostrato anche la stampa locale per la visita dei giornalisti. Lunghi articoli di saluto, fotografie, commenti benevoli, pubblicano i maggiori fogli quotidiani, mettendo in rilievo l'importanza della visita.

Soprattutto, abbiamo letto con soddisfazione esaurienti particolari sull'organizzazione dell'Opera Nazionale Balilla in Italia: i titoli dei giornali suonano, per la gran parte, così: "Come si fa in Italia per educare la gioventù" : questa comprensione è uno dei più importanti risultati raggiunti dalla crociera: non si tratta di un viaggio di piacere per i mari d'Europa; sebbene di una gita istruttiva. Gli avanguardisti vanno a scuola sul "Battisti", ed è la scuola dei soldati.

In particolare, pieni di cortesie e di attenzioni verso i giornalisti italiani, sono stati i colleghi portoghesi (abbiamo il più caro ricordo del giovane Carlos Neves, direttore del "Diario de Noticias", e direttore del "Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa" per le sue commoventi premure) offrendo un'ospitalità squisita. Alcuni, viaggiando in Europa, hanno avuto modo di conoscere la facezia che corre sul conto dei loro connazionali e sarebbero molto lieti che simile allegra calunnia fosse smentita in pieno.

Hanno proprio ragione: bisogna constatare che i meno portoghesi sono proprio i portoghesi...

Eccoli accontentati.

CASCAES, SOGGIORNO DI CRESI

Anche il saluto di Lisbona è stato caldo ed affettuoso.

C'è ancora, sul molo, mentre il "Battisti" naviga verso l'estuario del Tago, la gran folla che s'è raccolta d'improvviso alla "Disinfeciòn" per dire la sua simpatia agli avanguardisti italiani: il malinconico destino di questa nave ci conduce lontani proprio quando si desidererebbe di più restare.

Tuttavia, è necessario: una lunga sosta sciuperebbe - rendendolo meno triste - l'incanto di questo distacco. Il fertile seme che i nostri mille ragazzi vanno gettando per il mondo, va seminato a piccole dosi: due giorni di sosta, brevi visite, tempo necessario per destare grandissime simpatie: poi la partenza, con la certezza - sia pure dolorosa - di lasciare qualche cosa.

Ecco lì ciò che lasciamo: degli stranieri capaci di gridare "alalà" e di fare il saluto romano.

Quella folla che, come tutte le folle, è indifferente, salta l'ora del pranzo per rimanere ancora un poco ad applaudire: il primo giorno, ha visto dei ragazzi che sapevano sfilare meravigliosamente e s'è incuriosita; il secondo giorno la curiosità è diventata entusiasmo e si sono viste le donne che attraversavano le file ordinate per dare un saluto a ciascuno: ora la gente – gente anonima, che è venuta alla "Disinfeciòn" sobbarcandosi alla fatica di una strada non breve – grida viva l'Italia: e non si può farne a meno, se l'Italia è capace di mandare in giro per il mondo ragazzi come questi.

A bordo, fino all'ultimo momento, è rimasto Giuseppe Bastianini, un Ministro affettuoso e cordialissimo. Per ringraziarlo d'ogni sollecitudine, gli avanguardisti, rientrando sulla nave - reduci

da una lunga gita a Cascàes – facevano il saluto alla voce, ricomponendo le file, quasi con la civetteria di mostrarsi ancora più belli.

Le squadre, anche le migliori, se sono stanche, si sbandano. La squadra è qualche cosa di vivo: è un essere solo che cammina con cento gambe e con altrettanto volontà. Dopo un giornata faticosa, viene una naturale rilassatezza che fa perdere un po' il "tempo", che fa agitare più del necessario qualche braccio, che porta nell'insieme quell'atteggiamento caratteristico delle truppe in marcia.

Ad ogni modo, stasera, le nostre schiere rientravano a bordo perfettissime: all'ultimo momento, senza che nessun comando degli ufficiali si udisse, i ragazzi si ricomponevano: avevano dato un bellissimo spettacolo d'ordine e di disciplina; pure non bastava: per Giuseppe Bastianini ci voleva qualche cosa d'altro, ci voleva il piccolo sacrificio di marciare ancor meglio. Così sono

tornati, dopo dodici ore di cerimonie, gli avanguardisti italiani: e sembravano usciti in quel momento da un lunghissimo riposo.

***

Adesso l’estuario del Tago ci rivela un pittoresco spettacolo di luci. Le sponde, gremite di ville, si accendono, nella notte, di tremolanti bagliori.

Davanti Cascaès, la luminosità cresce.

E’ Cascaès, qualcosa come la spiaggia atlantica più in voga del Portogallo. A quattro passi dal Lisbona, adagiata sulla sponda destra del Tago - là dove questo, facendosi larghissimo, confonde le sue acque con i flutti dell’oceano - è mèta dei cresi e degli eleganti.

Non si vedono circolare, sulle strade asfaltate, altro che macchine a sei cilindri: un cilindro di meno non avrebbe diritto di cittadinanza. Graziose ville gremiscono il luogo e animano, con le loro pretenziosità architettoniche, il verde ombrello dei pini.

Da Lisbona, in tram, si giunge a Cascaès in mezz’ora. Lungo il tragitto s’incontrano numerose stazioncine (semplici tettoie con un mezzo metro di sedile) e si può ammirare un panorama meraviglioso.

Dicono, i portoghesi, “que nam te visto Lisboa, nao tem visto cousa boa [sic]” (chi non ha visto Lisbona, non ha mai visto nulla di bello): e accennano, evidentemente alla felice posizione della capitale che ha in Cascaès e in altri ameni luoghi vicini, deliziosi paesaggi.

Ma, queste sentenze, bisogna sempre prenderle con beneficio d’inventario: come bisogna prendere con beneficio d’inventario i numerosi paragoni che si fanno a Costantinopoli e Napoli.

Più esatto è, invece, dire che Lisbona somiglia un po’ all’una e all’altra di tali città; come, inoltre, ha dei punti di contatto con certe stazioni climatiche della nostra riviera;

Ad ogni modo, è particolarissimo il carattere che le proviene dall’essere sulle soglie dell’Atlantico: questo fa dei suoi dintorni amene spiaggie, dove, al sorriso del clima, si alterna il flagello dei flutti, quando l’oceano è in collera. La spiaggia è disseminata, per lunghi tratti, di scogli: l’orrido è vicino al bello e non si sa dove l’uno cominci e l’altro finisca.

***

A Cascaès, gli avanguardisti hanno trascorso una deliziosa giornata: e val la pena di soffermarsi su qualche episodio, perché non può sfuggire ad alcuno il grande significato politico dell’avvenimento.

Già, a metà del tragitto, le vetture tranviarie speciali, messe a disposizione dalle autorità municipali, avevano dovuto soffermarsi brevemente presso la spiaggia, per consentire ai bimbi della “Colonia balnear infantil de’ Lisboa” (iniciativa das Iuntas de Freguesia) di festeggiare i ragazzi italiani.

Più tardi, a Cascaès, Bruno e Vittorio Mussolini sono stati ricevuti dal Presidente della Repubblica Portoghese, Oscar Carmona.

Abbiamo avuto modo di assistere al colloquio, che si è svolto con simpatica cordialità. L’illustre ospite ha accarezzato affettuosamente i figli del Duce e ha voluto, anche, farsi fotografare con loro sulla terrazza della magnifica residenza estiva. Il ministro Bastianini ha fatto da interprete nella breve conversazione:

- Avete viaggiato molto?

- E’ questa - ha risposto Vittorio, inchinandosi - la seconda crociera cui partecipiamo: anche l’anno scorso abbiamo seguito la spedizione organizzata dall’Opera Nazionale Balilla.

- Vi piace l’Oriente?

(Questa domanda dimostra che l’illustre uomo ha seguito anche l’anno scorso, traverso i resoconti giornalistici, l’itinerario della crociera: ed è di singolare importanza che queste iniziative dell’Opera Nazionale Balilla trovino, all’estero, tanti consensi ed approvazioni).

Vittorio, cortesemente, ha risposto:

- Mi piace anche l’Occidente…

Oscar Carmona ha sorriso:

- Sono lieto che il mio paese abbia accolto voi e i vostri compagni con spontaneo entusiasmo. Quando tornerete in Italia, ditelo a vostro padre: e ditegli che ho per lui una grande ammirazione.

Il colloquio è finito.

Accompagnato dal capo della sua casa militare e da alcuni dei suoi aiutanti, il Presidente scende insieme agli ospiti nel cortile della cittadella: le squadre avanguardiste lo attendono per essere passate in rivista.

Oscar Carmona si sofferma brevemente a parlare con qualcuno degli ufficiali; quindi ha luogo lo sfilamento, che si svolge ordinatissimo.

Per ringraziare l’illustre capo dello Stato Portoghese, il console generale Umberto Chiappe pronunzia brevi parole e gli dona, a nome di Renato Ricci, una medaglia d’oro. Con simpatica spontaneità, Oscar Carmona si volge alle squadre e grida: Viva l’Italia!

***

A prua, un coro di avanguardisti che hanno... la libera uscita (fino alle ventitre) canta sull’aria di “Maruska” una soave composizione del giovinetto triestino Vittorio Miani :

Sul mare dell’Italia
mille suoi giovani figli
alla Patria cantan in cor
l’inno lor.
Li cullano
le glauche onde del gran mare nostro
dolcemente:
con amor
con languor
rispondono
alla canzone di quei cuor.

O nave italiana che porti laggiù
la bella gioventù;
insegna a quei figli degli avi il valor
sopra il mare lor;
ricorda a quei giovani cuori
di Roma i molteplici allori:
rifulga più viva l’antica virtù,
o itala gioventù!

Rispondono al mare
le mille camicie nere
d’Italia
con ardor,
con calor
Ondeggia sui marosi muggenti
il vessillo della Patria
tricolor;
del valor
tutela sempre l’italico fior.

O mare italiano, l’antico valor
portiamo tutti in cor:
la stirpe risorta per continuar
(lo giura a te, o mar)
la possente anima fascista
continuare saprà la conquista
e sempre più grande l’Italia sarà;

Iddio ci guiderà;
e sempre più grande l'Italia farà
al grido di alalà!

***

Questa sera, nella casa navigante lungi dalla patria, la radio miracolosa ha inviato notizie dall'Italia. Anche gli altri giorni abbiamo avuto l'eco di quello che si fa laggiù; ma questa volta, tra i saggi provvedimenti del Duce uno ce n'è che ci colma di gioia: l'Opera Nazionale Balilla ha avuto un altro altissimo riconoscimento e il suo presidente, Renato Ricci, è divenuto sottosegretario di Stato al ministero dell'Educazione Nazionale. Attorno al rettangolo di carta che reca in succinto la notizia, sono passati tutti gli avanguardisti cui - anche nei meandri più reconditi della nave - era giunta l'eco di qualcosa di nuovo: e quando il "Battisti" è tornato silenzioso, a notte fonda, è parso che quel silenzio si adagiasse su una soddisfatta gaiezza.

***

Abbiamo inseguito disperatamente una "corrida" da Barcellona a Lisbona: e non l'abbiamo mai trovata. Domani, a Palma di Majorca, dovremmo trovarne - se i calcoli e le speranze non fallano - almeno una. Ma, ormai, chi si fida? Ragione per la quale, a bordo, si è pensato di ovviare all'inconveniente in un modo semplice ed originale: la "corrida", visto che non c'è [sic] l'hanno fatta gli altri, ce la faremo noi.

Qualcuno dei ragazzi si è bardato da "torero"; qualche altro da "espada"; qualche altro ancora da "banderilleros" (sembrerebbe una cosa molto difficile riprodurre il colore locale delle corride : ma, con qualche centimetro di basetta al nerofumo e le coperte della tavola come paludamenti, l'illusione diviene quasi perfetta).

Dopo, gli organizzatori hanno preparato - a prua della nave - l'arena e hanno lanciato per ogni dove l'annuncio della prossima tenzone.

Inutile dire che gli spettatori - da quelli modesti, a quelli di alto rango, come il comandante e il console generale Chiappe - sono corsi a prendere posto, in curiosa attesa dello spettacolo. E, proprio a questo punto, si è verificato un piccolo inconveniente, che ha minacciato di compromettere in modo serio le sorti della "corrida": gli organizzatori si sono accorti che mancava il toro…

Qualche avanguardista di abbondante coraggio, si è subito offerto: " Il toro lo faccio io!" ; ma, dopo attento esame, la sfiducia è tornata più nera di prima: il facente funzioni di toro aveva molta buona volontà: però mancava delle corna regolamentari…

Solo uno sprazzo di genio degli organizzatori ha salvato, alla fine, lo spettacolo: con un lenzuolo e due bastoni che uscivano dalle ampie pieghe di esso, si poteva combinare qualcosa che assomigliasse, sia pure lontanamente, alle pericolose armi taurine.

La “corrida” ha avuto inizio.

Fra le risate del pubblico, si vedeva il magnifico tappeto rosso della sala da pranzo roteare, con fulminea rapidità, davanti a due manici di scopa che uscivano dal misterioso lenzuolo (quattro

gambe - umane … - si agitavano disperatamente fra le pieghe del paludamento e l’essere straordinario che nessun trattato di zoologia avrebbe potuto classificare, combinava ardite evoluzioni sulla tolda).

Al caratteristico spettacolo, molti hanno preso gusto e s’è udita qualche voce:

- Muoia il toro!

Ma, tra il parere di questi spettatori e il parere dell’interessato, si è rilevata subito una insormontabile divergenza: il toro non ne voleva sapere affatto di morire: ragione per cui, ha creduto bene allontanarsi: e, per timore di peggiori conseguenze, s’è arrampicato sull’albero di trinchetto. Dal quale è sceso solo un’ora dopo, rispondendo alle reiterate suppliche del maestro di casa, che voleva assolutamente il suo tappeto.

CAP. I*

LA PRIMAVERA DEL 1940 A LISBONA – I CENTENARI PORTOGHESI – LE “ZONE DI PACE” – SFORZI DI SALAZAR PER LOCALIZZARE IL CONFLITTO – IL TEMPO LAVORA PER GLI INGLESI – LO SBARCO IN INGHILTERRA : “IMPRESA IMPOSSIBILE”.

Nella primavera del 1940 fui destinato come Ministro d’Italia a Lisbona. Giunsi nella capitale portoghese che vi fervevano i preparativi per la celebrazione dei centenari dell’indipendenza.

Mentre la guerra era ferma in Europa lungo le grandi trincee della linea Sigfrido e della linea Maginot, mentre gli eserciti potenti degli alleati e del Reich tedesco si preparavano al grande urto che doveva decidere della storia dell’Europa se non per i mille anni pretesi da Hitler, almeno per qualche tempo, il piccolo Portogallo era tutto un cantiere fervente di opere. Quel popolo pacifico, orgoglioso del suo impero, fiero della sua indipendenza esaltava attraverso una serie di manifestazioni varie, di ricche e variopinte esposizioni, di mostre coloniali, di cerimonie patriottiche e religiose i sei ultimi secoli della sua storia. Storia di una pacifica espansione, di conquiste quasi mai cruente, storia che aveva preso a metro gli oceani e i continenti, a simbolo la croce e a strumento le gloriose caravelle di Vasco de Gama, di Avarez Cabral e di Bartolomeo Diaz.

Giungendo a Lisbona rimasi molto gradevolmente impressionato di questo impegno costruttivo e pacifico che il Portogallo si era assunto in un momento così cruciale della storia del mondo. Il paese mi fece un’eccellente impressione. Esso era tranquillo prospero e ordinato. Mancavo dal Portogallo

dal 1927 e lo trovavo completamente trasformato. Strade magnifiche, opere pubbliche abbondanti, scuole, ospedali in quantità: segno di una civiltà che costruisce e cammina. Anche i più remoti villaggi lungo la costa del sonoro atlantico, davano la sensazione di un mondo che si innalzava; già tutti ritinti in colori vivaci, parati a festa per i grandi avvenimenti davano al paesaggio un tono di lucido, di trasparente, di fiorito che consolava chi giungeva in Portogallo dall'arido e arrossato altipiano di Castiglia.

Questo sforzo considerevole che la repubblica portoghese aveva fatto in mezzo ad un'Europa che già cominciava a sanguinare e della quale già crollavano le prime impalcature mi aveva racconsolato [sic]. Mi ero detto che se una manifestazione di così vasta portata era stata possibile ad un piccolo paese come il Portogallo ciò avrebbe dovuto essere ancora più possibile ad un paese come l'Italia.

---

* Si citano qui di seguito i capitoli I, II e III (da p. 3 a p. 37) di R. Bova Scoppa, ***Colloqui con due dittatori***, Roma, Nicola Ruffolo , 1949.

A Roma i cantieri dell'E.42, dell'esposizione che si andava organizzando tra S. Paolo e il mare erano in attività. Se Mussolini avesse persistito - secondo i voti di tutti gli italiani - a restare neutrale anche qualificando la neutralità italiana per "non belligeranza", l'E.42 - come si chiamava per abbreviazione l'esposizione italiana - avrebbe potuto diventare una realtà. Molti italiani in buona fede si attendevano che l'uomo il quale aveva solennemente dichiarato " questa è la guerra che noi preferiamo, quella in cui si redime la terra e si fondano le città" desse finalmente la prova che egli credeva nella religione del lavoro, che egli veramente intendeva opporre al mostro della guerra le opere della pace, che egli avrebbe così , nel bel mezzo dell'Europa sanguinante celebrato quella che con nome piuttosto pomposo, ma che a quell'epoca avrebbe potuto ben calzare, aveva chiamato: l' "Olimpiade della civiltà".

V'erano altri italiani che non si facevano alcuna illusione; che sapevano perfettamente come il dittatore ambizioso e temerario che dai successi d'Etiopia e d'Albania aveva aspirato vapori alcolici che gli erano montati alla testa, non avrebbe esitato a gettarsi nella tragica vicenda al momento che egli avesse considerato il più opportuno, per trarne i più facili allori.

Arrivando a Lisbona in quella primavera del 1940 il mio cervello non aveva dubbi sul proposito del dittatore italiano di entrare nel conflitto; ma il mio cuore di uomo era gonfio d'un polline misterioso e segreto che si chiamava speranza e che prendeva tanta più forza dalla visione quotidiana di ciò che il Portogallo faceva in piena guerra.

Per questa ragione mi affrettai in una serie di rapporti a Roma a celebrare lo spettacolo che il Portogallo offriva al mondo in un'ora così tragica della sua

vita; il prestigio indiscusso che derivava a quel paese da codesta specie di sfida pacifica che esso lanciava all'umanità, dall'atto di fede che esso solennemente proclamava mostrando il volto della sua colonizzazione, l'opera cospicua fatta dai suoi apostoli e dai suoi esploratori. Veramente guardando al Portogallo in quei tragici giorni veniva da ripensare alla celebre frase della Contessa de Noailles: "mon coeur a déclaré la paix à l'univers".

Era evidente che se l'Italia avesse potuto seguire l'esempio portoghese, Roma sarebbe diventata il centro pacifico dell'Europa in fiamme, il paese verso il quale si sarebbe rivolta l'aspettazione dei popoli e la funzione mediatrice che l'Italia aveva avuto nel 1938 all'epoca di Monaco avrebbe potuto acquistare un carattere determinante e decisivo e assumere quasi una veste arbitrale.

L'Italia che racchiudeva nel suo seno la forza gigante del Vaticano avrebbe potuto operare decisamente a fianco degli Stati Uniti se a un certo punto della drammatica vicenda questi avessero interposto il loro altissimo peso per porre fine al conflitto e trovarne un'onorevole soluzione.

Bisognava perciò mettere bene in risalto a Roma la funzione non solo spettacolare ma ammonitrice e politica del Portogallo in quella primavera del 1940 che per diversi segni sembrava dover essere decisiva per la storia d'Europa.

Per quanto i discorsi che i Ministri e gli Ambasciatori pronunziano all'atto della presentazione delle loro lettere credenziali abbiano perduto negli ultimi tempi molta dell'importanza che essi avevano una volta, tuttavia prima di partire da Roma avevo chiesto se dovessi sottoporre alla visione e all'approvazione del Ministro il testo del discorso che intendevo pronunziare davanti al Presidente Carmona. Ciano mi fece dire che non gli interessava affatto leggere il discorso e che lo facessi vedere a Buti che era direttore generale degli affari politici. Buti non fece nessuna osservazione. Mi

parve buon segno che egli non avesse modificato la conclusione del mio discorso nel quale esaltava " l'esempio di pace che l' Italia e il Portogallo davano in mezzo a tanta guerra dedicandosi alle opere del lavoro" e concludevo affermando che l'Europa avrebbe dovuto ispirarsi a tale esempio per trovare le vie della sua salvezza.

Nel presentare le credenziali al generale Carmona parlai dei due popoli che nel corso di tutta la loro storia non avevano conosciuto che un solo sentimento quello dell'amicizia e che erano stati per secoli affini non solo nel sangue ma nel riempire il mondo delle loro opere di civiltà, nel lanciare attraverso le vie del mare e della terra i loro esploratori, i loro navigatori, i loro apostoli, i loro pionieri, i loro missionari e il loro genio. Così - dicevo - possa continuare quest'opera anche nell'avvenire!

Il Presidente Carmona nel rispondermi mise l'accento su questa identità del destino dei due popoli; esaltò le celebrazioni che il Portogallo aveva

organizzato, auspicò che anche l'Italia continuasse a dare al mondo un grande esempio di pace.

Nella conversazione privata che seguì subito dopo la presentazione delle lettere credenziali e alla quale presenziò anche il Presidente Salazar, il generale Carmona si informò con molto interesse della situazione italiana; mi chiese se Mussolini fosse sempre fermamente deciso a mantenere la neutralità; se vi era da sperare in un'azione coordinata dei neutri per impedire il dilagare del conflitto. Le istruzioni con cui ero partito potevano essere contenute in una semplice e sintetica frase e cioè "nessuna istruzione". Ciano mi aveva ricevuto per i consueti cinque minuti limitandosi a domandarmi se ero contento di andare in Portogallo e mi aveva congedato con la massima rapidità col pretesto che aveva altre udienze dopo la mia. Egli sapeva che io partivo per un paese che sarebbe diventato un posto d'osservazione di massima importanza sia perché neutrale sia perché in posizione particolarmente favorevole a tutti gli scambi, a tutti i traffici, a tutte le possibili conversazioni. Porta aperta sull'Atlantico, osservatorio eccezionale nei confronti dei due paesi che maggiormente interessavano ai fini del conflitto: gli Stati Uniti e l'Inghilterra. Malgrado ciò egli si guardò bene dal darmi la minima istruzione; non m'incaricò nemmeno d'un convenzionale messaggio di saluto per il Presidente Salazar, né mi raccomandò di tenere gli occhi bene aperti e di segnalare tutto ciò che poteva essere utile ed interessante.

Inutile aggiungere che nessuna istruzione di nessun genere mi dettero i collaboratori diretti di Ciano per gli affari politici e dai quali ero stato a congedarmi prima di partire. Mi fu quindi necessario nelle risposte che diedi al Presidente Carmona di fare appello a quelle risorse personali che durante un ventennio la diplomazia italiana, tenuta sempre all'oscuro dei divisamenti, delle idee e della linea politica di Roma fascista, ha dovuto trovare nello spirito dei suoi agenti. E così risposi che i propositi di Roma di restare neutrale mi sembravano certi, che i lavori per l'esposizione dell'E.42 continuavano a gran ritmo; che si erano costruiti giganteschi edifici con carattere permanente, che si erano spesi centinaia di milioni ed altre centinaia ne erano bilanciati in favore di quella grandiosa manifestazione pacifica; che la speranza di tutti gli italiani era che l'Italia potesse seguire l'esempio del Portogallo; confidavo che Mussolini avrebbe fatto tutto il possibile assieme agli altri paesi neutrali per evitare l'allargamento del conflitto ed anche, se se ne fosse presentata l'opportunità, per dirimerlo e comporlo. Durante queste mie dichiarazioni vidi che gli occhi profondi e magnetici di Salazar mi fissavano con una particolare intensità e con un'ansia che gli illuminava il viso.

Due giorni dopo egli mi doveva ricevere per espormi in una conversazione, che resta ancora oggi per me indimenticabile, la sua teoria delle "zone di

pace” con la quale egli sperava si potesse localizzare il conflitto e non estenderlo in nessun modo al Mediterraneo.

***

Per andare in Portogallo mi ero imbarcato a Napoli sul piroscafo “Roma” che doveva fare uno dei suoi ultimi viaggi d’America. Ma già nella primavera del 1940 il grande turismo internazionale era morto. Il magnifico piroscafo era quasi vuoto. Esso fu trattenuto a Gibilterra dal controllo inglese circa 24 ore, quanto mi bastò per accorgermi che i preparativi per l’assetto difensivo di questa piazza forte, da parte britannica, - erano formidabili.

Durante quei giorni di navigazione mi ero molto interessato a un libro sul Portogallo che avevo preso con me, libro documentato e profondo dovuto a quel chiaro osservatore e acuto filosofo che è lo scrittore svizzero Gonzague de Reynold. Parlando di Salazar e della sua azione politica De Reynold scriveva: “ on aimerait bien se confesser à Salazar mais on aurait peur de passer un exasmen devant lui”.

Quando mi presentai perciò in una chiara mattina primaverile nell’anticamera dell’ufficio di Salazar e attesi qualche minuto per essere ricevuto mi dissi: vediamo se avrò a che fare con un confessore o un esaminatore e naturalmente il ricordo dei palpiti che ogni uomo porta con sé ripensando alla propria vita di studente mi induceva a preferire la prima ipotesi: che potessi cioè trovarmi davanti a un uomo che invece di esaminarmi mi avesse semplicemente e umanamente ascoltato. Sta di fatto che quando entrai nel modesto ufficio del primo ministro portoghese e vidi innanzi tutto gli occhi profondi, buoni, umanissimi di lui mi dissi che non avrei temuto neanche un esame, tanta serenità tanta quiete e tanta comprensione essi esprimevano.

E devo dire che la mia prima udienza col signor Salazar fu veramente una specie di esame. Un esame che portava su delle materie difficilissime e per le quali sarebbe stata vana ogni preparazione poiché tali materie erano la guerra e la pace e l’indagine profonda acuta analitica per esaminare se quest’ultima poteva essere ancora il retaggio dei superstiti e un modo di salvazione per i neutri. Il regime portoghese non quadra affatto con quelle aspirazioni verso la democrazia e la libertà che animano oggi i popoli di tutto il mondo ma da un punto di vista storico ciò non toglie alcun interesse ai tentativi che il signor Salazar ha fatto per evitare che l’Italia entrasse in guerra e per localizzare il conflitto.

Il Presidente portoghese mi informò subito se Mussolini intendeva nella grande incertezza dell’ora optare per la pace anziché per la guerra. Naturalmente io ero perfettamente all’oscuro di quelli che fossero i reali divisamenti del dittatore italiano. Tuttavia ero portato, seguendo il mio istinto, a far credito a una certa volontà di pace che doveva a mio avviso in qualche modo ispirare Mussolini. Era un dato di fatto incontestabile che durante la crisi del 1938 egli si era adoperato per evitare il conflitto, che il 31 agosto del ’39 egli aveva proposto ai governi francese e inglese di convocare una conferenza internazionale per il 5 settembre e con lo scopo di rivedere le clausole del trattato di Versaglia che erano secondo la frase da lui adoperata

“la causa del turbamento della vita europea” e cioè in sostanza egli aveva ancora in ***articulo mortis*** fatto l’ultimo tentativo in Europa per evitare la guerra. Era anche indubitato, a parte certe precise posizioni ideologiche e politiche, che l’assoluta impreparazione dell’Italia ad ogni specie di conflitto, la volontà manifesta del popolo italiano di restare al di fuori della conflagrazione erano elementi di importanza capitale che, a mio avviso,

avrebbero dovuto essere il motivo determinante della sua condotta politica. Per quanto, perciò, gli uomini che conducevano la nostra politica estera m’avessero fatto partire senza il minimo orientamento, senza neppure quelle indicazioni di massima che dovrebbero servire a dare il là ad un capo missione all’estero (e questo non fu un trattamento riservato solo a me ma una pratica costante del regime, usata nei confronti di tutti i capi missione) ripetei a Salazar quella che era la mia fervida e segreta speranza.

Salazar allora mi disse (estraggo le sue parole dalle mie note prese immediatamente dopo il colloquio) : “ Bisogna che l’Italia resti neutrale. La neutralità dell’Italia è condizione per la salvezza dell’Europa. La mia tesi è chiara. Se vogliamo che il nostro continente non perisca bisogna in mezzo alla tempesta che diventerà spaventosa creare delle aree di pace (***testualmente : des zones des paix***). Quello che soprattutto interessa è che si crei e si stabilizzi una zona di pace nel Mediterraneo. Questa zona costituisce uno dei punti nevralgici del mondo. Se la guerra si estende al Mediterraneo l’Europa è condannata alla rovina. Noi abbiamo invece il dovere di salvarla e dobbiamo fare tutto il possibile per conservare i paesi mediterranei fuori dal conflitto. Poiché sarà allora dalla zona di pace del Mediterraneo che potrà sorgere la possibilità della composizione, dell’eventuale arbitrato e della pace. Se tutta l’Europa s’infiamma non vi sarà più su questo continente nessuna autorità, nessun uomo politico, nessun ambiente che possa con successo e spassionatamente lavorare ai fini della pace. La funzione di queste zone di pace che io patrocino è appunto quella di neutralizzare il dilagare delle zone di guerra destinate purtroppo a far perire l’Europa. Mussolini potrà rendere un grandissimo servizio alla causa dell’umanità e della pace e al suo paese se resterà fuori dal conflitto e sopratutto se si adopererà per favorire una pace per quanto è possibile giusta!”.

Le parole di Salazar gettavano un balsamo sul mio spirito. Erano ispirate ad una grande saggezza politica. La sua visione era chiara. Se anche le “aere di pace” che finora avevano resistito - forse perché il conflitto si era cristallizzato all’Ovest - si fossero trasformate in zone di distruzione e di morte l’Europa doveva considerarsi perduta.

L’uomo di stato portoghese continuò ad interrogarmi lungamente sulla situazione in Italia, sullo stato d’animo del popolo italiano, sui progetti di Mussolini, sulla Germania, sulla Russia e ad ogni domanda i suoi occhi si fissavano nei miei e sembrava fosse più quello sguardo, fatto d’indagine e penetrazione, a chiedere e a investigare che non le stesse parole. Al termine del colloquio nel congedarmi ricordai a Salazar la frase di Gonzague de Reynold e gli dissi che benché prevenuto dalla difficoltà di passare un esame

davanti a lui non avevo esitato a lanciarmi a capofitto nella pericolosa avventura sostenendo il fuoco di fila delle sue interrogazioni. Salazar sorrise ed ebbe una generosa ***repartie*** dicendomi che avevo superato brillantemente l'esame! Naturalmente il succo della conversazione con Salazar partì per Roma ed a questa prima segnalazione sulle idee del Presidente portoghese ne seguirono numerose altre, tutte ispirate al medesimo concetto.

Subito dopo l'infausto 10 Giugno rividi il signor Salazar. Egli si mostrò afflittissimo per l'intervento italiano nella guerra. Sentii nella sua profonda e sincera afflizione che Mussolini non ascoltando i consigli che egli si era affrettato a fargli pervenire aveva ferito la sua coscienza di ***europeo***.

Gerard Bauer definì Salazar come "un mistico dei numeri" ma chi ha avvicinato il primo ministro portoghese non può fare a meno di convenire che egli è un mistico della storia e della vita.

Una casa modestissima, un tenore di vita francescano. Niente, né nell'aspetto esteriore né nel gesto né nello stile del modello ormai ben diffuso nel mondo del dittatore tipo. Nessuno lo ha mai visto né ad un teatro né ad una festa. E una vita così severa fa talvolta pensare che egli diriga gli affari dello stato da una cella d'un convento di clausura. Non posso non ricordare la semplicità, la naturalezza dell'uomo di stato portoghese, la bontà del suo sguardo l'affabilità dei suo modi l'estrema profonda umanità del suo modo di sentire e di considerare i problemi dello spirito.

Naturalmente nel suo atteggiamento così preciso d'indurre Mussolini alla neutralità non vi sarà stato solo un puro e disinteressato amore per la pace ma anche il programma di evitare complicazioni che potessero portare pregiudizio al suo paese e certo anche il desiderio di evitare che si dislocasse l'equilibrio degli imperi coloniali del mondo, equilibrio al quale, come è comprensibile, il Portogallo era particolarmente interessato.

***

Lisbona fu un osservatorio molto interessante durante la guerra. A parte il fatto che tra l' "Avis", l' "Avenida Palace", e l'hôtel Palace di Estoril bazzicavano agenti segreti, spie, informatori, avventurieri e tutto quel mondo variopinto che si coagula ad ogni guerra nei paesi neutrali, Lisbona era la testa di ponte dell'Europa continentale verso l'America. I servizi aerei dei Clipper d'una regolarità cronometrica e i frequenti approdi di navi sul Tago rappresentavano il punto di contatto diretto tra il vecchio e il nuovo mondo. Giornalisti, uomini d'affari, uomini politici, emigrati politici, agenti segreti si affollavano in gran numero nella capitale portoghese in quella estate del 1940 che sembrava dover essere decisiva per i destini d'Europa.

Per un agente diplomatico certo il lavoro non mancava. I contatti erano frequenti, le informazioni numerose e devo convenire che Lisbona non era uno di quei centri d'informazione bluffistica a base di ***canards*** di cui l'Europa

abbonda. Tutto lo stile della vita portoghese di quell'anno era improntato a serietà e a riservatezza. La stessa stampa portoghese che non nascondeva le sue simpatie vivissime per la causa degli alleati dava prova d'una estrema moderazione e d'una esemplare prudenza. In un ambiente che assisteva senza isterismi alla grandiosa tragedia in cui da un momento all'altro poteva venire travolto e che non si prevaleva del suo invidiabile privilegio di neutralità per trasformarsi in uno spaccio di notizie false, la raccolta delle informazioni poteva essere fatta con serietà e con sceverata acutezza.

Fu così che fin dall'estate del 1940 mi fu possibile inviare a Roma delle informazioni e delle notizie che avrebbero potuto aprire gli occhi a l'uomo che si era lanciato a capofitto nella tragica avventura. Alla fine di agosto 1940 ero già in condizioni di segnalare che "gli effetti dei bombardamenti inglesi in Germania erano micidiali. La RAF - aggiungevo - riceverebbe già in gran numero apparecchi e piloti dall'America. I bombardamenti tedeschi hanno conseguenze gravi nei porti britannici ma l'Inghilterra non la si conquista dall'aria. ***Il tempo lavora per gli inglesi***. A partire dal 15 settembre ogni tentativo di sbarco attraverso la Manica sarà impossibile. Hitler non ha dunque più che due settimane di tempo per poter tentare qualche cosa di grosso. In ogni caso anche se riuscisse lo sbarco di uomini su alcuni punti della costa ciò non significherebbe affatto che l'Inghilterra è perduta. Ciò che occorre sbarcare sono i congegni pesanti, i carri armati, le grosse artiglierie. ***Una tale impresa sarà impossibile!*** Le misure contro il panico delle popolazioni sono al punto. Le notizie che giungono dall'America sono oltremodo confortanti. ***In nessun caso l'America permetterà che l'Impero britannico e la flotta britannica vengano distrutti***. Un simile sconvolgimento metterebbe l'America alla mercé della Germania e del Giappone. Tanto Roosevelt

che Wilkie sarebbero entrambi convinti di questa verità e per conseguenza decisi all'intervento. La notizia degli ultimi accordi tra Canadà e America e tra Inghilterra e America, nonché la prossima cessione dei 50 cacciatorpediniere americani alla flotta inglese non fanno che confermare tale ipotesi. Per l'Inghilterra si tratta quindi di resistere ancora due mesi dopodiché essa potrà cominciare i bombardamenti della Germania con squadre di qualche migliaio di apparecchi in maniera da abbattere sempre più il morale delle popolazioni tedesche". A queste informazioni aggiungevo all'indomani quasi di Dunkerque: " I critici militari dei differenti quotidiani portoghesi mettono in grande risalto la resistenza aerea della Gran Bretagna e il potere offensivo della R.A.F. nonché lo stato d'animo dell'opinione pubblica inglese che si mantiene calma e decisa a continuare la lotta". Non starò a riferire quante informazioni analoghe io abbia mandato in quel periodo di tempo servendomi dell'eccellente fonte di notizie serie e fondate che era Lisbona di quel tempo.

Naturalmente non mi servivo solo di informatori non ufficiali anche se la loro attendibilità non poteva in nessun caso esser messa in dubbio. Salazar che era una delle fonti più autorevoli e più degne di credito m'aveva autorizzato il 14 novembre 1940 a comunicare a Mussolini una sua convinzione che così

riassunsi: “L’America - mi ha detto Salazar - che è belligerante di fatto ma non di diritto ormai si è impegnata nella lotta e farà di tutto per impedire che l’impero britannico sia battuto perché ciò implicherebbe indirettamente una sua clamorosa sconfitta. Anche se la Germania si impadronirà di tutto il continente europeo e poi di tutto il Mediterraneo e dell’Africa del Nord la guerra non finirà per questo. Naturalmente voi siete in misura di infliggere scacchi gravissimi al prestigio britannico ma finché Inghilterra e America avranno la padronanza del mare esse continueranno la lotta e cercheranno di affamare l’Europa. Il solo modo per evitare tutto questo sarebbe stato quello di salvare la zona di pace mediterranea!

Il viaggio di Moltov a Berlino - precisò Salazar - è un avvenimento di alta importanza ma non vedo altra via per la Germania se vuole veramente accattivarsi la Russia che di permetterle l’insediamento sui Dardanelli e sul Bosforo. Per voi italiani l’affacciarsi dei russi sul Mediterraneo non costituire una prospettiva lieta. E poi voi italiani non avete materie prime. E come farete se la guerra dovrà prolungarsi per molto tempo? I capi, anche se geniali, non possono trasformare “povertà in ricchezza”. A questa giusta osservazione di Salazar arrischiai una risposta che oggi le Commissioni di Epurazione mi rinfaccerebbero come un atteggiamento filofascista mentre era una obiezione quasi naturale e istintiva. Dissi infatti: “qualche volta i poveri fanno la guerra per liberarsi dalla povertà e tentare la via della ricchezza. Può darsi che questa idea abbia sedotto Mussolini”. Il saggio che mi ascoltava sorrise con occhio scettico. Egli sapeva che povertà più guerra non producono ricchezza ma una somma maggiore di povertà di rovine, e di lutti.

CAP. II

L’OPINIONE PUBBLICA PORTOGHESE E LA GUERRA - AMBASCIATORI NEMICI A CONTATTO AL PALAZZO DI BELEM - “DISCUTETE E TRATTATE CON L’INGHILTERRA” - I POPOLI CHE AMANO LA VITA E QUELLI CHE AMANO LA MORTE - UNA FORMULA ONOREVOLE PER PORRE TERMINE ALLE OSTILITA’- LE MISSIONI DI LEAHY E DI

DONOVAN - PRIMI ALLARMI SULLA POSSIBILITA' DI SBARCHI IN AFRICA

Il 2 giugno 1940 ebbero inizio le cerimonie per i centenari portoghesi con un solenne Te Deum che ebbe luogo nella cattedrale di Lisbona. Il corpo diplomatico intervenne alla cerimonia in grande uniforme. La chiesa era profumata di odorosi incensi e popolata da un pubblico variopinto ed elegante. Alla fine della cerimonia le missioni diplomatiche che erano state disposte per ordine alfabetico e non sulla base delle precedenze dei capi missione, che sono regolate secondo l'ordine della presentazione delle loro lettere credenziali, uscirono a brevi intervalli l'una dall'altra. Nella piazza antistante la chiesa si era raccolta una numerosa folla per assistere allo spettacolo pittoresco. Quando uscì la missione britannica si levò un caldo applauso. Non appena sulla porta della chiesa si profilò la figura caratteristica del Ministro di Francia Aimé-le Roi seguito dal suo abilissimo Consigliere de Panafieu un'acclamazione si levò dalla folla. In quei giorni la Francia stava piegando sotto il tallone prussiano e i portoghesi manifestavano senza curarsi della neutralità i loro sentimenti a favore delle vittime del militarismo e dell'oppressione. Si ebbe la riprova dei veri sentimenti dell'opinione pubblica portoghese subito dopo, quando dal portale della chiesa uscì il Ministro della Germania barone Hoiningen-Hune seguito da un codazzo di uniformi variopinte. Non solo nessun applauso si levò dalla folla ma si intesero anche distintamente alcuni fischi. Il barone Hoiningen-Hune si affrettò a scendere la scalinata della chiesa e a sparire in automobile. Il rappresentante italiano raccolse qualche magro applauso. Già al 2 giugno si sapeva dovunque che il fascismo stava premeditando il colpo che doveva supinamente buttarlo nelle braccia della Germania e fissare il suo destino a quello del nazionalsocialismo. Così i pochi applausi riscossi si indirizzavano a quell'Italia eterna, madre della latinità che era vivissima nei cuori dei Portoghesi mentre il silenzio dei più era manifesta e anticipata condanna verso una colposa solidarietà con il paese che aveva scatenato la guerra in Europa e intendeva imporre al mondo un "nuovo ordine" che non poteva essere altro che l'ordine teutonico.

Il 14 Giugno i tedeschi entravano a Parigi e il 17 la Francia chiedeva l'armistizio. Sembrava veramente che il destino dell'Europa fosse segnato.
Il 24 Giugno arrivò da Londra tutto il personale dell'Ambasciata italiana che doveva poi proseguire per l'Italia alcuni giorni dopo con il "Conte Rosso". Vi erano fra quei giovani segretari

dell'Ambasciata alcuni come il valoroso Benedetto Gentile che parlando della guerra scuotevano il capo; che sapevano perfettamente come l'Inghilterra fosse imbattibile non solo per le risorse straordinarie del suo impero, per la tenacia e il patriottismo dei suoi abitanti, per il fatto che essa controllava le vie del mare con la più potente flotta del mondo, ma anche perché dietro di essa vi era in potenza l'America e questo solo dettaglio era il più formidabile segno non solo di resistenza ma in definitiva la più chiara garanzia di vittoria.

Il 26 Giugno il Presidente della Repubblica Carmona ricevette nel palazzo di Belem le Ambasciate straordinarie che erano giunte a Lisbona per assistere alle feste centenarie.

Anche qui non si credette di poter fare due cerimonie separate fra i rappresentanti dell'Asse e gli alleati. Fu fatta eccezione pel Duca di Kent che era alla testa della missione britannica. Gli altri inviati con i loro seguiti presero posto tutti insieme nel grande salone del Palazzo e i capi missione consegnarono uno alla volta le loro lettere credenziali presentando i loro seguiti. Fu uno spettacolo crudele che mi riempì il cuore di commozione quello di vedere il rappresentante francese col suo seguito - tutti con dei visi terrei e disfatti - prender posto quasi a fianco della missione tedesca. Io avevo fra quei francesi degli amici carissimi con i quali durante molti anni a Ginevra mi ero battuto in un perfetta comunione di sentimento e d'idee per evitare la frattura del fronte di Locarno che avrebbe rappresentato il prologo della guerra. Ed ora per il delirio di grandezza d'un dittatore eravamo costretti dopo anni di schietta fraternità a militare in due campi opposti. Devo dire che fu solo una parentesi amara di due settimane. Quasi subito dopo la conclusione dell'armistizio io ripresi i rapporti personali cordialissimi che avevo sempre mantenuto anche a Ginevra con i rappresentanti della Francia e in special modo col consigliere De Panafieu e con l'addetto commerciale conte de Sèze.

***

Fu in quei tristi giorni che fui ricevuto da Salazar. Lo trovai molto preoccupato per le minacce che il conflitto nel Mediterraneo teneva sospese sulla penisola iberica e per la paradossale situazione in cui la penisola si trovava. Da una parte la Spagna filonazista che malgrado la gravità della situazione interna (in quell'anno difettava perfino il pane a Madrid) non nascondeva il suo proposito di attaccare Gibilterra e impadronirsi del Marocco francese se l'Inghilterra avesse dato segni di collasso; dall'altra il Portogallo che era legato alla Gran Bretagna da una alleanza che risaliva al 1703 e che era il presupposto e la condizione per la salvaguardia dell'Impero portoghese. Salazar, che si compiaceva definire il suo regime come autoritario e non totalitario e insisteva spesso su tale distinzione meno semplice di quanto sembri, non nascondeva le sue impazienze per le difficoltà che gli inglesi creavano al commercio portoghese. Gli inglesi avevano adottato la famosa politica del ***navicert***. Nessun battello poteva solcare il mare se non munito di un simile documento che rilasciavano i consoli inglesi nei diversi paesi del mondo solo su speciali autorizzazioni che giungevano di volta in volta da Londra. Naturalmente questa politica mirava a rendere effettivo il blocco contro le potenze dell'Asse. E' chiaro che essa interferiva gravemente nel commercio dei neutri e il Portogallo, paese che viveva soprattutto

d’importazioni e di scambi col suo fiorente impero coloniale, subiva delle restrizioni imposte al commercio dalla Gran Bretagna e delle noie e dei danni considerevoli. Salazar non si nascose mai la sua amarezza per la difficile situazione in cui il suo paese veniva a trovarsi come conseguenza di tale politica. Le autorità britanniche non contente della garanzia che i portoghesi avevano fornito di non riesportare le materie prime che ricevevano da altri mercati esigevano che non si esportasse neppure quello che era prodotto nazionale portoghese e sottoponevano il paese a un contingentamento ridotto al

minimo per evitare riesportazioni indirette verso i paesi dell’Asse. Una leggenda circolante all’epoca della guerra mirava ad accreditare la convinzione che Salazar fosse favorevole alle potenze dell’Asse. Io sono il miglior testimone che tutto ciò è falso. A parte il nervosismo per le restrizioni cui era sottoposto il suo paese e che appaiono più che giustificate in un uomo di stato che si preoccupa del benessere del suo popolo, Salazar nei lunghi colloqui avuti con me non disse mai una parola che potesse essere interpretata come simpatia verso la causa dell’Asse o critica verso gli alleati. Devo anzi dire per la verità che egli fu molto esplicito sempre nel criticare con me aspramente la politica tedesca.

Il giorno 13 Maggio ’40 egli mi aveva testualmente detto - come naturalmente riferii a Roma - : “Io credo che a voi convenga discutere e trattare con l’Inghilterra. Se l’Italia dovesse entrare in guerra ne avrei un profondo dolore perché la Turchia seguirebbe il moviento [sic] e i Balcani finirebbero per essere coinvolti anch’essi nel conflitto. La mia speranza sinora è stata che Mussolini potesse conservare le sue forze intatte per agire col peso di esse ed organizzare così la pace e la nuova Europa. Se tutta l’Europa sarà presa nel rogo della guerra la sola potenza che veramente profitterà dell’avvenire sarà la Russia. Io mi chiedo - precisò Salazar - quale convenienza abbiate a favorire lo stabilimento di una egemonia continentale tedesca che sarebbe d’un terribile peso per voi. A mio avviso la funzione dell’Italia dovrebbe essere quella di equilibrare le forze, tenendo presente che i tedeschi hanno la guerra e la conquista nel sangue. La guerra è una fatalità storica che pesa sul destino della razza germanica. Hitler vi ha garantito che la frontiera tra i due popoli sarà eterna ma questa dichiarazione lascia il tempo che trova e Mussolini ha risposto con una massima valida per tutti: che le frontiere si difendono e non si discutono”. Ma dopo che l’Italia era entrata in guerra malgrado gli sforzi sinceri che egli aveva fatto per distorgliela da un simile folle impresa Salazar non cambiò il suo atteggiamento fondamentale di critica verso l’Asse e di censura verso l’atteggiamento di Mussolini.

Fu in quei giorni in cui sembrava stesse per decidersi il destino del mondo, mentre le truppe tedesche marciavano sulla terra di Francia che Salazar s’incontrò ad un ricevimento col Ministro di Germania barone Hoiningen-Hune. Diplomatico di vecchia scuola, gran signore, con una moglie graziosa intelligente e dotata d’uno spirito fino e mordace, il barone Hoiningen-Hune si era attirato molte simpatie nella capitale portoghese. Era un tedesco umanissimo che non si lasciava infatuare dai successi del suo capo nè da

quello delle truppe del Reich. La sua casa, messa con molto buon gusto, era ospitalissima e vi accorreva il fiore della società portoghese.

Fu durante un ricevimento non nella sua casa che il discorso tra lui e Salazar cadde sui caratteri dei vari popoli. E Salazar con una voce soave e un'aria trasognata e quasi distante ad affermare, presenti altre persone, con quel suo francese dolce nel quale però sibilavano le esse: "Vous voyez, mon cher Ministre, la difference entre le français et les allemands est que le français aiment la vie et vous, les allemands, vous aimez la mort!".

Era difficile, in quell'epoca in cui i popoli attaccati difendevano il loro diritto alla vita e alla libertà e in cui le armate tedesche seminavano la morte sul loro cammino con gli Stuka e le Panzer division sintetizzare con una frase più felice il sostanziale divario tra il mondo germanico e quello latino.

Hoiningen-Hune da quel fine diplomatico che era incassò la battuta con un sorriso piuttosto verde. Nel fondo del suo cuore di baltico egli sentiva che il presidente Salazar aveva fatto una diagnosi giustissima dalla quale derivavano gli insanabili conflitti che avevano da secoli insanguinato l'Europa e che per secoli continueranno ad insanguinarla.

Quando Mussolini per giustificare la sua pazzesca impresa affermò che "un popolo non era veramente libero se non poteva affacciarsi sull'oceano", Salazar mostrò apertamente il suo corruccio per un simile programma grandiloquente. Che cosa intendeva Mussolini per ***affacciarsi*** sull'Oceano? Fu proprio in quei giorni celebrativi dei centenari portoghesi che egli mi pose questo problema. Fu in fondo egli stesso a rispondermi dando un'interpretazione alle parole di Mussolini che forse non coincideva con quello che era il pensiero recondito del dittatore italiano.

"Io penso - mi disse il 12 giugno 40 Salazar - che Mussolini intenda ricongiungere l'Etiopia alla Libia attraverso il Sudan. In questo senso io interpreto le sue parole sulla necessità di un popolo libero di affacciarsi sull'oceano. Io ho fidato sino a ieri sull'azione di Mussolini per salvaguardare la pace nel Mediterraneo. Quanto alle porte di questo mare se devono cambiare padrone e passare Gibilterra alla Spagna e Suez all'Egitto esse restano sempre in mani straniere e la situazione geografica dell'Italia chiusa nel Mediterraneo non potrà radicalmente cambiare che se tutte due o almeno una di queste porte possano trovarsi sotto controllo italiano."

Fu in quel giorno che Salazar mi disse testualmente: " La mia preoccupazione più viva è che la Germania possa riportare una schiacciante vittoria militare sugli alleati. Hitler inebriato dalla vittoria germanizzerà l'Europa. Se Napoleone portava sulla punta delle baionette dei suoi soldati i principi della rivoluzione francese, Hitler porta seco un neo paganesimo a fondo mistico e razzista che è contrario alle nostre tradizioni romane e cattoliche. Anche per l'Italia il trionfo della Germania sarà un pericolo. Se la Francia sarà schiacciata come potrà l'Italia esercitare la sua funzione equilibratrice in Europa?".

La posizione spirituale e politica dell'uomo di stato portoghese era dunque chiarissima. Egli sapeva fin da allora che l'Inghilterra non gli avrebbe chiesto d'intervenire al suo fianco ma intuiva - sono le sue parole – che "Hitler inebriato dai grandi successi militari avrebbe dimenticato le ragioni ideali che potevano averlo spinto alla lotta, avrebbe calcolato solo i milioni di morti della guerra per ricompensarsi con grandi annessioni territoriali, avrebbe germanizzato l'Europa e assorbito i piccoli stati".

Visione quanto mai giusta e profetica e per apprezzarne il valore politico bisogna riportarsi al 12 giugno 1940 mentre le armate vittoriose germaniche calpestavano il suolo dolce e ridente dell'isola di Francia!

***

Intervenuta l'Italia nella guerra nel giugno 1940, nel corso dei mesi seguenti segnalai continuamente a Roma, date le ottime informazioni di cui a Lisbona si poteva disporre due elementi che mi parevano essenziali nella situazione generale del conflitto e che avrebbero dovuto servire ad aprire gli occhi ai ciechi. Il primo concerneva l'inevitabilità dell'intervento americano nella guerra a un momento determinato della sua evoluzione. Il secondo concerneva la minaccia che fin ***da allora*** si delineava di uno sbarco alleato sulle coste dell'Africa occidentale come premessa ad una marcia sul Mediterraneo e ad una offensiva contro l'Italia che doveva rappresentare il primo tempo dell'invasione del continente.

Il 17 luglio 1940 transitava da Lisbona l'ex capo dell'opposizione ungherese Tibor Eckardt reduce dagli Stati Uniti. Avevo conosciuto Eckardt a Ginevra e quindi egli mi intrattenne lungamente sulle impressioni riportate sulla sua visita agli Stati Uniti dove si era recato a fare un ciclo di conferenze e

dove aveva avuto occasione di incontrare e di parlare a lungo col Presidente Roosevelt, con Cordell Hull e con numerosi senatori e personalità nordamericane.

Senza commenti da parte mia così riferii a Roma quello che Eckardt mi disse: "Sono convinto - precisò Eckardt - che gli Stati Uniti per ora non interverranno nella guerra europea – ma vi sono due elementi che potranno indurli a cambiare rapidamente atteggiamento. Se la Home-Fleet dovesse scomparire, l'America si verrebbe a trovare alla mercè delle flotte giapponese e tedesca, e questa rottura violenta dell'equilibrio marittimo mondiale non può essere ammessa dagli Stati Uniti.
Il secondo elemento che potrebbe indurre Washington a prendere immediatamente posizione, è costituito dalla possibilità di una qualsiasi interferenza della Germania negli Stati Uniti d'America – interferenza di varia natura ma comunque tale da costituire un tentativo di penetrazione tedesca nel mondo.

Nel colloquio che ho avuto con Roosevelt questi è stato esplicito nel dirmi che si rendeva perfettamente conto della necessità che l'Europa procedesse a una revisione generale dei trattati di pace.

Se Mussolini e Hitler creeranno una nuova Europa continentale basata su un senso più alto ed equo della giustizia, Roosevelt approverà malgrado le riserve con cui ha accolto l'azione tedesca contro i piccoli Stati. Ma se Hitler e Mussolini si propongono di distruggere l'Impero britannico, allora l'America si sentirà direttamente toccata nei suoi interessi perché, come vi ho detto, la distruzione dell'impero britannico che implichi anche la cattura, l'affondamento o, comunque, la scomparsa della flotta inglese, è un evento che non può lasciare indifferente l'America.

Giova tener presente che la preparazione spirituale per un intervento esiste già. Non bisogna credere con criterio molto semplicista che i democratici siano per la guerra e i repubblicani contro. Se si considera che l'Americano è un popolo essenzialmente emotivo e che obbedisce a improvvise reazioni, non deve stupire se con grande rapidità - in seguito ad uno straordinario evento - esso possa essere portato a lanciarsi nel conflitto. Posso dirvi ad esempio che, se i francesi invece di cedere Parigi, come hanno fatto, senza combattere, l'avessero difesa casa per casa e si fosse ripetuto per Parigi quanto di verificò per Madrid nella guerra civile spagnola, la difesa di Parigi avrebbe potuto divenire il simbolo emotivo per l'intervento. Quello che è certo è che gli Americani si preparano attivamente alla guerra. L'esercito è pressoché inesistente, con uno stato maggiore in miniatura, senza quadri e senza tradizione. Viceversa la marina è molto potente e il programma attuale mira a stabilire una superiorità sulle marine che possono essere opposte a quella americana su entrambi gli oceani. Ma impressionanti sono soprattutto i risultati realizzati dagli Stati Uniti nel campo dell'aviazione. A parte il fatto che l'America possiede un'aviazione civile formidabile, occorre tener presente che si impiantano dovunque scuole d'aviazione, si moltiplica il numero delle officine di produzione di motori e si prepara attivamente non la creazione di nuovi stabilimenti, ma la possibilità di trasformazione immediata degli stabilimenti industriali esistenti in officine di materiale aeronautico.

Come potrebbe servirsi l'America di questo complesso enorme di mezzi? Essa potrà innanzitutto fare il blocco economico dell'Europa e per questo potrebbe anche tentare l'occupazione delle Azzorre e di Madera per stabilirvi delle basi aereo navali di rifornimento e costituirsi delle teste di ponte offensive. In un secondo tempo, qualora fosse trascinata nell'intervento, essa potrebbe tentare di spingere la Russia nel conflitto. Non ho ben compreso - ha proseguito Eckardt - quale sia la ragione per cui l'America produca un numero enorme di carri armati. Essa non può certo pensare

che la Germania abbia in animo di attaccarla sul suo territorio. Tuttavia le officine di carri armati che ho visitato, offrivano uno spettacolo veramente impressionante.

Gli uomini di stato americani sono convinti che Stalin è ancora molto avanti nella sua marcia verso ovest, e che al Kremlino si deve cominciare a sentir il timore della reazione tedesca che è considerata inevitabile non appena terminata la guerra in occidente.

Washington accarezza quindi in segreto il progetto di armare la Russia per un buon colpo d'ariete contro Hitler ciò che permetterebbe allo slavismo d'insediarsi a Costantinopoli. Questo può sembrare un progetto fantastico oggi, ma, se considerate bene tutti gli elementi della situazione vi accorgerete che esso è meno assurdo di quanto sembra.

L'opinione pubblica americana è molto montata contro i tedeschi - per quanto le vittorie di Hitler abbiano suscitato una viva ammirazione dovunque - ma essa è sopratutto antiitaliana. Mi sono sembrate soprattutto antiitaliane la folla e la stampa; lo sono molto meno gli uomini politici. Assai ben disposto verso di voi è sembrato Summer Welles.

Questo stato d'animo è mantenuto vivo dalla corrente dell'emigrazione ebraica che aumenta giornalmente verso gli Stati Uniti. Malgrado le restrizioni dei visti, in questi ultimi tempi sono entrati nell'America del Nord migliaia di israeliti provenienti da tutti i paesi occupati e continuamente ne arrivano anche dalla Francia.

In conclusione la mia impressione è che vi sia un solo mezzo per evitare l'intervento americano e questo è costituito dalla rapidità dell'attacco contro l'Inghilterra.

Se la guerra dovesse prolungarsi tutto l'inverno, io considero come immancabile l'intervento degli Stati Uniti per la primavera prossima. Assisteremo allora forse ad una vera e propria guerra di continenti, perché anche il Giappone, malgrado sia così profondamente impegnato in Cina, non mancherebbe di prendere posizione in un così immane conflitto".

Un mese dopo tornavo alla carica riferendo in questi termini quanto mi aveva riferito l'Incaricato d' Affari di Romania Camarachesco su una conversazione da lui avuta con un ufficiale dello S.M. britannico di passaggio per Lisbona.

"Durante l'invasione della Francia – disse l'ufficiale – si è avuto per qualche settimana a Londra l'impressione che la partita doveva considerarsi perduta. Se la Germania avesse potuto con un colpo di mano sul tipo di quello fatto in Norvegia sbarcare direttamente su suolo inglese le condizioni morali dell'opinione pubblica erano tali che difficilmente l'esercito britannico avrebbe potuto tenere i il colpo.

Durante i due mesi e mezzo trascorsi dal crollo della Francia, il Governo britannico ha avuto il tempo non solo di pensare seriamente all'organizzazione difensiva del Regno Unito che è stata curata fin nei più piccoli dettagli, ma ha avuto sopratutto il modo di ridare fiducia nella sua forza ad un'opinione pubblica impressionata dal seguito costante di scacchi e di rovesci militari subiti.

Chi esamina la situazione morale del popolo inglese constatata che v'è una differenza enorme tra i giorni di Dunkerque e oggi. La fiducia è rinata intera. A ristabilirla ha valso non solo l'aviazione che si batte con una energia indomabile ricambiando colpo per colpo ai tedeschi, ma sopratutto la

ferma convinzione diffusa nel popolo che il resistere per alcuni mesi ancora significava la certezza quasi matematica dell'intervento americano. Gli uomini al governo ne sono pienamente convinti e hanno diffuso tale convinzione nelle masse.

Il problema della resistenza non è fine a sé stesso. A Londra si pensa che la resistenza è la condizione dell'intervento americano e che tale intervento è a sua volta la condizione della vittoria finale. Naturalmente sa che un intervento sia pure di quantitativi enormi di materiale non basta per vincere la guerra. Quello che occorre è avere un esercito sul continente europeo. Ma l'organizzazione d'un esercito americano che possa un giorno traversare l'Oceano per sbarcare in Inghilterra e poi in Francia è problema che richiede anni di preparazione. Sulla possibilità d'un intervento dell'esercito americano sul continente non ci si fanno molte illusioni. Si pensa invece che interverranno le enormi masse aeree di cui l'America disporrà e una parte della sua flotta (quella che i rapporti col Giappone consentiranno di distrarre sui mari europei). Ma né con l'aviazione né con la flotta si può riuscire a imporre la propria volontà alla Germania. Occorre che il grande strumento dell'aviazione americana trovi su terra l'appoggio d'un grande esercito motorizzato e meccanizzato.

A Londra non si dimentica il bruciante scacco diplomatico inferto alla diplomazia britannica l'anno scorso a Mosca. Ecco perché si è inviato in Russia l'ambasciatore Cripps – considerato come un uomo di grandi risorse – col compito di convincere Molotov e possibilmente Stalin che l' U.R.S.S. ha una sola possibilità di conservare i guadagni territoriali realizzati in quest'ultimo anno ed è che la Germania venga schiacciata. Se la Germania uscirà ultrapotente e vittoriosa dalla Guerra essa si volterà in un secondo tempo contro l'Unione Sovietica che non solo rappresenta una minaccia seria per la Germania e l'Italia ma è sempre stata considerata da Mussolini e Hitler come il nemico pubblico n. 1 da abbattere su tutti i fronti europei.

La missione di Cripps non sarebbe solo quella di effettuare un tale sforzo di convinzione ma anche quella di adescare l' URSS con promesse di guadagni sempre maggiori nel caso in cui la Germania venga battuta. L'Inghilterra è convinta che la Turchia non oserà prendere posizione nel conflitto finchè le vicende della lotta non saranno chiaramente definite. Londra quindi ritiene che meglio vale perdere un alleato così incerto e esitante e il cui apporto non sarebbe risolutivo ai fini del conflitto per guadagnare uno il cui intervento avrebbe un peso decisivo. Ma un simile intervento va pagato e caro. Pur di battere la Germania e l'Italia che mirano alla distruzione dell'impero britannico, gli uomini di Londra sarebbero perciò decisi a favorire l'insediamento dei russi a Costantinopoli e nei Balcani. La politica della Russia – zarista e sovietica – è sempre la stessa giustificata da finalità storiche di

potenza. Il miraggio di Santa Sofia vale per Stalin come valeva per Pietro il Grande. Di quì la necessità per l'Inghilterra di sacrificare vecchi dogmi geopolitici alla salvezza dell'Impero e non solo consentire ma favorire ai russi la conquista degli stretti.

Il grande programma quindi sarebbe di ottenere per la primavera prossima il concorso dell'esercito sovietico alla cui motorizzazione provvederebbero gli Stati Uniti. Nel suo discorso del 20 agosto Churchill ha detto : " Noi possiamo essere certi che Hitler continuerà fino a quando le preoccupazioni che egli può avere relativamente all'aviazione russa glielo permetteranno". E' chiaro quindi che nel pensiero di Churchill l'aviazione russa è un fattore che deve a un dato momento entrare in linea e che potenzialmente tale fattore è per lui già schierato in forze contro la Germania. Non è solo sull'aviazione russa che si conta a Londra bensì su tutto l'esercito russo".

227

Questi elementi assieme ad altre numerose informazioni complementari tutte ispirate nello stesso senso avrebbero dovuto servire ad un orientamento generale della situazione e a trarre delle deduzioni di carattere decisivo. Tanto più che le segnalazione fatte miravano a far capire come non ci si dovesse fare alcuna illusione circa la portata dei bombardamenti su Londra e la conseguente depressione morale inglese.

"Chi sta in Portogallo – scrivevo infatti in data 23 ottobre 1940 – e vede giungere valanghe di giornali e riviste inglesi che non accennano almeno per quanto riguarda quantità e qualità di carta a crisi in tale settore e per quanto riguarda scritti e fotografie a crisi d'organizzazione, e ode la radio inglese diffondere discorsi e appelli numerosi in tutte le lingue della terra alternando al microfono la figlia del Re, l'operaio e il Primo Ministro, e vede partire e giungere convogli di navi misteriose che si formano e si dissociano a largo di Lisbona, e ascolta i reduci da Londra che parlano con ammirazione della ferma decisione del popolo inglese a continuare la guerra malgrado i bombardamenti quotidiani, arriva fatalmente alla conclusione che se la situazione in Inghilterra non è certo gaia essa è però meno terribile di quanto lo facciano credere i giornali tedeschi e italiani. E negherei la verità se non constatassi che mentre prima la fiducia nell'Inghilterra anche in questi secolari alleati era profondamente scossa, ora essa va risorgendo lentamente e non è estraneo a questa lenta mutazione la propaganda britannica e oserei dire proprio quella personale del Primo Ministro.

L' opinione pubblica britannica comincia a convincersi che la resistenza è possibile. Essa imporrà dei sacrifici ma sarà la condizione d'una possibile vittoria. Ormai è convinzione diffusa in Inghilterra - alimentata anche da un'abile propaganda – che i tedeschi non potranno più sbarcare sul suolo inglese – e che se essi non sono sbarcati quando le condizioni morali e tecniche della difesa erano precarie – non potranno più farlo ora che tutti gli apprestamenti per la difesa a oltranza sono ultimati e la flotta è intatta.

L'opinione pubblica inglese è ormai convinta che la guerra sarà lunghissima ma che il far durare la guerra è un elemento capitale a favore della Gran Bretagna. Il blocco all'Europa verrà sempre più stretto. Occupazioni militari di alcuni punti giudicati essenziali per tale "perfezionamento" sono allo studio. L'Inghilterra viceversa può contare non solo sul mercato dei produzione americano ma su quello canadese.

Per quanto concerne il materiale aeronautico le industrie inglesi continuano il lavoro a pieno rendimento e sarebbero pochi gli stabilimenti che sono stati paralizzati dai bombardamenti aerei. D'altra parte si conta a Londra sui rifornimenti di materiale aeronautico americano, rifornimenti che per ora sono lenti, ma che – (e qui entra i giuoco il fattore tempo) – sono destinati a raggiungere cifre formidabili. Quanto alla formazione dei piloti, scuole di pilotaggio sono state aperte in tutti i territori del Commonwealth e in India. Per il 1941 si conta di avere pronta una massa considerevole di piloti sulla quale però non si forniscono cifre".

Ora nel Novembre '40 Salazar comprendendo che il conflitto sarebbe durato degli anni mi parlò esplicitamente della opportunità che si ricercasse una "formula onorevole atta a porre termine alle ostilità".

Ne riferii a Roma in data 19 Novembre 1940 precisando nei seguenti termini: "Salazar è ritornato con sorprendente insistenza sulle possibilità d'una base d'intesa tra le Potenze dell'Asse e l'impero britannico. Esattamente Salazar ha precisato che date le condizioni attuali della guerra le quali non

escludono una lunga durata del conflitto gli sembra non impossibile la ricerca d'una formula onorevole per porre termine ad esso.

Questa preoccupazione di Salazar ispirata molto probabilmente al desiderio di Salvare il Portogallo dalle conseguenze di un prolungarsi del conflitto è stata rilevata ed è molto commentata anche da altri colleghi alcuni dei quali pensano che Salazar non sarebbe alieno dal rendersi tramite di qualche sondaggio in tal senso".

E perché l'infatuazione militare non offuscasse gli occhi davanti alla realtà aggiunsi per rendere la cosa più accettabile: " Gli stessi colleghi pensano che tali sondaggi da parte del signor Salazar sarebbero inevitabilmente lenti e quindi non intralcerebbero le operazioni militari in corso. La venuta a Lisbona dell'Ambasciatore portoghese a Londra, Monteiro, i contatti da questi avuti e le ultime conversazioni di Salazar con Selby, Samuel Hoare e Lothian possono essere messi in rapporto con quanto precede."
Naturalmente questo insperato tentativo di mediazione che a quell'epoca avrebbe potuto avere qualche ***chance*** di successo se i fumi dell'ubbriacatura non avessero oscurato la vista e ottenebrato lo spirito dei due dittatori dell'Asse fu lasciato senza nemmeno la più modesta reazione. Il 18 Dicembre '40 per appoggiare questo tentativo di Salazar almeno per quanto riguardava l'Italia e nella speranza che almeno Mussolini potesse rendersi conto delle tristissime conseguenze che poteva avere per la penisola la continuazione

della guerra telegrafai nei seguenti termini: "In questi ambienti anglo-americani si parla di un'imminente offensiva generale britannica con tutti i mezzi contro l'Italia. Il governo britannico convinto d'aver trovato punto debole dell'Asse sarebbe deciso fare disperato sforzo mobilitando tutte le risorse dell'Impero per liquidare il fattore italiano in poco tempo facendo assegnamento anche su situazione morale italiana che Londra ritiene molto depressa. Effettivamente in questi ultimi giorni gi segnala aumentato numero di convogli diretti a Gibilterra".

Da Ginevra nell'Agosto 1939 nella speranza di impedire che nell'imminenza dell'invasione tedesca della Polonia Mussolini avesse potuto ciecamente seguire il suo ***partner*** nella pazza avventura avevo inviato una serie di telegrammi ultra allarmistici su quello che sarebbe potuto succedere all'Italia nel caso di un suo intervento.

In modo particolare avevo telegrafato negli ultimi giorni di Agosto le notizie fornitemi da un informatore noto e accreditato dimorante in Savoia e che riuscito a passare la frontiera francese aveva fatto un quadro impressionante su un preteso progetto dello stato maggiore franco-inglese che prevedeva un'offensiva fulminea con tutte le forze navali, terrestri ed aeree contro l'Italia se questa si fosse associata alla Germania nello scatenare la guerra.

E i risultati di questi tentativi non erano stati cattivi. Non ho la pretesa di credere che essi possano aver dissuaso Mussolini dall'intervenire immediatamente nel conflitto. Ma il nero quadro che io avevo fatto non poteva non aver avuto assieme a tanti altri elementi negativi, una certa influenza sulle sue decisioni. Mi illusi perciò che anche da Lisbona segnalando le gravi minacce che correvano sul nostro paese e mettendole in correlazione con le idee mediatrici di Salazar si sarebbe potuto fare opera utile ai fini d'un mutamento d'indirizzo della politica italiana che visibilmente ma ciecamente marciava verso la catastrofe. Altri elementi numerosi che fornii da Lisbona non servirono purtroppo a nulla in nessun senso.

A caso ricordo fra le altre segnalazioni una in data 25 Dicembre 1940 che diceva: "Questo consigliere della Legazione di Francia mi ha detto che il governo sovietico aveva dichiarato ad

Angora [sic, probabilmente Ankara] che qualora la Turchia avesse dovuto entrare in guerra Mosca si sarebbe formalmente impegnata ad aiutarla con armi, munizioni ed aerei assumendo presso a poco nei riguardi della Turchia la stessa funzione "assistenziale" che l'America ha assunto nei confronti dell'Inghilterra.

Secondo rapporti inviati a Vichy dall'Incaricato d'Affari di Francia a Bucarest Spitzmuller, ***risulta che le divisioni sovietiche ammassate alla frontiera romena sono magnificamente equipaggiate e dotate di mezzi corazzati potenti"***.

Altre due segnalazioni una del 3 Gennaio 1941 che diceva : "E' stato di passaggio per Lisbona il nuovo Ambasciatore americano a Vichy, Ammiraglio Leahy. Ad un collega che lo ha incontrato ad una colazione presso la Legazione degli Stati Uniti il nuovo Ambasciatore ha detto che egli era latore di un messaggio del Presidente Roosevel per il Maresciallo Pétain.

Benché non abbia detto quale sia il tenore del messaggio tuttavia l'Ammiraglio Leahy non ha nascosto la sua opinione e cioè che la situazione della Francia in questi ultimi tempi si è grandemente migliorata. Il fatto che Pétain abbia tenuto testa a Laval e cioè ad Abetz è sintomo che le forze di reazione della Francia nei confronti delle pretese tedesche sono ancora grandi. Pétain è in condizioni oggi di resistere alla minaccia d'un'occupazione integrale del territorio francese con maggiori ***chances*** di prima. Innanzitutto egli ha distaccato Weygand in Africa dove le risorse e le possibilità militari francesi sono ancora grandi e lo tiene colà in potenza pronto a riprendere le armi se ve ne fosse la necessità. In secondo luogo lo stato d'animo dell'opinione pubblica francese è profondamente mutato in questi ultimi tempi. Mentre esso era grandemente depresso subito dopo l'armistizio e per tutta l'estate, ora la resistenza dell'Inghilterra, l'aperto atteggiamento degli Stati Uniti decisi a marciare sino in fondo per impedire che la Gran Bretagna sia battuta, han fatto risorgere tutte le speranze nel cuore del popolo francese. La Francia, secondo l'Ambasciatore Leahy, non ha ancora detto la sua ultima parola, ed essa potrà avere una grande funzione da assolvere sopratutto in Africa".

Un'altra del 16 Marzo 1941 relativa ad un colloquio tra Donovan e Franco. In essa precisai: "Parlando della guerra Donovan ha detto che a suo avviso non potevano esservi dubbi circa l'esito del conflitto. " L'America – egli ha precisato – non abbandonerà più l'Inghilterra ed essa è decisa ad affrontare ***qualsiasi rischio*** pur di ottenere il trionfo di quei principi democratici e di libertà che costituiscono la ragione d'essere della politica americana". Donovan ha quindi affermato che l'Inghilterra attraverserà ora 4-5 mesi di crisi acuta durante i quali l'aiuto americano sarà più morale che materiale. Ma tra cinque mesi si farà già sentire in modo enorme il peso dell'aiuto americano che diventerà sempre più gigantesco. Franco ha obbiettato che erano precisamente questi 5-6 mesi i decisivi della storia del mondo. Donovan ha peraltro dichiarato che dopo la sua visita i Inghilterra egli restava fermo nel suo punto di vista e cioè che la Gran Bretagna non sarebbe stata battuta.

Donovan si è molto interessato alla situazione del Nord Africa. Ha chiesto a Franco se aveva informazioni circa l'atteggiamento francese al Marocco e se riteneva possibile che i tedeschi potessero trasportare truppe al Marocco col consenso francese. Franco ha risposto di non avere elementi per poter rispondere a queste domande - e mi ha aggiunto che l'insistenza con cui Donovan è tornato sul problema del Marocco lascia supporre che il governo americano già esamina la possibilità di uno sbarco a Casablanca pel caso che la guerra debba prolungarsi e portare ad un intervento diretto degli Stati Uniti".

Queste ed altre diecine e diecine di comunicazioni analoghe non turbarono d'una linea l'euforia romana.

***

Fin dal 1940 agli osservatori attenti era apparso evidente che, come nella guerra 1914-18, l'elemento determinante e decisivo che avrebbe fatto pencolare la bilancia in favore degli alleati sarebbe stato l'intervento dell'America nel conflitto. I capi politici e militari dell'Asse speculavano sul fattore tempo, affermando che il peso dell'America si sarebbe fatto sentire quando le sorti della guerra sarebbero già decise e cioè troppo tardi. Essi puntarono all'inizio, tanto per galvanizzare le loro opinioni pubbliche abbastanza preoccupate dell'eventualità d'un intervento degli S.U. sul dissidio tra repubblicani e democratici accentuando sopratutto sull'isolazionismo americano e sulla volontà degli stati occidentali di restare estranei al conflitto. Quando finalmente s'avvidero che la politica di Roosevelt trovava consensi inattesi e che gli Stati Uniti si schieravano unanimi in difesa dei principi di libertà e di democrazia che erano nuovamente e gravemente minacciati nel mondo, allora ricorsero a un altro espediente di propaganda piuttosto puerile asserendo che la preparazione militare americana era un solenne bluff; che le cifre della produzione americana erano artefatte ed astronomiche solo per influire sul morale delle popolazioni dell'asse e che comunque una cosa era produrre migliaia di carri armati e di mezzi d guerra e altra cosa era trasportarli attraverso gli oceani sui teatri d'operazione europei. Tanto più che gli oceani erano minacciati dalla guerra sottomarina che sopratutto durante il 1940-41 sembrava poter veramente influire sui traffici marittimi degli alleati.

Era effettivamente chiaro che se l'Asse avesse potuto mediante un progressivo intensificarsi della guerra sottomarina paralizzare sempre più le comunicazioni degli alleati attraverso gli oceani tutto il corso della guerra avrebbe subito una diversa orientazione.

Senonchè dal buon osservatorio di Lisbona ci si rese subito conto di due circostanze d'importanza eccezionale. La prima era che se i siluramenti di naviglio mercantile alleato da parte dei sommergibili tedeschi erano preoccupanti, altrettanto poteva dirsi per le perdite che subiva la marina subacquea germanica; ora, era infinitamente più facile sostituire 20 trasporti marittimi che non un sommergibile; la seconda che i cantieri americani erano in condizione di equilibrare rapidamente le perdite in un primo tempo ed in un secondo – come i fatti dimostrarono – di superarle largamente mediante la costruzione in serie di un buon naviglio.
A questi elementi che potevano facilmente essere preveduti si aggiunge poi l'elemento essenziale determinante – che non poteva essere preveduto – e per cui la guerra sottomarina fu messa praticamente in ceppi: la scoperta di mezzi tecnici atti ad individuare e quindi neutralizzare e distruggere i sottomarini nemici.

Comunque, sia Hitler che Mussolini considerarono per molto tempo gli Stati Uniti come un pericolo lontano nel tempo e nello spazio e quando il Giappone – di cui numerosi osservatori imparziali avevano segnalato la debolezza

organica dovuta ad un quinquennio di sterili lotte in Cina – commise l’irreparabile follia di Pearl Harbour essi credettero che il Giappone fosse un formidabile alleato capace di impegnare da solo tutto o la massima parte del potenziale bellico americano.

Quando gli storici futuri esamineranno in dettaglio le origini e le determinazioni dell’immane conflitto che ha devastato buona parte del mondo essi non potranno non stupire dell’ignoranza di cui Hitler e Mussolini dettero prova scatenando il conflitto. Ignoranza delle situazioni politiche,

economiche e militari del mondo; disconoscenza della sensibilità morale dei popoli, mancanza assoluta d’intuizione e infine – per essere precisi – disprezzo della verità che purtuttavia da varie parti veniva loro segnalata.

Nel corso della mia lunga carriera io ho parlato una sola volta con Mussolini. Fu nel Novembre 1935 in pieno conflitto etiopico. Egli mi chiamò per avere un’informazione di “carattere tecnico” come egli disse, ma che non era affatto tecnica e che egli avrebbe dovuto da solo conoscere se avesse appena consultato il Covenant della ex Società delle Nazioni. Io mi trovavo in quell’epoca a Ginevra ed era venuto a Roma in regolare congedo. Il Sottosegretario agli Esteri mi disse un giorno che Mussolini voleva chiedermi qualche informazione sulla S.d.N. e mi accompagnò dal dittatore. Questi mi domandò che cosa sarebbe successo se l’Italia si fosse ritirata dal consesso ginevrino. Risposi che non sarebbe successo nulla di speciale e che il nostro seggio alla Lega sarebbe rimasto vacante ma che per due anni avremmo fatto ancora parte della Società. “E’ questo appunto il dettaglio tecnico che voglio chiarito – precisò Mussolini. Se noi uscissimo dalla Lega potremmo poi rientrarvi?”. Risposi affermativamente; nessun articolo del Covenant ci impediva di rientrare nella S.d.N. qualora ne fossimo usciti.

Mussolini apparve soddisfatto della risposta. Poi mi chiese informazioni su Ginevra e sullo stato d’animo colà dominante nei nostri riguardi. Fu allora che con quel minimo di franchezza che si doveva avere nel riferire a colui che era non solo Ministro degli Esteri del paese ma responsabile d’un’azione che minacciava di naufragare (nel Novembre 1935 vi era stasi militare in Etiopia) gli dissi testualmente: “ A Ginevra si afferma che voi non vi rendete conto di quello che sia la volontà britannica e che non conoscete la psicologia del popolo inglese. Inoltre si fa un gran parlare del vostro conflitto personale con Eden e si afferma che il colloquio tra voi e lui sarebbe stato un disastro”. Mussolini dilatò le pupille e mi rispose scandendo le parole “Smentite a Ginevra questa stolta leggenda d’un mio conflitto personale con Eden. Io ho ricevuto Eden con la massima cordialità. Abbiamo lungamente parlato insieme. Ho fatto intervenire a una colazione data in suo onore anche mia figlia. Ho letto in un giornale inglese che Eden entrando in questo salone è inciampato in un tappeto ed è caduto e che io a tal vista mi sarei messo a sghignazzare. Guardate quanti tappeti vi sono in questa sala! – e così dicendo Mussolini mi additò il nudo pavimento della grande sala della Vittoria. Quanto al fatto che io non conosca gli inglesi – ebbene, potete dire a Ginevra che se questo è vero è altrettanto vero che gli inglesi non conoscono me”.

Con questa battuta insolente il dittatore ammetteva di non conoscere affatto la psicologia inglese e l'Inghilterra ma trovava il corrispettivo di questa ignoranza nel fatto che gli inglesi non conoscessero lui…

Hitler e Mussolini erano due capi di governo che mancavano di un essenziale requisito per condurre i destini dei loro popoli e cioè la conoscenza del mondo esteriore, il contatto con gli altri paesi, la comprensione delle posizioni storiche e delle necessità altrui la visione universalistica di problemi che interessavano la cooperazione tra i popoli. Mussolini a parte una breve sosta da profugo politico in Svizzera e un fugace viaggio a Londra non conosceva l'Europa. Hitler non conosceva che la Germania. Nessuno dei due si rendeva conto di quale fosse lo stato d'animo degli altri popoli, i rapporti dei loro agenti all'estero non avevano risonanza alcuna sulle loro menti fanatizzate de [sic] un'idea di grandezza e di superiorità. Divinizzati all'interno delle loro frontiere essi vedevano i problemi internazionali in funzione di problemi nazionali e trasportarono sul terreno delicato e pericoloso della politica estera, metodi, mentalità e sistemi della loro azione interna.

E' soltanto con questa misconoscenza dei grandi fattori politici, economici, militari e morali della lotta che si può spiegare lo sprezzo con cui i due dittatori trattarono sempre le informazioni che giungevano da ogni parte del mondo. Ho sempre sostenuto che esistono tre fasi nella vita dei dittatori e l'esperienza storica mi ha confermato in questo mio convincimento. La prima fase mi piace chiamarla ***"umana"***. Il dittatore nasce quando in una situazione drammatica o critica della vita d'un popolo esso si erge per virtù d'ingegno o qualità di carattere come un salvatore. La vita dei popoli è un pò [sic] come quella degli individui. Un corpo gravemente malato può essere salvato da un intervento drastico ed energico. Un popolo in crisi può essere salvato dalla genialità d'un solo uomo. Ma in entrambi i casi si tratta di interventi eccezionali e sopratutto temporanei. Come il corpo umano può subire un intervento operatorio ma non può vivere in permanenza sotto l'azione del bisturi così l'intervento dell' ***eroe*** tipo , definito da Carlyle, può avere azione salutare solo se temporaneo. Il dramma nasce in seguito e trova il suo fondamento e la sua spiegazione storica in ciò che ha di deteriore la natura umana. Quando un sol uomo arriva al governo e non sia sinceramente rispettoso della sovranità popolare si esalta, si attacca al potere, se ne inebria e non vuole più lasciarlo. Se la sua azione è coronata da successi iniziali allora poco alla volta egli confonde la sua sete di dominio e di potere con il bene dello stato e comincia la seconda fase della sua carriera di dittatore che si può definire ***cesarea***. Il dittatore vuole legare il suo nome alla storia del suo popolo attraverso la gloria militare. Ed ecco poco alla volta militarizzare il suo spirito oltre che il suo popolo: cingere la spada, vestire l'uniforme, farsi proclamare comandante supremo o maresciallo. E se per sventura alcuni successi militari vengono a consolidare le sue ambizioni allora si inizia la terza fase, quella che porta i popoli verso l'abisso ed è la fase ***divina*** cioè quando il dittatore viene divinizzato. E' il momento dell' "Heil Hitler" dell' "ipse dixit"

del dogma dell’infallibilità. La Germania e l’Italia hanno subito questo triplice processo che le ha portate alla catastrofe.

I due dittatori avevano sempre ragione. I loro successi iniziali nel campo interno e nel campo internazionale avevano creato un mistica alla quale una grande maggioranza dei due popoli avevano finito per credere: con maggiore slancio perché permeato di spirito evangelico e messianico il popolo tedesco, con maggior cautela, perché più diffidente e più scanzonato, dotato di maggior senso critico, il popolo italiano. Fu così che gli agenti all’estero che volevano dire la verità nei loro rapporti furono costretti a ***presentare*** questa verità in termini che potessero essere accettabili dai dittatori che per principio non amavano sapere le cose che contrastavano con le loro convinzioni, le loro speranze e che sopratutto contrastavano con la loro pretesa infallibilità. Non deve perciò meravigliare se molte volte la verità fu presentata in pillole omeopatiche e con formule che sia ironizzando tali verità sia contestandole in apparenza non le rendevano, per questa necessità di farle digerire, meno brucianti.

***

In data 24 aprile 1941 fu di passaggio per Lisbona il signor De Barcza d’Ungheria a Londra che mi fece un quadro impressionante della situazione. A quell’epoca si faceva un gran parlare della possibilità che i tedeschi sbarcassero in Inghilterra e questa illusione faceva credere ad un’imminente conclusione della guerra mentre a molti spiriti benpensanti non sfuggiva la circostanza che se uno sbarco – elemento decisivo e risolutivo del blitzkrieg – fosse stato impossibile il fattore ***tempo*** avrebbe allora agito esclusivamente in favore degli alleati. La posizione politica del sig. De Barcza , il fatto che egli era un autorevole testimonio oculare avrebbe dovuto far riflettere il dittatore italiano sulla portata delle sue dichiarazioni. Come sempre invece quello che il De Barcza disse scivolò come una palla di guttaperca sul velluto dell’insensibilità

politica romana. A titolo documentario e perché si constati come fin dalla primavera del ’41 si vedeva chiarissimo in molti ambienti che non avevano perduto né la testa né l’equilibrio trascrivo quanto riferii in quello stesso giorno a Roma: “Il signor De Barcza mi ha detto che finchè Churchill sarà al potere la Gran Bretagna continuerà la guerra. De Barcza non ritiene che i bombardamenti e i siluramenti possano avere una portata decisiva e determinare un qualsiasi collasso britannico. I bombardamenti hanno distrutto solo una parte del potenziale industriale inglese – il morale del popolo è integro; verso i porti britannici navigano tra i 180 e i 200 piroscafi al giorno. Di questi solo un’aliquota variabile tra i 15 o i 20 non raggiunge il suo destino. E’ una perdita enorme che però non riesce a pregiudicare i rifornimenti alla Gran Bretagna, senza contare che le riserve esistenti nel paese sono enormi e che una parte – per quanto minima – del tonnellaggio perduto viene rimpiazzato con le costruzioni americane. Perché la perdita di tonnellaggio incidesse in forma risolutiva sulla resistenza inglese occorrerebbe che essa venisse raddoppiata.

Le truppe mobilitate di prima linea tra esercito, aviazione e marina sono due milioni – un altro milione e mezzo è costituito da Home Guards. Il morale di queste truppe è ottimo anche se la preparazione professionale degli ufficiali di terra è deficiente. Gli apprestamenti per la difesa delle isole sono enormi. Uno sbarco tedesco è considerabile effettuabile dagli stessi ufficiali inglesi i quali non escludono la possibilità che l'esercito tedesco possa impadronirsi anche d'una città costiera con un colpo di mano audace. Ma lo sbarco di mezzi possenti, di grosse artiglierie, di unità corazzate è considerato come impossibile dai tecnici inglesi i quali fidano sull'organizzazione della difesa del territorio britannico che è tutto un formidabile ridotto di opere permanenti e fidano nell'intervento della flotta la quale conserva intatta la sua potenza.

Il signor De Barcza ***aggiunge che conviene guardare in faccia la situazione tale quale è senza farsi delle illusioni che possono essere pericolose*** ".

Ma dove mi sembra che l'insipienza e l'incoscienza di coloro che conducevano la guerra dell'Asse abbia raggiunto i limiti dell'inverosimile è quando si passa a esaminare alcune considerazioni di carattere strategico sulle quali da Lisbona – come certamente da altri punti di osservazione si era lanciato più che un tempestivo grido d'allarme. Anche senza disporre dei preziosi elementi d'informazione di cui si disponeva a Lisbona sembra ovvio che qualora l'America avesse dovuto entrare in guerra essa avrebbe creato le sue teste di ponte e le sue basi operative nell'Africa occidentale e nell'Africa del Nord.

Premesso che, come appariva evidente, il primo grande sforzo si sarebbe fatto contro il ***partenaire*** più debole dell'Asse e cioè l'Italia era chiaro che gli alleati avrebbero cercato di invadere l'Africa occidentale o quella del Nord per le seguenti evidenti considerazioni : 1) perché in quelle basi gli sbarchi si sarebbero effettuati indisturbati mentre in qualunque altro punto della ***Festung Europa*** essi sarebbero avvenuti in presenza diretta o indiretta del nemico; 2) perché gli alleati avevano tutto l'interesse a por fine alla guerra nel Mediterraneo; 3) perché uno sbarco nell'Africa del Nord o in quella occidentale avrebbe permesso – come permise – una grande manovra a tenaglia contro le forze dell'Asse in Libia e allontanato la minaccia potenziale sul Canale di Suez; 4) perché uno sbarco nell'Africa del Nord o nell'Africa Occidentale avrebbe permesso all'esercito francese che era dislocato tra il Marocco, l'Algeria e la Tunisia di unirsi alle truppe alleate.

In data 9 Gennaio '41 comunicai un'informazione importantissima fornitami dall'ex Ministro di Romania a Lisbona Signor Pangal e secondo cui fin da allora lo S.M. britannico pensava alla

possibilità d'uno sbarco nell'Africa del Nord. L'informazione diceva testualmente: " Impadronendosi di tutta la costa nord dell'Africa Settentrionale dal Marocco alla Libia la grave minaccia di una chiusura di

Gibilterra sarebbe sventata, secondo l'informatore, il quale ha aggiunto che i rinforzi giunti recentemente a Gibilterra, le pesanti artiglierie installate recentemente e i lavori fatti danno affidamento allo S.M. britannico che la piazzaforte potrebbe difendersi per un lungo spazio di tempo, permettendo e facilitando l'operazione ventilata contro il Marocco spagnuolo.

L'informatore ha aggiunto che a Londra nei circoli dello Stato Maggiore si fa il possibile per mantenere i contatti con Pétain e Weygand e che si considera la costa del Marocco francese come il punto di sbarco e la base della futura armata americana che dovrà intervenire, nel giorno X del conflitto, in Europa.

In data 16 Aprile '41 ritornai alla carica e accennando alla eventualità che le Azzorre le Isole del Capo Verde e le Canarie potessero venire occupate dagli inglesi "per facilitare il concorso degli S.U. nella guerra atlantica" aggiunsi testualmente: - " gli anzidetti capisaldi dovrebbero costituire l'antemurale dell'offensiva americana dell'anno X, sempre nel quadro di quel progetto ***sul quale ho replicatamente attirato la vostra attenzione*** e che contempla sbarchi a Dakar a Casablanca e altrove come premessa ad una grande offensiva che col concorso dell'ala degaullista dell'esercito francese dell'Africa del Nord dovrebbe essere il punto di partenza di un'invasione del Mediterraneo, invasione della Libia etc.".

Il 16 Maggio '41 tornai ad insistere e siccome avevo fatto varie segnalazioni sull'argomento scrissi: " Da vari mesi mi sono permesso d'insistere nel segnalarvi il grave pericolo che a mio avviso minaccia le coste atlantiche del Marocco e dell'Africa Occidentale e settentrionale francese. Io credo che se gli anglo-americani si decideranno all'azione essi tenteranno occupazioni più o meno simultanee del sistema insulare e delle basi atlantiche dell'Africa Occidentale.

Mi sembra superfluo riportare tutte le indicazioni fornite sull'argomento. Una sola osservazione conclusiva. Tutte le segnalazioni fatte, i gridi d'allarme lanciati fin da quasi due anni prima che il grande sbarco anglo-americano nell'Africa del Nord avesse luogo, non servirono naturalmente a nulla. Nessuna misura, nessun provvedimento vennero adottati, nessuno studio preventivo venne mai fatto. Tutte le informazioni che si fornivano non venivano prese in considerazione; tutti gli avvertimenti che si davano non avevano conseguenze; tutti gli allarmi che si lanciavano cadevano in un mondo senza risonanza.

CAP. III

PRIMO CONTATTO COL PRESIDENTE ANTONESCU – SCAMBIO DI LETTERE COL MINISTRO DI GERMANIA – GRIDO D'ALLARME DA GINEVRA – GIUSTIFICAZIONI ROMENE PER LA GUERRA ALLA RUSSIA – VANI SFORZI PER UN'INTESA TRA ROMA E BUCAREST – UN PROCONSOLE TEDESCO IN ROMANIA – LA LOTTA DEL GIGANTE CONTRO I MULINI A VENTO.

Quando nel maggio del 1941 fui trasferito da Lisbona a Bucarest l'ordine inatteso mi contrariò moltissimo. Lisbona era un osservatorio d'un grande interesse e il lavoro era appassionante. D'altra parte il soggiorno che vi avevo fatto era troppo breve perché non considerassi un errore un così rapido mutamento. A metà giugno ero a Roma. Il giorno 20 venni ricevuto da Ciano. Pochi minuti d'udienza e nessuna istruzione come sempre! Eppure l'indomani la Germania attaccava la Russia e la Romania si metteva sulla scia dell'Asse nell'assurda guerra.

Giunsi a Bucarest il 1 luglio. […]

———

R. LEGAZIONE D’ITALIA

TELESPRESSO N°

924/375*

Indirizzato a

MINISTERO ESTERI

-Gabinetto-

R O M A
RISERVATO

Lisbona addì 29 maggio 1934 XII°

Oggetto COMITATI D’AZIONE PER L’UNIVERSALITA’ DI ROMA

Riferimento A circolare N° 0005 del 6 corrente

Con telespresso del 19 corrente N° 856/354 ho già riferito circa la visita in Portogallo del Dott. Cabalzar, delegato dei Comitati d’Azione per l’Universalità di Roma, e dei contatti da lui presi con elementi intellettuali e politici portoghesi.

Il Dott. Cabalzar non ha incontrato difficoltà nello svolgimento della sua missione; anzi egli è stato accolto con simpatia e con cordialità come risulta dagli articoli e interviste pubblicate da questa stampa.

Non vi è dubbio che l’iniziativa dell’Universalità di Roma, che qui è accolta con interesse, possa avere un ulteriore sviluppo, ma sembrerebbe opportuno che, almeno in primo tempo, l’opera dei comitati fosse contenuta nei limiti di un’attività strettamente culturale, poiché il Portogallo attuale che attraversa un periodo di acceso nazionalismo guarda con diffidenza e sospetto ad ogni atto e ad ogni iniziativa straniera, essendo naturalmente portato a vedervi tentativi di intromissione e per lo meno di eccessivo interesse da parte di altri Stati per gli affari interni del Paese.

Il Portogallo di Carmona e di Salazar è indubbiamente affine all’Italia Fascista, e all’Italia e al Fascismo guarda con attenzione, ma appunto riconoscendo tali affinità, cerca di evitare qualsiasi atteggiamento che

potrebbe apparire come imitazione o eccessiva ammirazione per un Paese straniero, considerando di vitale importanza il rivendicare il carattere nazionale e originale dell'attuale movimento politico.

L'universalità di Roma potrà quindi certamente trovare in Portogallo un largo campo d'azione e potrà servire a risvegliare la latinità del Paese, ma occorrerà agire con attenzione e con prudenza, sottolineando il carattere culturale dell'organizzazione e evitando con cura che a questa possano attribuirsi carattere e intenzioni politiche.

Non mancherò di riferire all'Eccellenza Vostra circa l'attività dei corrispondenti deI [sic] Comitati e circa gli effetti ottenuti.

Tuozzi

Trascrizione integrale del documento. Provenienza: ACS, Archivio MCP, Busta 404, Telespresso Tuozzi-Mussolini, 29/5/1934.

Ufficio Stampa
Del Capo del Governo
SEZIONE PROPAGANDA

Roma, 23 giugno 1934 - XII

APPUNTO SULLA MISSIONE CABALZAR IN PORTOGALLO*

Inviato dai CAUR nel Portogallo, per la costituzione di un Comitato locale, il Dr. Cabalzar, previa intesa col Ministro Tuozzi, ha preso contatti con Antonio Ferro, noto giornalista e direttore del Segretariato per la Propaganda, il quale ha fatto, non molto tempo fa, clamorosa adesione alla dittatura del Dr. Oliveira Salazar.

Antonio Ferro rappresenta per così dire l'eloquenza del Dr. Salazar. E' uomo che parla per il dittatore silenzioso.

Ma la dittatura è, per qual che il Cabalzar crede poter giudicare, alla mercé dell'elemento militare. Presentemente ne gode il favore.

Un partito come spina dorsale della dittatura non c'è e non ci può essere, ché all'Union Naccional " [sic] che ora si vuol far rivivere, manca omogeneità, contenuto dottrinario bene definito e lievito spirituale.

Visto che nulla si può costruire con gli uomini del passato, le speranze riposano sulle nuove generazioni, organizzate nelle A.E.V. (Accion Escolar Vanguardia [sic])
, la quale comprende giovani delle scuole medie superiori e degli Atenei. Loro capi: Oliveira y Silva e Antonio Eza Queiroz. Questi giovani ricevono; come i nostri avanguardisti, l'istruzione premilitare. Gli ambienti culturali universitari sono però avversi alla dittatura.

Anche l'organizzazio9ne sindacale è ancora in embrione, e il Salazar, che tende allo Stato corporativo, non trova in essa appoggio adeguato neppure adesso che il movimento, il quale aveva come animatore Rolao Prieto [sic] sta alle dipendenze del Segretariato della Propaganda.

Come Presidente del Comitato dei C.A.U.R. per il Portogallo è stato scelto Eugenio De Castro, e come Segretario, in designazione del Dott. Ferro, Antonio Eza De Queiroz. Inoltre vi fanno parte Oliveira y Silva, capo dell' A.E.V. e il noto scrittore Joao [sic] Ameal.

***Trascrizione integrale del documento. Provenienza: ACS, Archivio MCP, Busta 404**

Fiduciario il Prof. Giuseppe Valentini, Docente all'Università di Lisbona.

Saranno costituiti sottocomitati a Coimbra e ad Oporto.

[Documento non firmato]

239

COMITATI D'AZIONE PER LA UNIVERSALITA' DI ROMA

PORTOGALLO

Relazione su la missione in Portogallo compiuta dal dott. G. F. Cabalzar per incarico del Presidente dei C.A.U.R. (4 - 24 - V -1934 XII)*

*Trascrizione integrale del documento. Provenienza: ACS, Archivio MCP, Busta 404, relazione Cabalzar, 4 - 6 - 1934.

ON. PRESIDENTE DEI C.A.U.R.

R O M A

Ho l'onore di riferire alla S.V. ILL.ma intorno al viaggio compiuto per incarico dei C.A.U.R. in Portogallo e in Spagna fra il 4 e il 24 maggio.

Ritengo opportuno precisare quale era lo scopo primo del viaggio, costituito dalla necessità di arrivare nel più breve tempo possibile alla costituzione dei due Comitati Nazionali per la Universalità di Roma, a Lisbona e a Madrid, attraverso la scelta del Fiduciario italiano, del Fiduciario Nazionale e dei principali membri dei due Comitati.

Lo studio delle situazioni interne dei due paesi e i contatti da prendere a fine propagandistico con gli esponenti dei vari movimenti politici, orientati od orientabili verso la Universalità di Roma, diventavano così elementi non secondari della missione, ma devevano [sic] essere comunque rapportati in funzione dello scopo principale di costituire i Comitati.

Arrivato il 10 maggio a Lisbona, ho per prima cosa fatto visita al R. Ministro Alberto Tuozzi, al quale, dopo aver spiegato le ragioni del viaggio, ho chiesto assistenza e consiglio. Durante il colloquio, il Ministro mi ha messo al corrente della situazione nei suoi aspetti più direttamente riguardanti l'azione dei C.A.U.R., consigliandomi di non fare o dire nulla prima di avere preso contatto con il Sig. Antonio Ferro, Direttore del Segretariato per la Propaganda Nazionale, testè costituitosi presso la Presidenza del Consiglio dei Ministri del Portogallo.

Antonio Ferro è un noto giornalista portoghese, redattore del "Diario de Noticias", specializzato in inchieste politiche all'Estero e autore di vari volumi, l'ultimo dei quali è dedicato alla esaltazione della Dittatura portoghese e del Dott. Oliveira Salazar. Di questo volume Antonio Ferro mi ha consegnato tre copie con dedica autografa, una per S.E. il Capo del Governo, una per il Conte Ciano e la terza per il Presidente dei C.A.U.R. . Egli è un amico dell'Italia e venne a suo tempo ricevuto dal Duce, del quale naturalmente conserva una grande impressione.

Antonio Ferro non era un seguace del Sig. Salazar; anzi per lungo tempo il suo atteggiamento personale non è stato favorevole alla Dittatura portoghese. La sua conversione è recente, ed ha destato un vivo clamore nei circoli politici portoghesi, in alcuni dei quali si è accusato il Ferro di essersi deciso a fare atto di adesione alla Dittatura soltanto dopo averne constatata la saldezza e per averne in cambio cariche ed onori.
Sta comunque di fatto che Antonio Ferro è un eccellente polemista, un buon oratore un abilissimo politico, e che la sua azione accanto alla Dittatura e nel posto che ha ottenuto di Segretario per la Propaganda Nazionale, conferisce all'attuale governo portoghese quello apporto di iniziativa e di entusiasmo nei riguardi dell'Estero da un lato e delle masse popolari dall'altro che gli era sempre mancato sinora.

La leggenda creata intorno al Dr. Salazar di essere un ottimo amministratore, uno scrupoloso gestore della cosa pubblica, un onesto, ma nello stesso tempo un frigido che vive intento al suo

lavoro ma completamente isolato e incapace di suscitare intorno a sé quell'alone di spiritualità e di entusiasmo che gli sarebbe tanto necessario, è perfettamente esatta.

Antonio Ferro si è appunto assunto, accanto al Dittatore, questa funzione: di essere, non soltanto il suo agente propagandistico negli ambienti politici e

giornalistici dell'Estero, ma colui che sperona continuamente il Dittatore, fino ad indurlo a correggere alcune delle sue caratteristiche, a scendere fra le masse portoghesi per animarle, a creare eventualmente in tempo relativamente breve la base e la struttura di un partito politico che possa avvicinare la dittatura al popolo portoghese e garantirne la continuità in una più calda atmosfera.

In questo campo, particolarmente delicato e importante, la polemica è di tutti i giorni fra il Dittatore, che resiste sulle sue posizioni dottrinali e sulle sue idee personali, e Antonio Ferro che strappa dei "si" [sic] nel senso da lui desiderato. Non tutti giudicano utile e opportuna l'azione di Ferro presso il Dr. Salazar. Si dice da qualcuno che spingere Salazar fra le masse, deciderlo ad abbandonare la sua naturale ritrosia nel fare discorsi, nell'assistere a cerimonie, nell'indire adunate e parate, nell'accedere a costituire un partito, vuol dire snaturarne l'originaria figura togliendogli quelle caratteristiche per le quali, in effetti, se non è amato, è seguito con ammirazione dalle enorme maggioranza dei portoghesi.

Comunque l'azione di Antonio Ferro è un'azione di primo piano e che potrà avere, sviluppandosi, un preminente valore per l'avvenire della Dittatura portoghese. La situazione personale di Salazar, il Dittatore silenzioso, è appunto questa: egli è salito al potere per concessione e gradimento di un gruppo di generali, i quali, dopo averne controllato la virtù di amministratore come Ministro delle Finanze, lo hanno portato alla Presidenza del Consiglio. Ma è pur sempre l'esercito che garantisce la Dittatura che Salazar ha saputo mano a mano instaurare e perfezionare, e vi è sempre il pericolo che per una ragione qualsiasi, ritirando i generali la loro fiducia a Salazar, egli non abbia la possibilità di trovare nel Paese le forze che lo sorreggano e lo mantengano al suo posto.

Durante vari anni di Governo benefico, egli non si è preoccupato, anzi ha sempre ricusato di formare un forte partito politico nel Paese: esisteva una "Union Nacional" [sic] che si tenta di far rivivere, ma che non può costituire in nessun modo lo scheletro di un futuro partito perché, a simiglianza della famosa " Union Nacional Espagnola" [sic] creata da Primo de Rivera, ai tempi della Dittatura, non ha nè contenuto programmatico ben definito, né il sufficiente lievito spirituale. Inoltre ad essa aderiscono uomini della più disparata origine. Esistono rappresentanze, e fiduciari locali ma non vi sono raccolte le più vaste adesioni popolari. Per ovviare il danno di una tale situazione, Antonio Ferro e alcuni elementi che sono intorno a lui, hanno pensato che sia opportuno far astrazione da tutti e da tutto per rivolgersi direttamente alle nuove generazioni che si affacciano alla vita politica portoghese, vergini dai peccati delle precedenti, perché cresciute in un'atmosfera assolutamente nuova per il Portogallo, come quella della Dittatura.

Si è venuti così alla costituzione recente del movimento delle A.E.V. (Accion Escolar Vanguardia) [sic] , che raccoglie i giovani delle scuole medie superiori e degli atenei portoghesi e rappresenta in realtà la sola cosa nuova e caratteristica creata dalla Dittatura nel campo dell'organizzazione politica.

Il movimento è capeggiato dal giovane Oliveira y Silva e sorvegliato dallo scrittore Antonio Eza de Queiroz, che è il Vice Direttore della Propaganda nazionale.

242

Ho avuto naturalmente tanto con l'Oliveira y Silva che con Eza de Queiroz, prolungati colloqui durante il mio soggiorno a Lisbona. Unisco alla relazione materiale del movimento, alcuni distintivi e simboli e alcune fotografie una delle quali, destinata ad esser pubblicata su "Roma Universa" assieme ad un artiticolo del Sig. Oliveira y Silva, reca una entusiastica dedicatoria per la nostra azione dell'Universalità di Roma. Devo osservare che si tratta di un movimento in rapida crescita ma ancora abbastanza modesto benché abbia ottenuto dagli organi governativi impulsi e aiuti. Mi sono recato ad assistere anche ad un'adunata domenicale per la istruzione preliminare dei giovani della capitale, raccolti nelle file dell' A.E.V. . Fieri nelle nuove uniformi con la camicia verde, circa un migliaio di giovani compievano nell'ippodromo di Lisbona gli esercizi militari sotto gli ordini di alcuni sottufficiali dell'Esercito. Finita l'istruzione essi hanno ascoltato alcune parole di esaltazione del movimento dette da due loro Dirigenti, e poi, a titolo di propaganda, si sono recati a gruppi nel centro della città per diffondere con la loro presenza, la conoscenza del movimento.

Nel campo culturale e propagandistico più propriamente detto le A.E.V. provvedono alla pubblicazione di manifesti murali e di opuscoli, dei quali il principale è allegato alla relazione.

La più importante manifestazione è stata l'adunata indetta in occasione della consegna fatta personalmente dal Dittatore Salazar del gagliardetto verde delle avanguardie. In quel discorso sono stati molto rimarcati gli accenni fatti dal Dr. Salazar ad una situazione di freddezza da parte degli ambienti culturali universitari portoghesi nei riguardi della Dittatura e l'invito rivolto ai giovani di essere appunto gli animatori delle masse e anche dei loro professori nei confronti della Dittatura.

Sono apparsi in questi ultimi mesi in Italia, come in tutta la stampa europea, *molti articoli sul cosiddetto " Estado Novo "*, sul complesso cioè dell'azione giuridica ed organizzativa esplicata da Salazar per dare una struttura corporativa al Portogallo. Occorre dire che, vuoi per una nostra simpatia nei riguardi del Portogallo, vuoi per un'abile azione propagandistica esplicata da Ferro durante un suo prolungato soggiorno a Parigi, tutti i giornali che se ne sono occupati hanno rappresentato la situazione con un ottimismo che sembra del tutto esagerato a chi abbia approfondito la conoscenza della situazione portoghese. Non è che esista uno stato corporativo, ma soltanto l'intenzione di farlo; e si dà per fatto quel che è lungi dall'esserlo. Le corporazioni sono evidentemente un punto di arrivo dell'organizzazione sindacale ma non possono in alcun modo prescindere da essa. Ora l'organizzazione dei Sindacati in Portogallo è ben lontana dall'aver raggiunto un grado efficiente. Vi sono su tutte le cantonate dei manifesti che invitano i lavoratori ad inscriversi ai vari sindacati di categoria e che esaltano

le provvidenze legislative della Dittatura nei confronti dei lavoratori, ma sono pochissimi quei sindacati già in grado di funzionare.

E si nota una grande freddezza da parte degli interessati, ad onta di una propaganda intensiva. L'apparecchiatura corporativa esiste, ma sulla carta; ed esiste un complesso di leggi ricopiate da quelle mussoliniane, ivi compresa una specie di Carta del Lavoro, nella quale sono consacrati i nostri principi. Ma non esiste né l'anima né la sostanza di un movimento sindacale e quindi non può funzionare un organamento corporativo.

Accanto alla organizzazione ufficiale vi era fino a poco tempo fa ufficialmente ed ora vi è di fatto con la presenza di una piccola minoranza raccolta intorno a Rolao Prieto [sic] un movimento politico nettamene orientato verso l'azione sindacalista.

243

Rolao Prieto [sic] , che è un giovane pieno di coraggio, di intelligenza e di ambizione, ma privo di un vero intuito ed equilibrio politico, aveva appunto creato un movimento sindacalista e un quotidiano la " Revolucao Nacional " [sic] , che doveva spingere vieppiù la Dittatura ad arrivare alla creazione sollecita dei Sindacati. Di questo movimento faceva parte anche quel Campos e Souza, che si era messo in contatto coi C.A.U.R., dicendosi il Segretario per la Propaganda all'Estero del movimento Nazional-Sindacalista, ma creando l'equivoco tra l'investitura ufficiale inesistente e la realtà di un gruppo di minoranza e di opposizione alla dittatura.

Rolao Prieto [sic] infatti ebbe ad ergersi contro il Dr. Salazar, accusandolo di lentezza, di mollezza e di indecisione. E si ebbe in cambio le persecuzioni poliziesche e la dissoluzione del suo partito. Al giornale nessuno dette più fondi; molti dei suoi camerati lo abbandonarono per tema di noie sicchè esiste oggi solo un gruppetto indeciso e intimorito, ancora stretto a Rolao Prieto [sic] e in opposizione sostanziale alla Dittatura, e un altro gruppetto che compone il movimento nazionalsindacalista n. 2 e si raccoglie intorno al giornale che è divenuto un'emanazione del Segretariato per la Propaganda Nazionale dal quale è sovvenzionato. Attraverso il giornale e questo piccolo movimento nazional-sindacalista n. 2, Antonio Ferro cerca di svolgere nell'ambito gradito al *Governo, quell'azione sindacale per la quale appunto Rolao Prieto* [sic] si batteva.

A parte i movimenti sovversivi i quali non sono affatto forti numericamente, ma anche attraverso le reazioni governative danno pur sempre delle preoccupazione alla Dittatura, non esiste alcuna organizzazione politica ben definita nell'ambito portoghese.

In questo settore si può dire che la Dittatura è riuscita a distruggere i partiti esistenti, ma non a crearne uno nuovo.

Il Sig. Salazar raccoglie certamente la simpatia e l'adesione della maggioranza dei portoghesi i quali riconoscono le sue personali virtù e i benefici della Dittatura; l'opposizione borghese è costituita dalla massoneria, abbastanza forte, che Salazar, buon cattolico, ha sempre combattuto e dal carattere stesso dei portoghesi, la cui costituzionale instabilità è stata finora vinta dalla Dittatura, il che veramente ingenera la più alta della meraviglie e rappresenta forse il miglior successo del Dr. Salazar.

Nei confronti di un'azione italiana in Portogallo in genere, una delle difficoltà è costituita dai sospetti che i portoghesi hanno sulle presunte mire dell'Italia verso l'impero coloniale portoghese. Perciò in tutti i contatti che ho avuto in Portogallo mi sono sempre preoccupato di sfatare questa leggenda.

Venendo all'azione da me svolta per la costituzione del Comitato Portoghese, che in ogni suo atteggiamento è stato accordato al Consiglio del Ministro d'Italia, io ne ho per prima cosa offerta la Presidenza al Sig. Ferro in persona, ma egli, dopo molti tentennamenti e pur dicendosi fiero di aderire ai Comitati, non ha voluto assumere la Presidenza del Comitato Portoghese a causa della sua veste troppo ufficiale.

Si è così pensato alla scelta di Eugenio de Castro, il grande poeta portoghese, preside della Facoltà di Lettere della Università di Coimbra, che fu al Convegno "Volta" e il primo portoghese che aderì ai C.A.U.R.

Il suo nome e la sua persona si trovano al disopra di tutte le lotte politiche e perciò conferiscono alla Presidenza del Comitato Portoghese dei C.A.U.R. un indiscutibile prestigio. Accanto a lui, in funzione di segretario, su designazione di Antonio Ferro, è stato prescelto Antonio Eza de Queiroz, e si è stabilito che del Comitato dovranno far parte i più noti elementi del mondo intellettuale portoghese, integrati dalla presenza, che è di già un fatto compiuto, del giovane Oliveira y Silva, capo dell' A.E.V. e di Joao Ameal [sic], noto scrittore amico del Fascismo e dell'Italia.

Si è anche stabilito; durante la visita che ho fatto agli ambienti universitari di Coimbra, di creare in un secondo tempo due sottocomitati, uno a Coimbra ed uno a Oporto, presso quelle Università, composti, oltrechè di elementi politici, principalmente di professori e studenti universitari.

Il Prof. *Giuseppe Valentini, docente della Università di Lisbona*, e che ha scritto anche ultimamente in "Gerarchia" un interessane panorama del Portogallo attuale, per designazione del Ministro d'Italia, ha assunto con molto entusiasmo l'incarico di Fiduciario Italiano dei C.A.U.R. in Portogallo ed egli si varrà per quanto riguarda Coimbra e Porto dell'azione di un altro insegnante universitario italiano, il Prof. Ippolito Galante col quale in questo senso mi sono accordato a Coimbra. Il Comitato Portoghese comunque è in via di formazione effettiva e può prospettarsi una vita di feconda attività. Si tratta ora di perfezionare, attraverso la corrispondenza della Segreteria Generale,

quanto è stato fatto e, finito il periodo di stasi estiva, il Presidente dei C.A.U.R. potrà recarsi ufficialmente in Portogallo per consegnare le insegne al Comitato di Lisbona.

Desidero rilevare che il rapido risultato raggiunto in un ambiente ancora abbastanza incerto, ha meravigliato tutti a Lisbona dove vigono abitudini di lentezza e di continui rinvii anche per le cose più importanti.

Durante la mia permanenza a Lisbona ho avuto l'onore di essere ricevuto dal Generale Carmona, Presidente della Repubblica, nel Palazzo di Belem e di consegnargli personalmente, assieme al nostro materiale di propaganda il messaggio del Presidene dei C.A.U.R. . Il vecchio generale mi ha ricevuto con cortesia, dimostrando di gradire moltissimo il messaggio e di apprezzare l'azione da noi svolta nel suo Paese.

Il Dittatore Salazar, al quale dovevo rimettere il messaggio dell'On. Coselschi, mi ha fatto dire che era occupatissimo. D'altronde è sempre ed a tutti infinitamente difficile vederlo; sicchè, anche per non prolungare il mio soggiorno portoghese, ho preferito lasciare il messaggio a Ferro, perché lo consegnasse al Dittatore e assicurarmi poi dal Ferro stesso che lo aveva effettivamente ricevuto e gradito.

La stampa lisbonese ha messo in grande rilievo il mio viaggio, come risulta dagli allegati, pubblicando interviste, particolari sufficentemente ampi, e tutti i circoli, tutte le persone sensibili a questo genere di azione politica, hanno dimostrato di valutare al giusto grado l'importantissima azione dei C.A.U.R.

Nel caso di un eventuale prossimo Primo Convegno Internazionale dei C.A.U.R. è pertanto assicurata la partecipazione del Comitato Portoghese, e inoltre quella diretta dei dirigenti il movimento delle A.E.V.

Sono anche stato invitato a partecipare un martedì alla colazione settimanale del Rotary Club di Lisbona, per mezzo di un cortese amico nostro, l'Ing. Rizzetti.

Invitato a prendere la parola, anche in quell'ambiente particolarmente difficile, ma interessante, in quanto composto di rappresentanti di tutte le attività economiche del Portogallo, ho fatto applaudire il programma dei C.A.U.R. e il nome di Mussolini con spontaneità e con unanime convinzione.

Durante la mia visita a Coimbra, accompagnato dal Prof. Galante, ho naturalmente preso contatto con molte personalità e studenti ed ho notato in tutti un grande interessamento ed una grande simpatia per la nostra azione.

Da tutto il complesso quindi dell'attività svolta in Portogallo ho riportato la migliore impressione. Noi potremo, attraverso i C.A.U.R. svolgervi un'azione continuativa assai feconda a patto di seguire quotidianamente con estrema

assiduità i nostri amici, in modo da dare loro la sensazione che il contatto, una volta stabilito, non verrà più interrotto.

Segue, in fascicolo separato, la relazione sul viaggio compiuto in Ispana, e che è succeduto immediatamente a quello fatto in Portogallo.

Con ossequio

FIRMA
(Dr. F. G. Cabalzar)

Roma 4 giugno 1934 XII°

R. LEGAZIONE D'ITALIA TELESPRESSO N° 225/108

RISERVATO **_INDIRIZZATO A_**
SOTTOSEGRETARIATO DI STATO
PER LA STAMPA E
PROPAGANDA

Direzione Gen. Per i Servizi della Propaganda

R O M A

Lisbona 20 febbraio 1935 – XIII° *

Oggetto Missione del Dott. Cabalzar

Riferimento mio telespresso 2 corrente n° 127/60

E' stato a Lisbona fino a ieri il Dott. Cabalzar, ispettore dei C.A.U.R. Egli ha preso contatto con gli elementi nazionalisti più in vista ed è riuscito, vincendo le molteplici difficoltà derivanti dall'apatia e dall'esclusivismo nazionale dei portoghesi, a costituire una Lega di azione universale corporativa la quale si prefigge come scopi di mostrare al mondo le realizzazioni dello Stato Nuovo portoghese, e di far conoscere in Portogallo gli sforzi e i risultati dei movimenti ispirati nei vari Paesi a un ideale comune. - A queste vaghe formule, contenenti ancora più vaghe promesse, si è giunti col consenso e l'approvazione del Presidente del Consiglio Salazar il quale, dopo aver accuratamente tolto dall'intestazione della nuova lega e dal comunicato dato alla stampa ogni espressione e parola che ricordi troppo da vicino il Fascismo, coperto dall'etichetta di corporativismo, ha messo in rilievo che il fine da perseguire è quello di una propaganda del Portogallo di oggi e dello Stato Nuovo portoghese.

In pratica la Lega costituita non sembra destinata a un brillante avvenire e tale da poter realmente servire l'idea fascista; molto probabilmente non produrrà risultati concreti, ma il semplice fatto che si è costituita è di per sé stesso un successo dovuto all'opera intelligente ed accorta che ha qui saputo svolgere il Dott. Cabalzar. - Egli ha anche tenuto, in questa Casa d'Italia, una conferenza sui giovani poeti fascisti che è riuscita interessante e che è stata molto applaudita da italiani e da portoghesi.

Accludo alcuni ritagli di giornali contenenti il testo del comunicato portoghese sulla costituzione del nuovo organismo, i nomi e le qualità dei portoghesi componenti la commissione della Lega medesima e i testi dei telegrammi inviati a S.E. il capo del Governo e al Dott. Salazar

Tuozzi

***Trascrizione integrale del documento. Provenienza: ACS, Archivio MCP, Busta 404, Telespresso Tuozzi-Sottosegretario di Stato per la Stampa e Propaganda, 20/2/1935. [Segue trascrizione integrale**

degli allegati. Sempre medesima provenienza e localizzazione archivistica.]

247

<u>COMMISSIONE</u>

<u>Dr. Eugenio de Castro</u>
Professore alla Facoltà di lettere dell'Università di Coimbra
Poeta
Membro dell'Accademia di Sienze [sic] Portoghese

<u>Antonio Eça de Queiroz</u>
Scrittore - Vice direttore del Segretariato della Propaganda Nazionale
Collaboratore del giornale "Jornal do Comercio e dal Colonias"

<u>Dr. João Ameal</u>
Scrittore - Redattore del Segretariato della Propaganda Nazionale
Collaboratore del "Diario de Noticias", "Diario de Manhã" e "Jornal de Noticias" di Oporto.

<u>Dr. Caetano Beirão</u>
Scrittore - avvocato
Capo servizio della sezione corrispondenza del "Diario de Noticias"
Collaboratore della "A Voz" - Segretario della Rivista culturale "Nacão Portuguesa"

<u>Fernando de Campos</u>
Scrittore - Membro della Associazione Archeologi di Lisbona
Collaboratore della "A Voz" - Segretario della Rivista culturale "Naçao Portuguesa"

<u>Conde de Aurora</u>
Scrittore - Giudice del Tribunale del Lavoro di Oporto - Collaboratore di vari giornali portoghesi.

<u>Dr. Antonio de Menezes</u>
Dottore in medicina - Redattore del periodico "Lisboa Medica" Interno di Chirurgia agli ospedali Civili di Lisbona - Collaboratore in vari giornali e riviste portoghesi.

<u>Dr. Abilio Pinto de Lemos</u>
Avvocato - giornalista.- Segretario del Ministro dell'Istruzione

<u>Augusto de Costa</u>
Scrittore
Capo servizio dell' Istituto "Trabalho Nacional"

Collaboratore del “Diario de Manhã” e del “Jornal do Comercio e das Colonias”.

248

LIGA D’ACÇÃO UNIVERSAL CORPORTIVA

A Sua Exa O Sr. Presidente do Conselho

A Liga d’Acção Universal Corporativa foi hoje constituida em Lisboa com o fim de propagar no mundo inteiro a obra construtiva do nacionalismo portugês.

Esta obra é uma das mais soberbas afirmações das ideas novas destinadas a salvar a humanidade.

A Liga d’Acção Universal Corporativa deseja ainda mostrar aos portugueses o grande esfõrço realizado em todo o mundo por todos aqueles que crêem nas idéas que entre nos jà alcançaram o triunfo.

Nesto momento da sua constituição temos a grande honra de apresentar a V.Exa os protestos de nossa sincera gratidão e da nossa devoção.

Lisboa, 15 de Fevereiro de 1935

249

Son Excellence Mussolini*

R O M A

La Liga d'Acção Universal Corporativa constituée aujourd' hui à Lisbonne sous les auspices des C.A.U.R. présente au pionnier des idées nouvelles seules capables d'assurer le bien être de l'humanité témoinage de son admiration et ses hommage respectuex.

Eugenio de Castro
Antonio Eça de Queiroz
João Ameal
Caetano Beirão
Fernando Campos
Conde Aurora
Antonio Menezes
Abilio Pinto Lemos
Augusto Costa
Cabalzar – Inspecteur des C.A.U.R.

*** Documento senza data**

LIGA D'ACÇÃO UNIVERSAL CORPORATIVA*

Os abaixo assinados, tendo ouvido as declarações do Sr. Antonio Eça de Queiroz e do Sr. Dr. F.G. Cabalzar inspector dos C.A.U.R. , declara constituida a Liga d'Acção Universal Corporativa, destinada a colaborar estreitamente e eficamemente com a sede central dos C.A.U.R.

A Liga tendo tomado conhecimento da admiravel actividade e dos estatudos dos C.A.U.R. resolveu dar começo a uma intense obra de propaganda que, de um lado espalarà pelo mundo inteiro a realidade do Estado Novo Corporativo Português, e do outro, darà a a conhecer em Portugal os grandes esforços realizados em todos os paises por aqueles que lutam pelo ideal que nos è comun.

A Liga deseja ser o fulcro da aristocracia intelectual e politica do Novo Portugal, em volta do qual se deverão agrupar todos os elementos que compreendem o valor das ideas que transformam o mundo dando-Ihe uma elevada unidade espiritual.

A Liga delibera dar começo aos seus trabalhos enviando as suas homenagems ao Dr. Oliveira Salazar, creador do Estado Novo Português, a Benito Mussolini pioneiro do nacionalismo corporativo universal, e ao General Coselschi, Presisente do C.A.U.R.

A Liga escolhe para seu presidente o Sr. Dr. Eugenio de Castro

Para secretàrio Geral o Sr. Antonio Eça de Queiroz

“ “ Adjunto o Sr. Dr. João Ameal

Os restantes membros formarão o Conselho Directivo da L.A.U.C.

* **Documento senza data**

COMITATI D’AZIONE PER LA UNIVERSALITA’ DI ROMA

RELAZIONE SULLA MISSIONE COMPIUTA DALL’ AVV. BALDI PAPINI IN PORTOGALLO*

Agosto 1935. XIII

*** Trascrizione integrale del documento. Provenienza: ACS, Archivio MCP, Busta 404, relazione Baldi Papini.**

Ill. mo Signor PRESIDENTE DEI C.A.U R.

Il mio non era un incarico specifico da parte dei C.A.U.R. , ma una mansione generica di studio dell’Estado novo portoghese, della sua natura , dei suoi caratteri, della sua efficienza, della sua posizione e situazione attuale; ciò al fine di stabilire l’esistenza e la portata delle differenze e dei contatti col Fascismo onde con questi elementi poter mettere a fuoco il pensiero e il sentimento degli ambienti politici lusitani, il tono e la misura di predisposizione loro a collaborare coi C.A.U.R.

Osservare, indagare presso uomini del governo e soprattutto presso gli iscritti all’Unione nazionale, tastare il polso popolare, raccogliere le idee e le chiacchiere nei più disparati ambienti dall’agricolo al militare, dal Ministero al caffè al club alla strada: questo il metodo da me ritenuto migliore per l’assolvimento del compito, e che ho eseguito, cercando di attenermi al brocardo latino velox ad audiendum , tardus autem ad loquendum.

Regola saggia che ho dovuto, però assai spesso trasgredire per vincere la ritrosa reticenza degli interlocutori, dovuta alla diffidenza che è propria del portoghese, sia alla riservatezza alla quale ognuno ha proprio costume, prudentemente, in regime poliziesco. Ho avuto spesso presenti le istruzioni date dal Machiavelli a Raffaello Girolami : " Io so di quelli che per essere uomini sagaci e doppi hanno in modo perduta la fede al principe, che non hanno mai potuto di poi negoziare seco; e se pure qualche volta è necessario nascondere con le parole una cosa, bisogna fare in modo che non appaia, o, apparendo, sia parata e presta la difesa." E le ho seguite.

Non sapevo poi quanto fossero capaci gli elogi e le laudi di toccare la sensibilità di quel popolo, sia presso il ricco che presso il povero, l'intellettuale e l'operaio, al punto di essere le condizioni indispensabili per trarne opinioni e confidenze.

Specialmente quando io portavo il discorso sulla efficienza o meglio la inefficienza della Unione Nazionale per cercare di rendermi ben conto del come essa funzioni, in che cosa differisca da un partito o dal partito, quali garanzie offra di stabilità e di continuità ecc., argomenti tutti di massima delicatezza per l'indecisione colla quale il Governo disciplina l'associazione e per il conseguente disagio in cui si trovano gli aderenti, vedevo i miei interlocutori mutare fisionomia, abbassare il tono, sfuggirmi e lasciar cadere il discorso, o , più abilmente passare da interrogati a interroganti; e la domanda preferita era allora:

E lei che pensa del conflitto italo-etiopico?

IL CONFLITTO ITALO-ABISSINO E IL PORTOGALLO

A proposito della questione Abissina dirò subito qui, per non tornarci più sopra, che le impressioni da me riportate circa il punto di vista dell'opinione pubblica portoghese non sono state

le più desiderabili. Si riconosce unanimemente il nostro buon diritto, il nostro bisogno espansionistico, ed accanto a questo senza la minima coerenza logica, si disapprova la nostra ferma volontà, il nostro programma, la nostra azione.

Come si spiega?

Non bisogna dimenticare innanzitutto che quello Stato vive tuttora sotto la più supina soggezione inglese, vede e parla attraverso gli occhi e la bocca inglesi. La stampa, quantunque, a onor del vero, tenti di mantenere una certa

linea di serenità e di imparzialità, è insufflata da quella inglese. Durante il mio soggiorno, per es., i giornali riportarono ampiamente, con relativi commenti, notizie trasmesse da Londra secondo le quali l'Italia avrebbe palesemente mire sull'Angòla; che, connivente con la Germania, avrebbe offerto, in un primo tempo, una somma di denaro per acquistarla, ciò fallendo, avrebbe rivolto il proposito di una occupazione militare. Né valse la grossolana insulsaggine di tale insinuazione albionica, mirante solo, come è evidente, a fomentare in Portogallo odio contro di noi, a lusingare e tranquillare gli spiriti di lor natura nervosi ed emotivi.

Una persona influente ed intelligente, mentre da lei prendevo congedo, dopo i saluti di convenienza, seppe dirmi in tono serio:
" E dica a Mussolini che noi non vendiamo le nostre colonie!".

Gli diedi la risposta di Brenno.

Queiroz , pur così buon amico dell' Italia, così ragionevole, e personalmente favorevolissimo alla nostra tesi circa il conflitto etiopico, dopo la comparsa di quei trafiletti, sia pure dando alla frase l'intonazione più generica volle dirmi:
" Siamo in un piccolo paese, ma pronti a cadere fino all'ultimo uomo per difendere anche un palmo di terra se la madre patria o una colonia venisse aggredita."

- ! ?

A fil di logica questi timori dovrebbero condurre l'opinione a vedere con favore la nostra azione abissina, chè, indirizzata nell'Africa Orientale, l'Italia sarebbe distratta dalle presunte mire nell'Africa Occidentale. Non è così. E ciò perché , oltre all'amicizia coll'Inghilterra, interviene un altro fattore; lo spettro tedesco. Se vi sono persone e ve ne sono, che, per quanta riguarda i timori suaccennati , hanno comunque piena fiducia e stima nella lealtà italiana, non ve n'ha alcuna che non paventi seriamente una minaccia germanica sui possedimenti africani. Questa minaccia, non è nuova; Von Bulon [sic] lo ha rivelato nelle sue memorie, e si teme che in seguito all'azione italiana debba concretarsi. Quindi si ama lo statu quo, si è contrari a qualunque cambiamento possa avvenire nella carta geografica dell'Africa.

Tragica miopia politica di questo valoroso popolo imperialista per tradizione e sentimento, modello di ordine e di civiltà , campione delle Destre, latino, che non comprende e non vuole comprendere l'opera di giustizia e di civilizzazione che un altro popolo, di comune origine, dal quale esso ha tratto insegnamento, per la sua rinascita, intende attuare, e si allea agli egoismi, ai negri, agli anti-fascisti !

LO ESTADO NOVO

La rivoluzione del 28 maggio 1926, è, in ordine di tempo, la ventunesima rivoluzione a cominciare dalla caduta della Monarchia: in 16 anni ! nè differisce per i suoi caratteri dalle altre:

Un gruppo di soldati muove da Braga, durante un congresso Cattolico e marcia sulla capitale per ribaltare il Governo. E' una rivolta militare fortunata per la riuscita e fortunata per gli uomini che la conducono; energici, risoluti a non farsi spodestare troppo facilmente e animati dalla volontà [di] instaurare l'ordine e l'autorità, ponendo fine alle camarille e alle guerriglie dei partiti e dei gruppi.

Non è ispirata da una corrente dottrinale, non è preparata con una tecnica, non è il risultato di una fermentazione di idee, non monta da uno spirito creativo novo, da una mistica sofferta e maturata, ma nasce dalla forza materiale, si svolge e afferma in modo tutto meccanico.

Fu fatta, insomma, al di fuori del popolo che la riconobbe poi, aderendo alla dittatura quando ebbe capito che essa, in realtà, attuava un'aspirazione ormai sentita da tutti, quale il termine delle lotte interne, del disordine costituzionale e il principio della riorganizzazione economica, finanziaria, amministrativa, sociale.

Fu diretta contro il Parlamento, contro la corruzione politica e dei funzionari, contro il regime perché questo era il male, era il nemico e non soltanto in quanto lo si ritenesse debole e inetto a salvaguardare la patria da un pericolo: infatti il Portogallo non ha sofferto la barbarie comunista, non ha riconosciuto la minaccia della Internazionale sovversiva, né, quindi, la necessità di formazioni civili combattentistiche e squadriste.

Una operazione di polizia compiuta dall'esercito è stata sufficiente laddove in Italia occorse la rivoluzione civile coi suoi conflitti, col suo sangue, colla sua "marcia" e col suo spirito collettivo di rigenerazione. Di qui la mancanza di un "Duce" di una élite, di una dottrina, di una fede rivoluzionaria che, nata e cementata dalle gesta di battaglia, permeasse, fin dal principio, l'anima del popolo. Esso rimase estraneo e passivo sotto la dittatura militare, calmo, non per convinzione ma per la considerazione che prima si stava peggio e per paura.

Salazar, l'animatore, il creatore dello Estrado Novo, cioè della dottrina e del regime come attualmente è, apparve dopo due anni. Professore di scienza delle finanze all'Università di Coimbra, uomo di studio, di carattere mite e chiuso, schivo dal mostrarsi in pubblico, soprannominato il "santo laico" il "benedettino" per i suoi costumi e le sue abitudini, fu portato al governo suo malgrado.

Non aveva partecipato alla grande guerra nè alla rivoluzione, non era capo di un partito, anzi si era tenuto sempre fuori dalla politica viva. Egli, figlio di una terra dove, come disse Pildzuskin [sic] , la Siberia è l'isola di Madera, e dove le iberiche corride si fanno col toro "embolado", è ben lontano dal possedere i caratteri del Duce o del Fuherer [sic] .

Ha, invece, i soli caratteri del saggio e, meraviglioso a dirsi, il suo ascendente e la sua forza promanano unicamente da questa virtù.

D’altronde la fiducia nell’intelligenza e nell’intelletto è fenomeno non nuovo in Portogallo. Quando c’era soltanto l’Università a Coimbra, tutta la classe di coloro che studiano conveniva là; si stringevano le relazioni ed il giuoco di queste portava alla formazione di un gruppo di dirigenti che usciva sempre dalle facoltà universitarie. Il popolo è abituato a vedere al potere uomini della scuola.

Investito nel 1928 del portafoglio delle finanze, il Prof. Salazar si applicò, senz’altro, al lavoro riuscendo a chiudere, alla fine dell’anno stesso in avanzo il bilancio, per risanare il quale il Generale Cortes, nel 1926, aveva fatto appello alla Società delle Nazioni. Questo magico successo, quanto la sua superiorità morale ed intellettuale innalzò il prestigio dell’uomo di fronte alla Nazione ed ai colleghi di Governo, in mezzo a cui egli prese, immediatamente il sopravvento politico: nessun progetto veniva varato che il Salazar non avesse veduto, studiato, approvato, non tanto come Ministro delle Finanze ma come Salazar.

Ciò stante, parve più semplice e naturale innalzare il Professore alla Presidenza del Consiglio, il che avvenne nel 1932.

Egli era ormai non più un Ministro maggiormente abile degli altri: era il Capo, l’uomo nuovo del Portogallo.

Sistemato il sistema economico e finanziario, rivolse la mente a quello politico, ed i principi dello Stato nuovo cominciarono ad elaborarsi nel suo cervello: egli capisce che per “durare” la rivolta militare e la conseguente dittatura hanno bisogno di una formula che le giustifichino “ andiamo in cerca di una formula di equilibrio” dichiara il famoso discorso 9 giugno 1928, che segna, appunto, la nascita dello “estado novo” [sic] . Nel 1935 potrà dire : “temos una [sic] doctrina seimos una [sic] força”.

Ammiratore di Mussolini, conoscitore della dottrina fascista prese da questa le direttive fondamentali proclamando in discorsi successivi, e particolarmente in quello del 30 giugno1930, fatto in occasione della fondazione della Unione Nazionale, i capisaldi della nuova dottrina, riassunti in un decalogo che, pubblicato a guisa di manifesto, sta affisso in tutti gli uffici pubblici della Capitale, delle città e dei villaggi.

Eccoli in sintesi:
Collaborazione e unità di tutti i valori organici e delle energie creative.
Subordinazione delle classi all’interesse nazionale; Corporativismo.
Autorità e libertà.
Individuo in funzione di un gruppo, sia la famiglia, la corporazione, il municipio, l’esercito.
Stato forte.
Abolizione dei partiti e quindi del parlamentarismo.
Valorizzazione della tradizione, ed esaltazione della missione civilizzatrice dell’Impero.

Legittimazione della forza quando questa serva per la difes [sic] della Patria.

Nei suoi commenti il Salazar ama richiamarsi anche ai principi evangelici allorchè vuole giustificare la linea di mezzo da lui seguita tra i tradizionalisti e gli innovatori, dai quali ultimi si sente tacciare spesso di irresoluto, di indeciso, di borghese. Ciò che lo preoccupa è non deviare dalla legalità, di non agire contro la morale intesa nel senso più assoluto. “ Non posso sfuggire a certi limiti di ordine morale ” egli ha detto. E dello Estado Novo ha dato la seguente definizione: “ Avanguardia morale, sociale e politica che rappresenta l’accordo di tutto ciò che è nuovo delle tradizioni vive della Patria e dei suoi impulsi più avanzati.”

L’Estado Novo si fonda sulle basi di ordine, autorità, famiglia, proprietà. Il programma del Regime si è attuato per alcune parti rapidamente, mentre certi istituti sono tuttora allo stato di abbozzo, come per esempio, l’organizzazione completa dei Sindacati e delle corporazioni; e tale

lentezza non solo è dovuta alla prudenza Salazariana ma anche alle diverse difficoltà di ordine sociale quali la incomprensione e la mancanza di spirito corporativo delle masse, la impreparazione dei dirigenti, che ingombrano il cammino. Per ora, di pronto, ci sono gli Statuti dei diversi organismi, che interessa qui riportare in succinto:

I° - <u>Statuto del lavoro nazionale</u> : Il diritto di proprietà è garantito e lo Stato si rifiuta di sfruttare egli stesso ogni genere di industria. Gli scioperi e le serrate sono proibiti. Tutti gli impiegati dovranno avere un giorno di riposo settimanale e un salario minimo senza che alcuna cifra sia fissata per decreto, o onorario massimo. Sono ammessi i contratti individuali e collettivi.

2° - <u>Statuto dei Gremios</u> : (Sindacati padronali):

I Gremios sono creati dal Ministero del Commercio e Industria o da quello dell’Agricoltura. Sotto certi punti di vista sono dipendenti dal Sottosegretariato delle Corporazioni e della Previdenza Sociale e sotto il regolare controllo dell’ Istituto Nazionale del Lavoro e Previdenza. Godono della personalità giuridica e non possono far parte di una associazione internazionale senza l’autorizzazione del Governo.

Essi hanno un compito politico, devono fornire tutte le informazioni professionali, collaborare coi Sindacati dei lavoratori per ciò che concerne le attività sociali ecc. – Tutte le imprese di uno stesso mestiere sono obbligate a farne parte.

3° - <u>Statuto dei Sindacati nazionali</u> : (operai, artigiani, professioni liberali):

Godranno dei diritti politici, e la personalità giuridica, della facoltà di fare contratti collettivi soltanto i Sindacati Nazionali i cui Statuti siano stati approvati. Possono godere di un diritto di proprietà previa autorizzazione. Sono controllati e possono fondare cooperative. Tutti i mestieri e gruppi di mestieri possono avere un Sindacato distrettuale. Non c’è obbligo di farne parte, ma c’è quello di rispettare, comunque, i contratti collettivi.

4° - <u>Statuto delle case del popolo</u>:

Le case del popolo non sono obbligatorie, ma ogni parrocchia rurale può averne una. Esse godono della personalità giuridica e perseguono scopi

diversi: mutualità e previdenza, sport, cinema, spettacoli, cooperazione, igiene, scuole, istruzione professionale, dispensari, giardini d'infanzia, asili ecc.-

Si è fatto, pertanto, la nuova COSTITUZIONE approvata per referendum popolare il 28 marzo 1933, di cui preme porre in rilievo le principali disposizioni:

IL PRESIDENTE DELLA REPUBBLICA è eletto per sette anni. Può sciogliere le Camere, nomina e revoca i Ministri.

I MINISTRI non sono responsabili, politicamente, che davanti al Presidente della Repubblica.

IL CONSIGLIO DI STATO è riunito in casi gravi dal Presidente della Repubblica. Ne fanno parte: il presidente del Consiglio delle due Camere, del Tribunale Supremo, il Procuratore Generale e cinque membri nominati dal Presidente della Repubblica.

L'ASSEMBLEA NAZIONALE è eletta dai cittadini per quattro anni e siede tre mesi l'anno. Essa vota le Leggi, approva i decreti, il bilancio, i trattati, la dichiarazione di guerra.

Il Regolamento limita la lunghezza dei discorsi. Ogni Ministro e ogni Deputato ha il diritto di iniziativa di progetti di legge. Le leggi sono votata a maggioranza. Se il Presidente della Repubblica non le promulga devono essere discusse di nuovo ed allora è necessaria una maggioranza di due terzi. La sessione ordinaria dura tre mesi.

LA CAMERA CORPORATIVA rappresenta le Corporazioni e non ha che voto consultivo sui progetti di Legge, sia in seduta plenaria sia in sedute particolari, secondo che si tratti di Leggi generali o di Leggi che interessino soltanto alcune Corporazioni.

La qualità di cittadino è determinata dalla Legge civile, ma l'uso del diritto di voto deve essere regolato da una Legge speciale.

I CORPI AMMINISTRATIVI sono i Consigli di Parrocchia, di Municipio, e di Provincia.

L'uso della libertà di Stampa, di riunione, di associazioni, di insegnamento è regolato dalla legge. La libertà dei culti è riconosciuta.

+

+ +

Come si vede la nuova Costituzione determina la soppressione del parlamentarismo per dare forza al potere esecutivo, istituisce un organismo, analogo al nostro Gran Consiglio, e dà vita alla Camera Corporativa, sostituendo il Regime liberale e la rappresentanza di partito col sistema del tipo fascista della rappresentanza organica degli interessi e delle associazioni di carattere economico ed intellettuale. Come da noi la forza intellettuale è inquadrata accanto ai Sindacati dei Lavoratori.

Un cenno particolare merita il titolo terzo che contempla "La Famiglia". Suona l'art. 11: " Lo stato assicura la costituzione e la difesa della famiglia, come fonte di conservazione e di accrescimento della razza, come base prima della educazione, della disciplina e delle armonie sociali, e come fondamento di tutto l'ordine politico per il suo legame con la Provincia e col Municipio, e per la rappresentanza nelle stesse autarchie."

Lo Stato e i Comuni per l'art. 33 si occupano di proteggere la famiglia fino ad arrivare ad incoraggiare l'adozione di un "salario di famiglia" ed a costituire "beni di famiglia".

In verità queste disposizioni provvide rispondono ad una viva necessità del popolo portoghese, presso il quale la pietas familiaris è profondamente radicata.

Conviene accennare anche a due altre nuove istituzioni del Regime e cioè:
Alle Case economiche; delle quali il Governo, unitamente al Municipio o alla Corporazione, può suscitare la costruzione per gli iscritti ai Sindacati o per i funzionari. Possono essere vendute o locate a buon mercato.
All'Istituto Nazionale di lavoro e di Previdenza che assicura la esecuzione delle Leggi sulla protezione del lavoro.

C'è poi un TRIBUNALE DEL LAVORO istituito in ogni distretto cui spetta giudicare questioni corporative, su contratti di lavoro, su infortuni ecc. - Ha una competenza facoltativa per le questioni concernenti i contratti individuali.

Tracciati così fugacemente, ma per quanto basta, i capisaldi dello Estado Novo che è affermato sulle rovine di un Regime squisitamente liberale-massonico quale è stato quello portoghese a partire dal 1910, poniamolo ora, nelle massime linee, a confronto con la concezione fascista.

Abbiamo già veduto come sia grande la distanza fra le due rivoluzioni. Quella portoghese nacque come pronunciamento e divenne rivoluzione solo perché fu così definita per cercare di darle un contenuto di eroismo ed uno spirito che non ebbe.

Il Capo e fondatore dello Estado Novo non prese parte al movimento. Egli, per il suo carattere, per il suo sistema, non somiglia per niente al Duce.

Il Regime di Salazar è un regime personale senza personalità. Non è sbocciato dalla coscienza popolare ma è il parto della elaborazione mentale di un saggio che comprese esser necessario dare un'anima alla dittatura ; quindi non è radicato nel sentimento della Nazionale [sic] , ma la stabilità riposa superficialmente, sul buon senso e sul raziocino. E' un bel prodotto artificiale, un meccanismo ingegnoso che ha incontrato il gusto del cittadino. Insomma, mentre il fascismo è un sistema di pensiero prima che un sistema di Governo, l'Estado novo è semplicemente un sistema di Governo, a cui, si cerca dare un contenuto ideale.

E' stata respinta la concezione totalitaria, lasciando insuperata la vecchia teoria naturalistica esser la Nazione a creare lo Stato. " La costituzione, approvata dal plebiscito respinge come inconciliabile coi suoi obiettivi tutto ciò che è direttamente o indirettamente si riferisce al sistema totalitario" dice Salazar al Congresso dell' U.N. ; e l'art. 1 dello Statuto del Lavoro, letteralmente copiato dall'art. 1 della Carta del Lavoro, non riproduce le parole della Carta stessa: " (La Nazione) è una unità morale, politica ed economica che si realizza integralmente nello Stato - (Fascista)".[?]

Forse rendere lo Stato assolutista come vuole l'integralismo avrebbe costituito un pericolo di reazioni in un paese che fu per tanti anni scena di lotte contro le onnipotenze demagogiche o oligarchiche e che, soltanto per amore di migliori giorni, di calma di benessere e di edonismo ha dato la sua adesione al Regime. D'altra parte il sentimento dell'Unità Nazionale in Portogallo è così antico, schietto e sicuro da poter consentire alla dottrina statuale un certo prudente eclettismo; questo, per lo meno, il punto di vista più plausibile che mi sia stato dato sull'argomento.

Infine lo Estado Novo, non sviluppatosi da un partito, rappresenta formalmente una dittatura di tutto quanto il popolo, al di fuori di qualsiasi criterio selettivo e , sotto questo profilo, di fronte al carattere eminentemente aristocratico del Fascismo incarna appieno il concetto democratico.

Molti interlocutori sono rimasti perplessi quando io ho domandato attraverso quali principi e quali mezzi avvenga la formazione della classe dirigente.

Sembra che il problema non sia stato ancora posto.

L'UNIONE NAZIONALE

Fu costituita in seguito al discorso fondamentale di Salazar del 30 giugno 1930, nel quale il Capo annunziò che la dittatura militare stava morendo per dar luogo ad un Regime fondato su basi civili.

Per dare allo Stato un'armatura politica egli fa appello alla Nazione, "poichè non è possibile trasformare l'assetto di un paese senza la cooperazione o per lo meno senza l'assentimento di masse profonde e vive nel paese stesso". Vedremo se sia riuscito a costituire una vera armatura o invece un ammasso organico. Diremo intanto che l' Unione cominciò a vivere fra l'indifferenza generale, e si capisce: il suo statuto le assegnava una portata semplicemente negativa "è una associazione senza carattere di partito , indipendente dallo Stato, destinata ad assicurare l'ordine civile attraverso la collaborazione dei suoi affiliati, senza distinzione di scuola politica, o di confessione religiosa" detta l'art. 1 , cosicchè il suo programma e di [sic] suoi fini sono tanto vaghi e scarsi che non sembrano giustificare la farraginosità dell'organizzazione. Astrattamente sì, sono grandiosi, elevati, ma in pratica si riducono a preparare le elezioni, a far della propaganda con manifesti e opuscoli in concorrenza al Sottosegretario della Stampa a dar parere al Governo quando lo richieda, a indire riunioni e congressi. Accoglie nel seno un centro di studi corporativi per l'esame e lo studio della riforma in corso.

Compiti questi, come si intende facilmente, che non riguardano e non interessano la massa.

Gode di una limitata personalità giuridica e la sua attrezzatura periferica è ancora lungi dall'essere completa: lo Statuto, del resto, da [sic] tempo fino al 31 dicembre 1937.

Capo ne è Salazar , non in quanto Presidente del Consiglio, ma come Salazar.

Si pensò in un primo tempo che fosse un partito nato contro i partiti, ma tuttavia un partito. Senonchè Salazar si affrettò a chiarire: " il concetto di Unione Nazionale è incompatibile coll'idea di partito. Si tratta di una associazione aperta a tutti i cittadini che intendono collaborare alla costituzione dello Estado novo, il far parte della quale non attribuisce alcun privilegio".

In realtà, chiunque possa ottenere l'iscrizione non è esatto, poiché ne sono esclusi per esempio, tutti coloro che abbiano preso parte a rivoluzioni o dimostrino eccessive irrequietudini; ed in quanto ai privilegi, sta di fatto che i funzionari e gli impiegati hanno ottenuto opportuno inserirvisi.

" Siamo costretti" mi diceva un impiegato di un Ministero, senza precisarmi l'estensione della parola "costretti".

E’ certo che, a prescindere dai dati di fatto suaccennati, i quali avvicinerebbero molto l’Unione ad un Partito, a prescindere dal testo statutario che sente il bisogno di negarle il nome di partito, che come me, riconosca la possibilità di vita del partito unico, senza confonderlo con un organo dello Stato, credo non sia troppo perplesso nel ritenere anche l’U.N. un Partito vero e proprio . [?] (Cfr. il mio studio: Il Partito nello Stato Fascista - Costruire - Marzo 1934 - XII E.F.)

260

D’accordo che non esisteva prima dell’Estado novo, né che ha conquistato il potere, ma:

1) è un’associazione con fini politici distinta dallo Stato;
2) persegue uno scopo squisitamente politico quale quello di seguire, propagandare e affermare la dottrina dell’ordine Nazionale;
3) impedisce, come partito vincitore, il risorgere di altri partiti;
4) fornisce, per lo meno di fatto, gli uomini al Governo ed ai posti di comando;
5) i suoi dirigenti sono consultati dal Governo;
6) i gerarchi periferici si tengono in stretto contatto cogli enti autarchi ed hanno su di loro mansioni di controllo e vigilanza politica;
7) appoggia e sostiene un regime il “suo” regime lo Estado novo.

Diversamente argomentando dovrebbesi concludere che un partito a carattere nazionale, il quale per un momento detiene il potere, poiché nazionale, avendo in quell’epoca soggiogati i partiti a lui avversi, non sia più un partito, che potrebbe quindi sciogliersi, senza preoccuparsi di perdere nella Nazione il terreno conquistato! [?] Non è l’esistenza di un partito opposto a dare vita ad un partito, come, erroneamente sostiene il Bluntchli.

L’avversario, non cessa di esistere sol perché non si vede, anche latente rimane sempre tale, né contro di lui si può né deve disarmare. Anzi, quanto più un partito è organizzato tanto maggiormente offre garanzia di efficienza e di continuità.

Preme appunto vedere, adesso, quali siano i sistemi e i mezzi dell’U.N. sul terreno della pratica.

E qui sta proprio il punto debole, il vizio di costruzione: l’Unione Nazionale è una intelaiatura armonica, agile, ma semplice intelaiatura. Abbiamo visto come i suoi compiti siano, eminentemente, diciamo così dottrinali: studio, pareri politici al Governo, propaganda che tocca il dominio culturale, compiti, insomma, che soltanto poche persone, fornite di capacità intellettuali, bastano a disimpegnare; e, sotto questo profilo, che, d’altronde, è unico, ci appare piuttosto come un’accademia, un consiglio di persone saggie , una associazione avulsa dal popolo, lontana dalla massa, che non si può accorgere, e infatti non se ne accorge della esistenza di lei.

Nessuna attribuzione le è assegnata che sia fatta a far partecipare il popolo alla vita dello Stato, a farlo vivere in clima di tensione ideale.

Gli iscritti non hanno che a pagare la modesta quota di tesseramento ed è tutto: nessun obbligo li lega, nessuna disciplina li unisce, nessun dovere li attende. E' loro ignoto il carattere di tipo militare del fascismo italiano e del nazismo tedesco; non riunioni, non gagliardetti, né vessilli, né emblemi.

- Eppure anche le forme, quelle che si chiamano le esteriorità, le quali possono sembrare inutili in apparenza, hanno la loro necessaria funzione: innanzitutto sono care al popolo, eppoi assurgono a simboli e servono a tener vivo lo spirito, a rivestire l'idea tramutandola in un segno visibile e tangibile che dura, sopravvive, ricorda, stimola. Basti considerare come hanno parlato al nostro animo i fasci romani …… così dicevo all' Avv. Soares, membro del Consiglio dell'Unione "voi portoghesi non avete avuto una rivoluzione di partito che abbia creato dei segni propri, ma avreste potuto benissimo ricercare sacri simboli fra l'ex combattentismo della grande guerra"….

- Salazar , uomo riservato, ama il popolo ma non la massa. Schiva il mostrarsi in pubblico. Soltanto una volta ha visitato un città, Oporto, in forma ufficiale!

Salazar è troppo saggio per subordinare ad un gusto personale l'adozione o la non adozione di un sistema quando ciò ritenesse utile allo Estado novo.

- Ma perché , dunque, non intende dare all'U.N. una struttura più maschia, più salda , più fascista, una organizzazione più capillare per trasformarla in un vero partito di massa, vivo ed attivo? così è essa ha l'aspetto di un grande orgnismo [sic] statico con funzione semplicemente negativa di evitare il fiorire e il rifiorire di altri gruppi politici …..

E' questa la domanda particolarmente interessante per noi fascisti, da me posta tante volte, a tante persone e che altrettante volte ha urtato in reticenze o risposte oblique. Riporto le risposte più salienti che ho ottenuto dalle persone più considerevoli, ponendole senza ordine e senza dare importanza ai nomi degli intervistati fra i quali scelgo, ripeto, i più attendibili; appartenenti alcuni ad una tendenza altri ad altra, come si intende facilmente dal tono delle risposte stesse, il cui insieme dà un'idea assai precisa della situazione e del relativo stato d'anino.

Fingo, per essere più chiaro, un solo interlocutore.

- " Non comprendo, dicevo io, come un popolo latino, vivace, esuberante, che ama per natura occuparsi di politica , si possa lasciare completamente staccato dalla cosa pubblica. L'averlo organizzato seriamente e severamente in un partito nazionale avrebbe soddisfatto il suo spirito dandogli la possibilità di seguire e vivere la vita pubblica sotto il controllo dello Stato. Un inquadramento tipo fascista dell'U.N. avrebbe certo rappresentato, sotto questo aspetto, una valvola di sicurezza …..

- L’uomo politico è come un medico, mi fu replicato. La sua scienza è la patologia, il suo lavoro consiste nella diagnosi dei governati, nel conoscere il loro carattere, le virtù i difetti. Tale è Salazar. Egli sa troppo bene che il portoghese è sì un latino, ma un latino “atlantico” non mediterraneo. Ha della razza alcune caratteristiche delle più spinte, e non le migliori, per esempio: la emotività, la sensibilità, lo spirito poetico, la passionalità, ma poi è molle, amante del benessere, in fondo calmo e posato, bonario, lento, malinconico ….., pensate alla saudada [sic] , la intraducibile nostalgia nazionale ……

Quindi non è temibile nel senso che dubitate; può viver benissimo al di fuori della vita pubblica, e la disciplina invece di rafforzarlo, lo avrebbe forse esasperato, un inquadramento, coi suoi doveri avrebbe probabilmente provocato del disagio.

- “ Eppure le numerose rivoluzioni che hanno preceduto il 1926 non sembrerebbero confermare quelle caratteristiche, diciamo, “atlantiche” che voi attribuite al portoghese ……
- “ A quelle rivoluzioni il popolo, con la sua coscienza, non ha mai partecipato. Sono state sempre opera di cricche, conseguenza di personalismo quistioni fra militari.

D’altra parte potete credere che il paese è stanco di quelle lotte sterili, di quei litigi e non domanda di meglio se non di essere governato bene e lasciato tranquillo.

- “ Così come è l’U.N. ha soltanto un carattere e una funzione culturale. Essa è prerogativa e monopolio di pochi ….. non riflettete all’ipotesi che fra questi rappresentanti della cultura, fra questi sapienti si possono determinare

correnti eterodosse che potrebbero minacciare l’Estado novo?

- “ No , perché l’indirizzo viene dal Capo e il lavoro deve svolgersi sulle traccie della costituzione.

- “Ma le ambizioni, le gelosie …..

La domanda cade nel vuoto.

- “ E, dato l’isolamento del popolo, la sua distanza dalla attività dell’ U.N. , come esercita l’U.N. stessa la sua azione educatrice e moralizzatrice che le incombe,

come si tengono avvinte le masse alla causa, all'idea? – Un partito come la Chiesa ha bisogno di convenire i fedeli a cerimonie, a riti, a riunioni. Non basta la diffusione di opuscoli (che d'altronde viene fatta più all'estero che all'interno) , specie quando abbondano gli analfabeti. Il nemico, anche se sconfitto, anche se di là delle frontiere, è sempre vigile.

- " I portoghesi amano profondamente la patria, sono ipernazionalisti: , è questa una grande, una sicura garanzia.

- " Amare è difficile. Amare la patria è difficile, e quando si ama veramente piace il sacrificio. Bisogna accorgersi, magari soffrendo, dell'oggetto amato.
  D'altro canto osservo che quel convincimento contraddice, in un certo senso, con gli scopi che l'Unione si prefigge….. [?]

Qui la risposta è più convincente e suona:

- "In verità si teme che dare al popolo larga possibilità di partecipare alle funzioni pubbliche, potrebbe far rinascere rivalità e guerriglie , specie in provincia, campanilismi, prepotenze, angherie; il portoghese è presuntuoso, critico superficiale e ogniuno ritiene, con convinzione, d'essere in grado di fare il primo Ministro.

Vo a fondo.

- " Il Salazar avrebbe potuto costituirsi con l'U.N. una forza devota, una guardia del corpo…..

- " Salazar è sorto contro i partiti ed è nemico di ogni estremismo. Il suo pensiero si legge sulla persona: agile , fine, gentile, è il capo di un paese dove, alla frontiera, i doganieri si mettono i guanti per ispezionare le valigie ….. E' diplomatico, prudente, delicato, semplice. Presso di sé a [sic] un solo segretario, davanti alla sua casa c'è una sola sentinella. Procede lento e guardingo. Soltanto quest'anno, per esempio, si è deciso di prendere provvedimenti contro la massoneria, senza tuttavia arrivare a discioglierla, ma limitandosi a inibire di appartenervi ai funzionari . (Il Ministro della Guerra, però, da buon dormiente, ha finto di non udire).

Ha schivato sempre con energia le richieste nazional sindacaliste tendenti a fascistizzare l' Unione allegando spesso la ratio finanziaria.

- " Pretesto assai banale ….. rilevo. Debbono esservi pure cause più efficienti e concrete che si oppongono alla trasformazione dell'U.N. in una forza civile.

- " In realtà è così. In politica gli amici o partigiani, se intelligenti, giocano una funzione molto utile, necessaria a volte, al mantenimento del potere, perniciosa quando avvenga che essi non sieno personalmente soddisfatti: Salazar non è salito in forza di amici, ma ha trovato i partigiani dopo salito. E l'esercito che garantisce l'Estado novo, è l'esercito il padrone nascosto del paese, è l'esercito, insomma, che si oppone al sorgere di un organismo civile, potente, per il timore di essere desautorato.[sic]

- " Cosicché la rivalità fra due generali potrebbe, da un momento all'altro, compromettere la stabilità del regime?.....

- " Fascitizzando l'Unione si avrebbe indubbiamente una scissione nell'esercito; e questo Salazar non vuole. In ogni modo la polizia monta buona guardia, e per ora è sufficiente a conservare l'ordine senza che il capo si veda costretto a scontentare i propri amici".

Ecco la verità: la dittatura militare, che impone la sua legge dietro le spalle di Salazar, e l'ambizione dei generali, sopita ma non spenta che respinge dal Portogallo il modello fascista dell'organizzazione civile. E la stessa avversione che paralizza e debilita l'U.N. , è diretta, come vedremo, anche contro lo sviluppo della organizzazione dei giovani.

L'ESERCITO

La vera fisionomia del regime portoghese dunque: l'esercito, fino al 1926 il sessanta per cento dei deputati era costituito da ufficiali. Tuttora, anche dopo l'opera di rinnovamento di Salazar, la maggior parte delle cariche civili e comunque delle più importanti è tenuta dai militari, a cominciare dal Municipio di Lisbona, del quale è Governatore il Tenente Colonnello De Lima.

Il Maggiore Luigi Alberto De Oliveira, Ministro della Guerra, uomo noto per la sua energia, ha dichiarato apertamente "consistere l'Estado Novo nella lucida intelligenza di Salazar e nella potenza dell'esercito.

Si sa che l'U.N. non avrebbe potuto costituirsi senza la autorizzazione dell'esercito. Ciò è stato riconfermato al Congresso che ha avuto luogo nel maggio u.s.

A denti stretti lo riconoscono molti dei suoi membri, ma che fare? la maschera è caduta da un pezzo , seppure ci è mai stata; e al Congresso si

ammette che la "rivoluzione è stata condotta al potere dall'esercito e che esso esclude ogni altra forza per difenderla (Pacheco). Il capo lo definisce: "forza organizzata per la difesa dell'aggregato sociale e per la realizzazione della giustizia" in un suo discorso del 1930; e nel '35, in occasione della rielezione a Presidente della Repubblica del Generale Carmona, afferma che le elezioni stesse devono rappresentare soprattutto, un omaggio, all'esercito che fece il 28 maggio.

Ciò stante, come si può pensare ad una possibilità di fascitizzare l'U.N.?

264

Eppure, non incombe, forse, lo spettro di una qualche rivalità e cospirazione fra i comandanti? la famosa politica dei tenenti ci ha dato una prova non equivoca della sua vitalità non più tardi del 10 settembre col tentativo di rivolta scoperto su due incrociatori all'ancora del Tago.

L'A.E.V. (Associaçao [sic] Escolar Vanguardia) Si vede la domenica mattina, per le vie di Lisbona qualche sparutissimo gruppo di camicie verdi passare fra l'indifferenza generale, a volta additate allo scherno. Sono i giovani studenti della Vanguardia che vanno o tornano dalle esercitazioni ginnistiche. Accanto, ma al di fuori di loro, molto più numerose passeggiano toghe nere di colleghi non appartenenti all'associazione, che, quasi in segno di protesta preferiscono alla camicia verde indossare l'antica uniforme dei goliardi di Coimbra.

Creata fra il più vivo entusiasmo dei giovani, la Vanguardia, per gli auspici di Ferro e di Queiroz, fu accolta come la coronazione delle intense aspirazioni di tutti gli assertori della necessità di una forza civile, di un partito Salazariano.

Ci si illudeva. Nel discorso tenuto in occasione della costituzione nel teatro S.Carlos il 28 gennaio 1933 Salazar era stato cauto: aveva parlato col cuore, col sentimento di un maestro agli allievi, insistito sul dovere della scuola di mettersi al servizio della Nazione, tessuto l'elogio della scienza, ma ben guardandosi dal precisare la natura né i compiti della Associaçao [sic] Escolar.

"Vanguardistos [sic] , il vostro nome significa una posizione": Queste le sue parole di maggior colore politico.

Si delinea ben presto, naturalmente, la tacita opposizione dei militari, e allora Salazar lesina i contributi che sarebbero stati indispensabili a fortificare l'organismo nascente.

Interviene un viaggio in Italia del quale i dirigenti tornano pieni di entusiasmo verso il fascismo e di fervore di intenti per la valorizzazione della Vanguardia, da eseguire sul modello di quanto hanno veduto ed ammirato a Roma.

E' il primo ed ultimo guizzo.

Con un pretesto si allontana il giovane e intelligente Oliveira y Silva dalla direzione e si inizia una subdola campagna denigratoria delle promettenti camicie verdi: bistrattate, umiliate persino escluse dai cortei e dalle manifestazioni ufficiali.

In questo stato di cose Queiroz, che del resto non ha mai goduto la stima degli studenti e tanto meno delle loro famiglie per il tenore di vita notoriamente privo di serietà, (io stesso l'ho incontrato una sera al tabarin Casanova circondato da cocotes e poi in strada accompagnato da una mondana conosciuta su tutti i marciapiedi della Capitale coll'appellativo di Moineau Volant) si disinteressava della situazione. E a credere che tale volta faccia sia stato, se non imposto, certo suggerito, data la sua troppa viva simpatia per il fascismo.

Antonio Ferro, che fu anch'egli promotore dell' A.E.V. resta inerte. Lo scopo è ottenuto: L' A.E.V. da organismo politico diviene una modesta, innocua e acefala associazione a carattere puramente scolastico e gli elementi migliori delle università, mortificati, se ne staccano.

Esistenza ingloriosa e breve (un anno e mezzo appena) di questa organizzazione, del resto nata-morta [sic] , che poteva avere già dato molti frutti e assicurato al Portogallo una garanzia per l'Estado Novo.

Ora, questo abbandona disgregatore della forze giovani [sic], sia miopia del regime, sia conseguenza dell'assolutismo militare, rappresenta, e non soltanto a mio modo di vedere, una delle debolezze più tragiche, dello Estado Novo.

Che si lasci l'U.N. allo stato, diciamo così, aeriforme, passi; essa raccoglie in massima elementi della generazione anziana che il rispetto e il timore tiene avvinta a Salazar, il cui dominio si può prevedere duri quanto la energia potenziale di quella; ma lasciare i giovani, gli uomini del domani, la futura classe dirigente in balia di sé stessa, senza sentire il dovere e la necessità di incanalarli verso il Regime, di inquadrarli, educarli a formare loro una coscienza nuova atta a comprendere ed a tramandare i principi della rigenerazione è davvero uno sbaglio che trascende il criterio della contingenza politica e vizia il sistema dalle fondamenta.

La gioventù, la quale raggiunge in questa epoca la maggiore età di diritto pubblico e il discernimento politico, è caratterizzata, e il fenomeno è comune un pò [sic] dappertutto, da uno stato d'animo che tende alla tristezza. Si sente mortificata per non aver dato alla Patria il contributo di vitalità che la grande guerra chiese a coloro che la precederono. Ma bisogna considerare che nello spirito portoghese il ricordo della guerra, combattuta tanto lontano dalla madre patria, non ha potuto, evidentemente, lasciare un'orma profonda come ha lasciato in quei popoli che la combatterono sulle proprie frontiere, quindi per i giovani rappresenta più una impresa eroica di sessantamila prodi che il

sacrificio di una generazione. Si aggiunga che nessun nemico interno ha posto mai in pericolo l'esistenza della patria, sì doversi chiamare a raccolta le forze nazionali [sic], e si comprenderà come i giovani abbiano vissuto, meno che negli altri paesi, un ideale di grandezza e di entusiasmo: ideale che costituisce la prima necessità dello spirito dei buoni sudditi.

Di qui la l'opportunità di creare, forse più e prima che altrove, un clima di passione e di palpitazione che avvincesse tutta la attuale generazione intorno all'idea e all'opera dell'Uomo nuovo.

Ignorata, la gioventù - o si è abbandonata in massima alla indifferenza, che è il tarlo di ogni energia; e non è certo estranea a questo male quella naturale tendenza che hanno i giovani di prendere a modello i modi di fare degli uomini grandi; : in questo caso la riservatezza, la compunzione , la freddezza del Salazar - o, deficiente di profondo senso critico come è (i portoghesi non vantano un grande scienziato né un grande filosofo) - si è lasciata impossessare da un acuto senso di malessere, di scontento, di amarezza.

- "Non imagina [sic] quanto sia sconcertante e sconfortante la mancanza di entusiasmo in questi ragazzi! mi diceva il Conte di Carrobbio, valoroso Segretario Politico del Fascio di Lisbona. Il 14 aprile scorso fu proiettato in Portogallo, per la prima volta, il Film [sic] "Camicia Nera" davanti ad un pubblico scelto fra il quale si trovava un numeroso gruppo dell' A.E.V. - Con nostra grande gioia ed anche con sorpresa, conoscendosi le sue abitudini (non lo si vede mai in teatro) Salazar intervenne.

Ebbene, al suo apparire la sala rimase glaciale: e soltanto per opera di noi fascisti e Vanguardistos [sic] si decisero ad un applauso che però si spense quasi subito."

Ma è lo scontento il fenomeno più impressionante. L'intellettuale disilluso è pericoloso per la normale inclinazione agli estremisti; ed esso, trovando preclusa ed ostacolata la via di destra, potrebbe dirigersi molto facilmente verso la sinistra. Non che all'ora presente si corra tale rischio - si badi bene – poiché gli studenti sono guidati dalla cattedra da uomini di Salazar da Professori che, non solo per convenienza ma per convinzione, essendo buona parte membri del governo, appartengono all'U.N. - Inoltre la corrente letteraria 1935, rinata sul programma della scuola di Coimbra, è decisamente patriottica, ha rinnegato l'iberismo ed investe anche problemi di riforma sociale, Ma [sic] il rischio potrebbe sempre profilarsi: né l'ipotesi deve essere sfuggita al Governo che, in questi ultimi mesi, ha ripreso in esame, la situazione dell'A.E.V.

E' stato nominato un nuovo capo nella persona di Amadora, però, a tutt'oggi, nessun mutamento nello statu quo, nessun sintomo di ripresa, di riordinamento è dato notare. Si pensi che non esiste dell'A.E.V. uno statuto o regolamento stampato; per lo meno in ogni mia ricerca per provvedermene

una copia è rimasta vana. Ho conosciuto molti studenti iscritti: essi stessi ne ignorano la esistenza, ammesso che esista.

Sta di fatto che nei diversi luoghi non vige uniforme, disciplina, a Braga, per esempio, l'organizzazione raccoglie non solo studenti ma anche giovani contadini e operai; e ciò mi sembra risponda ad un opportuno criterio, considerando che non c'è , accanto all'A.E.V. corrispondente al nostro G.U.F. , una parallela istituzione simile ai nostri FF.GG.CC. , per accogliere i nostri studenti; cosicché i giovani non intellettuali rimangono completamene disorganizzati e quindi influenzabili dalle correnti più dannose.

E' vero che Amadora si trova attualmente in Germania per studiare il sistema organizzativo nazista, se rose saranno, dovranno fiorire al suo ritorno, ma negli ambienti interessati regna una certa sfiducia: risuona ancora nelle orecchie dei giovani l'eco delle parole pronunciate or sono pochi mesi, al congresso dell'U.N. dal Colonnello Lopez Mateus:

"Conviene dare incremento alla Milizia Civile dell'A.E.V. per infondere nella gioventù studentesca l'ideale sublime di grandezza della Nazione?.

Si faccia ciò , sia posta a lato dell'U.N. questa gioventù che un giorno fu tanto ammirata e acclamata per le vie di Lisbona ….. ma la si orienti nel migliore senso, evitando gli esibizionismi ridicoli che abbassano, le provocazioni inutili che irritano".

-"Sappiamo bene quale è il recondito significato di queste due brutte parole: "esibizionismi" "provocazioni" ….. mi dicevano alcuni ragazzi dell'Università di Coimbra: noi non avremo mai le belle squadre, le divise, i gagliardetti come i nostri camerati d'Italia. Qui si ostinano a non comprendere che la gioventù non può vivere di sole conferenza [sic], di letture, di silenzio, e a ignorare che essa, ha bisogno di muoversi di agire, di cantare!

L'OPINIONE PUBBLICA - CORRENTI POLITICHE NEL PAESE

Il fatto di tener coperte molte cariche con elemento militare, toglie assai valore alle autarchie, e, seppur garantisce una politica il più possibile

pedissequa al Governo, contribuisce, d’altro canto, ad aumentare vieppiù nel popolo il fenomeno della indifferenza verso la cosa pubblica. Ma in politica l’indifferenza di rado è spontanea: generalmente l’apolitico è un disilluso, uno scettico artificiale e quindi un maldicente e ipercritico. Questa classe di persone i cui esponenti sono gli intellettuali, in Portogallo, va ingrossando le fila, ed il pettegolezzo, compatibilmente con la severità poliziesca, palpita nei circoli, serpeggia nelle vie, nei caffè. Tiene il quartier generale nel famoso caffè Brazileiro nella Baixa: qui nella lunga sala semibuia, davanti ai gotti di birra, alle tazze di caffè, ai bicchieri di Porto e ai gelati si sono perpetrate le rivoluzioni, organizzate le sommosse dei tempi che furono, ed oggi ancora le idee fermentano e la sottile campagna di discredito raccoglie i suoi companari [sic?]. Se entra un estraneo le faccie si fanno più torve, gli sguardi più diffidenti, le mosse più sospettose , il tono delle voci si abbassa. Così fummo accolti anche Marino Parenti il nostro valente addetto commerciale ed io. Era oggetto di conversazione , quel giorno, un decreto che riduceva il prezzo del grano. Gli appunti meno rispettosi si dirigevano, naturalmente, verso Salazar, e la sua battaglia del grano, e, come sempre accade in simili circostanze ci fu chi vedeva in questo provvedimento una vera e propria minaccia per la solidità del Regime!

Agli indifferenti si uniscono nella critica i timidi, mezzi-amici, i ritardatari.

Se da un lato questa vociferazione è noiosa ed odiosa, dall’altro non è affatto disutile. In questo senso: dà al Governo la possibilità di tenere in mano il polso della pubblica opinione; si ascolta. Salazar si vanta di essere informatissimo più di qualsivoglia Ministro di un Regime parlamentare. Si scevera, ci si comporta a volte, in conseguenza tanto è vero che certi mutamenti o sostituzioni materiali per esempio, si vogliono attribuire alla interpretazione, da parte del Capo, di un desiderio o stato d’animo popolare.

Inoltre è assolutamente innocuo: infatti non ve ne è uno, fra questi vociferatori, che, preso da solo, se in vena di sincerità, non confermi l’ammirazione e stima per Salazar. In ogni strato e settore del popolo, l’opera di lui ha fatto sentire i suoi benefici effetti: l’industriale loderà il ristabilimento finanziario, l’agricoltore l’incremento dato alle campagne, il benestante la raggiunta tranquillità, l’operaio i miglioramenti di carattere sociale, lo sportivo le previdenze ginnastiche, il mondano lo sviluppo impresso a Estoril.

Un vecchio signore mi diceva: “ E’ un grande uomo Salazar perché ha riorganizzato il corpo dei pompieri! e una signorina: “io l’amo perché ha riordinato le strade ed ora il mio cavallo trotta dove prima affondava le zampe nel pantano!”.

Insomma, tutti, dico tutti, singolarmente presi, hanno motivo di apprezzare sinceramente le doti del Capo. Se mai, la critica si appunta sui collaboratori, sulle figure di secondo piano e su questioni di dettaglio, a parte si intende la situazione dell’A.E.V. - Ma si è concordi nel riconoscere il miracoloso cambiamento della faccia del Portogallo da sei anni a questa parte, nell’annoverare Salazar fra i fondatori dell’Europa nuova. Questa generale e profonda considerazione per l’uomo fa

sì che delle diverse correnti dottrinarie, delle diverse forze politiche latenti nel paese, nessuna rivesta caratteri di una opposizione.

Salazar non si è mai trovato di fronte d un “Aventino” il cui spettro ha dovuto sempre dileguarsi di fronte alla mancanza di elementi concreti capaci di formare un pretesto ai suoi danni.

E’ difficile erigere un programma in contrasto con l’opera di lui non potendosi vantare la bontà di un passato che nessuno rimpiange, né le miserie e gli orrori di una frazione oligarchica o demagogica tipo quella nazista o sovietica che non esiste, né egoismo di una casta che non si è formata poiché non è stata sdegnata la collaborazione anche di antichi avversari si [sic] ispirata a disciplina patriottica.

Strano a dirsi, ma se di avversari si può parlare, questi si trovano proprio fra coloro che amano maggiormente il Salazar: i Nazional-Sindacalisti che, per volerlo più potente, gli suggeriscono di seguire, come vedremo, una politica meno blanda e transigente.

Comunque i partiti sono proibiti dalla Legge che ha accolto l’ordine del giorno votato al primo congresso dell’U.N. così concepito: “Solo all’U.N. sarà permessa azione tendente ad inquadrare persone per una attività nel campo politico, dovendo questa vietarsi a qualunque organismo esistente di fatto”. La stessa Costituzione prescinde dalla loro esistenza, ad abundantiam imponendo divieto ai funzionari di appartenere “ad alcun partito politico” (art. 20).

Pertanto devesi tener conto delle varie tendenze dottrinali vive nel paese: il parlarne risponde ad un interesse non storico, ma attuale perché esse influenzano indubbiamente l’azione di Salazar, e contengono, allo stato potenziale, una forza che domani potrebbe pesare sulle sorti, l’indirizzo e l’assetto dello Estado Novo.

A) I MONARCHICI

Cominciamo dai monarchici che sono, senza dubbio, i più numerosi e che, comunque, nel seno dell’U.N. , o partigiani del nazional-sindacalismo rappresentano una delle forze più significative.

Giova fare un pò [sic] di storia, rifacendosi alle guerre napoleoniche che portarono gravi alterazioni nell'organizzazione portoghese.

Re Giovanni VI° di Braganza, per sfuggire all'invasione delle truppe francesi, ripara al Brasile, possedimento della Corona, e lascia in Lisbona il comando al Beresford, ambasciatore inglese. Nel 1820, da Rio de Janeiro accetta la costituzione e nel 1821 ritorna in Patria mentre il Brasile,

reclamando un imperatore proclama l'indipendenza. Don Pedro ne prende il titolo e suo padre Giovanni conserva soltanto il trono portoghese.

Alla morte del Re le due corone avrebbero potuto riunirsi sul capo di Don Pedro, ma la separazione è ormai definitiva e l'imperatore rinuncia ad ogni diritto europeo lasciando il trono a sua figlia Dona Maria Gloria di Braganza.

Ci resta un anno appena. Nel 1827 lo zio Don Miguel che si è dichiarato contro la costituzione e che intende rivendicare i diritti assoluti della corona caccia la nipote ed opera la restaurazione integralista.

Questo regime dura cinque anni e, l'8 luglio 1832, proprio un secolo esatto avanti la morte di Re Manoel, i costituzionali ristabiliscono la Regina Maria sbarcando con 7500 uomini su un luogo remoto della costa. In grazia del matrimonio di questa principessa Ferdinando di Sassonia Coburgo Gotha diviene Re nel '37 e resiste a tutti gli intrighi dei miguelisti detti anche "integralisti" perché partigiani della monarchia integrale. Il suo ramo, costituzionalista, resta ininterrottamente al potere fino al 5 ottobre 1910 giorno della proclamazione della repubblica e della volontaria partenza di Manoel.

Pare che i Niguelisti [sic] non celassero la loro soddisfazione per questa rivendicazione negativa. Triste constatazione questa, ma purtroppo i peggiori nemici del trono sono spesso i re; rivalità dinastiche, gelosie familiari, ambizioni fra parenti aprirono tombe a monarchie più di rivolte repubblicane e sovversive, poiché, in generale, la sconfitta è piuttosto conseguenza della debolezza di chi soccombe che della virtù di chi vince.

E soprattutto si rallegrarono i miguelisti l'8 luglio 1932 per la morte di Manuel avvenuta a Londra in seguito alla quale, estinguendosi il ramo Braganza Sassonia-Coburgo il Re non ebbe figli, (né il Duca di Oporto nemmeno) i diritti al trono passarono ad un miguelista unico rappresentante maschio della casa portoghese. L'erede era, fino alla sua morte relativamente recente, Don Miguel, Duca di Braganza che aveva cinque sorelle. Sposato due volte ebbe di primo letto un figlio deceduto, i cui figli rispettivi nati da un matrimonio morganatico sono senza diritti; di secondo letto sei principesse e un principe: Don Duarte Nuno, unico erede dei due rami Braganza l'attuale pretendente.

Sembra che Don Nuno, allora venticinquenne, esprimesse subito nel 1932 propositi decisi di ritorno in Patria per farsi proclamare Re. La notizia fu fata da un giornale inglese dell'epoca ma non potrebbe garantirsene il fondamento.

Dato così uno sguardo alla famiglia reale; parliamo dei monarchici.

La loro posizione, allo scoppio della rivoluzione è la seguente: il re, esule, ha rinunciato espressamente ai suoi diritti, ha sconfessato quei partigiani del Sud che avevano tentato una insurrezione per restaurarlo sul trono, dichiarando la loro mossa inopportuna e rifiutandosi di tornare in Portogallo, non aveva approfittato delle circostanze favorevoli della guerra europea e dei frequenti torbidi repubblicani. Instaurata la dittatura militare, egli invita ufficialmente i suoi fedeli a unirsi alla coalizione carmonista ed esprime poi l'incondizionata ammirazione al Salazar che ritiene incarnare in pieno le dottrine monarchiche della destra conservatrice e capace di attuarle, nel momento, meglio di lui, in fondo, non potrebbe dimenticare i cento anni di lotta liberale.

Salazar, dal canto suo, ha accettato con particolare compiacenza la collaborazione dei monarchici, avendo avuto cura di ricordare loro gli avvertimenti di Manoel e di chiarire che egli ritiene le dottrine e le idee loro non fuori moda ma semplicemente troppo vaghe per l'ora presente.

D'altronde si dice che avanti di entrare nella vita pubblica lui stesso avesse fatto leale professione di fede monarchica, "che ha costituito e costituisce, sono sue parole, la più solida forza conservatrice nel Portogallo; in fondo spunti maurassiani si ritrovano nella riforma come bene osserva René Richard (je suis partout N. 107).

Agli uomini del vecchio partito, individualmente presi, Salazar rende omaggio per il valore e la combattività sempre dimostrate a favore della causa e della rivoluzione del 28 maggio alla quale i monarchici aderirono numerosi; ma parlando astrattamente del partito riabbassa il tono "evidentemente, premette, non posso chiedere agli uopini [sic] che hanno fatto tutta la loro educazione politica nel senso di un certo ideale di abiurare i loro principi e di scendere in piazza ad acclamare la repubblica.

Sono il primo a non comprendere certe persone che pretendono essere due giorni dopo la loro adesione più repubblicani dei repubblicani storici stessi" - e precisa: "ciò che chiede [sic] ai monarchici o meglio ciò che loro consiglio, è che, entrando nella vita dello stato rinunzino alla idea falsa e pericolosa che collaborare alla situazione attuale significhi fare un passo verso la realizzazione del loro rispettabile ideale. Ci sono in questo momento dei problemi essenziali alla vita della nazione che superano, diminuiscono, fan quasi ridicolo il problema del regime. Lavoriamo dunque, nelle istituzioni senza romanticismi né fantasie (intervista a Ferro).

E’ chiaro che se il Salazar avesse trovato il regime monarchico invece di quello repubblicano, salendo al potere, avrebbe lavorato con lo stesso entusiasmo e dato ai repubblicani le avvertenze che oggi dà ai monarchici.

L’idea monarchica rimane impregiudicata.

Non però che il sogno di Don Duarte possa avere probabilità di realizzazione sollecita poiché i patrioti sono soddisfatti del regime odierno, e, stimando il Presidente Carmona, sanno sacrificare l’ideale per la pace comune; lo spirito pubblico, poi, è troppo occupato nel fervore dello Estado Novo per essere distratto da problemi di regime e tollerare di dividersi per una questione che oggi viene considerata secondaria.

D’altra parte la morte di Don Manoel ha un pò [sic] assotigliato le fila dei militanti monarchici, essendo la frazione miguelista piuttosto esigua ed allontananta dal potere da oltre un secolo. Don Nuno, poi, vive in Austria, né è mai stato in Portogallo, dove soltanto ha contatti con qualche famiglia, storicamente fedele al suo ramo. Perfino tutti i suoi parenti sono stranieri al paese di origine e si trovano fra i principi di Thurn e Taxis e gli arciduchi d’Austria.

Comunque questo panorama politico non autorizza affatto ad escludere la possibilità di una restaurazione a scadenza più o meno lunga, come sembra autorizzarci, per esempio quello francese nei confronti di Giovanni Orléand [sic] o del Conte di Parigi.

Tutta la tradizione portoghese, infatti, il cui spirito si va riaffermando potentemente, è regale; le pagine più belle e più gloriose della storia del paese portano il nome di un re; e l’attuale dinastia trae le origini dalla terra patria. Non è vero che la gioventù, come si crede e si fa credere, vada disinteressandosi all’idea della monarchia: dai miei colloqui con numerosi giovani ho tratto, se mai, la conclusione contraria; vi è del resto un giornale “La Voce” che, per quanto la censura lo permette, ne tien desto il sentimento quotidianamente.

Si aggiunga che i monarchici sono in massima parte gli agrari, cioè le forze plutocratiche del paese - la politica è come la guerra: si fa col denaro - e monarchici sono molti alti funzionari.

Si aggiunga ancora in favore dell’idea che diversi antichi partigiani di Re Manoel si unirono e sono uniti oggi ai miguelisti per la disillusione avuta in seguito alla rinuncia di lui.

- “In realtà, mi diceva un collaboratore della “Voce”, in Portogallo il trono non rappresenta una istituzione apprezzata in quanto vi sieda una determinata persona ma perché si considera l’espressione della continuità nazionale. Le divergenze che nacquero nel seno dei

monarchici non sono della stessa indole di quelle che affliggono i royalistes di Francia, fra i quali si trovano gli orleanisti e bonapartisti ma si delinearono sempre intorno ad un diverso sistema di governo, costituzionalismo e integralismo, di cui furono alfieri individui di una stessa famiglia, e la cui importanza è oggi superata. C'è una sola dinastia, e di sangue portoghese. Resta un solo principe che riunisce tutte le forze monarchiche, preziose riserve per l'avvenire."

Né conviene dimenticare, al lume della storia, che a volte, il ritorno di una corona in un piccolo paese corrisponde all'interesse di una potenza straniera.

B) I NAZIONAL-SINDACALISTI

Si formarono nei ranghi dell'integralismo. Mentre la maggior parte dei monarchici, ritenendo miglior consiglio soprassedere sulla questione dinastica, si inserivano nell'U.N. , un certo numero di loro, sotto la guida di Rolao Prieto [sic] si organizzavano in un gruppo nazionalista distinto con intendimenti di riforme sociali da attuarsi sui principì [sic] e sullo stile fascista.

Fatte anch'essi, le immancabili premesse di ammirazione e di devozione a Salazar, lo invitavano a venire a loro, per attuare un programma di dinamismo i cui punti essenziali erano i seguenti: costituzione che permettesse ed affrettasse la restaurazione; rinforzare l'esercito e l'armata, creare un saldo sistema corporativo: essi avrebbero costituito intorno a lui un partito di ispirazione, un'ala destra di battaglia.

Naturalmente gli stessi argomenti usati per schernirsi delle varie proposte di trasformare in partito l'U.N. Salazar ha impiegato, e più precisamente, di fronte alle richieste dei nazional-sindacalisti; e le insistenze loro non conseguirono altro scopo all'infuori di quello di legare ancor

più il capo ai generali, temendo egli e molti ufficiali subalterni, iscritti appunto, al gruppo, [sic] Quando si sciolsero i partiti, il provvedimento nei confronti dei nazional-sindacalisti non sembrò sufficiente, ma si volle disperderli con persecuzioni di polizia col tagliare loro il giornale "Rivoluzione" che passò alle dipendenze dirette del Segretario della Propaganda. Il Prieto [sic] , esule volontario, riparò a Valencia de Alcantara in Spagna.

Tuttavia qualche camicia turchina - (tale la loro divisa) si incontra ancora, unita spesso alle camicie verdi dell' A.E.V. Ciò che ai superstiti si concede è la pubblicazione di un timido periodico letterario.

Incontrai una camicia turchina a Estoril, la capitale mondana portoghese, alla quale il governo sta imprimendo un meraviglioso sviluppo dove tutta Lisbona elegante si da [sic] convegno la sera per sfuggire l'afa di Agosto.

Una camicia turchina disposta, il che non è frequente, a parlare della situazione, sia pure previe le cautele di rito che consistono nell'assicurarsi che nessuno orecchio indiscreto possa udire la conversazione. [sic] Si disse amico personale di Rolao Prieto [sic]; mi pregò di non rivelare il suo nome, ed io mantengo la promessa:

- "vede, mi diceva, noi, che più di tutti amiamo Salazar, siamo i più malvisti, i più reietti ….. strano, è vero? ma non tanto quando si pensi che il 28 maggio non ha cambiato gran che i caratteri del pronunciamento: i generali , l'esercito fanno l'opposizione più ostinata allo spirito civile. Noi chiediamo di fare intorno a Salazar un fascio concreto, solido, individuato, cosciente e responsabile poiché ci preoccupa sensibilmente l'interrogativo: e dopo di lui? Va bene che i corsi della storia sono spesso più brevi del corso di una vita umana, ma il rassegnarsi ad un simile determinismo significa essere degli egoisti al cospetto di avvenimenti che l'uomo, nei limiti di tutte le sue forze, deve indirizzare e condurre.

Noi vorremmo una maggiore prontezza nel campo delle riforme sociali delle attuazioni sindacali e corporative ….. Si risponde "non essere causa della lentezza la mancanza di buona volontà" ma si allega e si lamenta la scarsezza di uomini, di validi collaboratori del capo, di tecnici ….. guardi, per esempio, proprio oggi, il 18 agosto, Salazar fa le medesime dichiarazioni al Diario de Manha. Infatti in un'intervista sul pubblico impiego, all'osservazione del giornalista esservi molti che, deprecandolo, rilevano nella rivoluzione un passo fiacco, privo di élan, al contrario dell'energia della rivoluzione di Mussolini, il capo risponde:

"Non si possono stabilire confronti di questa natura perché le circostanze sono molto diverse".

- ?

Mussolini e anche Hitler non fanno ciò che io sono costretto a fare. Non mancano di élites preparate di tecnici competenti che sottraggono al Capo tutto il lavoro che non sia frutto di mera direzione. Io sono costretto a lavorare giorno e notte, senza tregua intorno alle quistioni più diverse.

- Siamo un paese povero…..
- Poveri siamo e per quanto si cerchino tecnici per l'opera necessaria, non si trovano nemmeno quelli che sarebbero strettamente indispensabili.

A questo punto il mio interlocutore interrompe la lettura, e, senza alzare gli occhi dal giornale in tono convinto e sommessamente: questa è purtroppo la verità, esclama, mancano gli uomini…..

-

- Ma mancano, riprende con vivacità, perché non si coltivano, non si preparano, e quantunque presso la facoltà giuridica, ad esempio, si siano create cattedre di diritto corporativo, ciò non basta a forgiare i dirigenti; occorre infondere nei portoghesi una coscienza corporativa uno spirito di comprensione e di fede che soltanto il partito potrebbe alimentare e creare. Anche in questo campo Mussolini ha parlato giusto quando ha detto che il Corporativismo presuppone oltre ad uno Stato totalitario ad una alta tensione ideale, un partito unico.

Purtroppo gli appunti di irresolutezza, di indecisione di lentezza, poiché fanno apparire il Regime stanco e incolore, e sono perciò mali appariscenti, non sono mossi, come Ella avrà potuto rendersi conto, soltanto da chi sarebbe animato dal proposito di eliminarli, ma rappresentano un'arma velenosa nelle mani di tutti i disfattisti, della gente cupida di cose nuove, la quale abbonda, non tanto per convinzione, quanto per quel senso di sadismo sottile per cui si avvera e si contraddice che governa, che circola nel sangue delle masse amorfe. [?]

Arma velenosa di facile presa sul volgo, eterno selvaggio cui le esteriorità e le forme sono necessarie: e Salazar, le esteriorità e le forme non vuol curarle. Egli si comporta di fronte ad un popolo latino come si comportava lo Zar di fronte ad un popolo slavo. Vive cioè appartato e lontano dalle masse ignorando che le nostre masse hanno bisogno del contatto assiduo del Capo e si appagano più facilmente, sia pur questa una poco edificante constatazione, di illusioni, che delle opere veramente compiute. La considerazione, ripeto, sembrerà machiavellica, - d'altra parte il segretario fiorentino fu, rimane e rimarrà uno dei più grandi realisti - , ma, creda pure, e le dico per esperienza, che la pubblica opinione deve tenersi soddisfatta dal prudente uomo politico : essa non permette al gerarca né soste ne tregue, né riposo, e a questi conviene se non fa, far credere di fare, se non pensa far credere di pensare intorno ai piani, alle idee concretate ai problemi di cui si attende una soluzione. Ma divago. Dicevo dunque che il fenomeno della critica dilaga fa sì che la valanga ingrossi minacciosamente ….. e ciò perché manca un partito come il vostro che segni il passo di marcia; che orienti, incanali ed educhi il popolo.

- Forse si temeva, domando, che da buoni integralisti avreste portato sul tappeto la quistione dinastica che sembra apparire oggi sopita, e esser, per lo meno, premature [sic] dato l'assetto dello Estado Novo?

No , noi comprendiamo perfettamente la situazione e non ignoriamo che il sollecitare per il momento un ritorno provocato di Don Nuno potrebbe turbare pericolosamente., lo statu quo. Tanto è vero che per garanzia reciproca chiediamo talvolta di inserire nella costituzione una formula atta a permettere una restaurazione pacifica e automatica.

Tuttavia, continua la camicia turchina, che è sostituita stasera da un elegante sparato bianco, mentre la danza ferve nel salone del lussuoso casino,

la nostra delusione più amara è stato il rifiuto alle reiterate proposte di riordinare e potenziare lo esercito, che dovrebbe particolarmente guarnire i confini della parte dell'Andalusia di dove, nel caso di trionfo in Spagna i comunisti potrebbero domani irrompere sul territorio portoghese per combattere, in nome delle rivendicazioni del lavoro, la nostra dittatura.

- Ebbene, sa, come Salazar ha motivato il diniego? "Il programma della estrema destra è bello….., ma dove volete che io prenda il denaro per attuarlo? Voi sapete che l'ordine delle finanze pubbliche è la condizione dell'Ordine. Se rovino il paese apro la porta all'anarchia".

Ma a queste parole, in fondo, non sa dar torto nemmeno la camicia bleu. Sta a vedere che l'assetto della difesa presenta un carattere così urgente da chiedere un sacrificio alle finanze o se tollera una dilazione che renda meno sensibile la spesa.

La seconda ipotesi è certo la più esatta.

Pertanto proprio in questi giorni Rolao Prieto [sic] è rientrato in patria; e il suo ritorno starebbe quasi a dimostrare un certo addolcimento del rigore governativo contro i nazional sindacalisti. Saprà e potrà egli riunire le sparse fila?

Niente è dato prevedere; però non è improbabile che nella eventuale riorganizzazione dell'A.E.V. il cui segreto Amadora pare riporterà dalla Germania, possano avvalersi le camicie turchine, le quali hanno proprio fra i giovani numerosi adepti.

C) IL COMUNISMO

Questo sozzo morbo orientale sembra sia ignoto nel felice Portogallo. Qualche caso sporadico, prontamente circoscritto, non ha mai assunto proporzioni allarmanti, così per lo meno, mi è stato affermato comunemente.

In realtà sembra che non rare cellule siano andate formandosi ad onta dell'accanitissima vigilanza della polizia, specialmente negli ultimi anni, in riflesso dell'incremento preso dalla terza internazionale in Andalusia. Al suono delle pesetas serpeggia una subdola propaganda straniera fra gli operai di Lisbona e Oporto, i quali, non essendo riuniti in contrappeso da una forza

vitale di destra, da un partito nazionale saldo e attivo, è naturale che si sentano attratti dal fascino della mala dottrina.

Servono di contrappeso, non certo indifferente, le diverse realizzazione [sic] nel campo provvidenziale [sic] , le istituzioni sindacali, le Case del Popolo e Dopolavori, gli edifici economici per operai tesserati, insomma tutta la silenziosa opera di Salazar in favore dei lavoratori da lui annunziata, senza premesse [sic], blandizie e lusinghe eccessive nel famoso discorso del 23 novembre 1932 nel quale posa in rilievo che la classe operaia era e doveva essere simile alle altre, senza privilegi, ma con diritto corrispondenti al compimento dei suoi doveri. E' stato osservato, del resto, che la lotta di classe trova colà, meno che altrove, luogo di formarsi per la consuetudine che hanno i ricchi di stare in assiduo e benevolo contatto con i sottoposti, e per l'ambizione di quest'ultimi di vedersi considerati dai superiori.

Avanti la dittatura la grande massa lavoratrice portoghese era completamene dissociata, ove si eccettui qualche insignificante frazione comunista, anarchica e socialista, condotta da intellettuali in cerca di voti, perciò non ha una preparazione dottrinale sovversiva. Il paese, poi , non essendo

troppo industrializzato, la pressione rossa non dovrebbe fare soverchia breccia. Con tuttociò, non sono due mesi da che un tentativo di occupare alcune fabbriche è stato scoperto e sventato a Lisbona: ed il comunicato ufficiale nel darne notizia, lo definiva apertamente "comunista".

C'è un giornale "La Repubblica" che porta articoli di ispirazione e notizie abilmente tendenziose.

I DEMO-LIBERALI

Ai vecchi demo-liberali Salazar parlò chiaro e severo.

Bisogna tener presente che questi furono l'oggetto della rivoluzione e i rappresentanti dell'antico regime che i principì [sic] e i metodi attuati da Salazar, sulle orme dei dittatori europei che lo hanno preceduto, intendono sovvertire ab imis fundamentis: sopravvive dal [sic] liberalismo il lato positivo che distinse la rivoluzione francese cioè l'abolizione dei privilegi; tutto il resto. , parlamentarismo, elezioni, suffragio universale, individualismo è messo da parte come un meccanismo invecchiato e arrugginito. “Il processo alla democrazia parlamentarista è fatto, - constata Salazar - la sua crisi è universale”, e venendo al Portogallo “il resultato democratico presso di noi fu lamentabile” - ed osserva - poi, non senza ironia”. “La colpa era o del regime o dei suoi servitori; tanto più assolviamo questi tanto più incolpiamo quelle”. [sic]

In realtà, molti democratici hanno chiesto ed ottenuto assoluzione aderendo all'U.N., molti altri, invece, trasformatisi in spiratori [sic] , alleatisi perfino con forze straniere in nome dell'umanitarismo, hanno sopportato l'esilio e la deportazione. Ma l'Estado Novo, avendo sdegnato la la [sic] costituzione di un partito d'azione, fa l'effetto che non abbia allestito contro Demos armi in relazione adeguata al suo programma teorico di sovvertimento dell'ordine passato.

Infatti, senza l'esistenza di una classe politica organizzata che disciplini la formazione degli uomini, e la loro partecipazione alla cosa pubblica, il vizio fondamentale della democrazia

sopravvive col semplice mutamento di nome, chè la demagogia non differisce in sostanza, dalla oligarchia.

Il giornale demoliberale di Lisbona, “Diario di [sic] Lisboa”, è stato tarpato, tuttavia le idee covano ancora e non più tardi del Maggio si è avuto un moto non trascurabile ripetutosi, come abbiamo già detto il 10 settembre corrente. Ambedue i conati, si intende, sono andati fortunatamente a vuoto.

Il capo del vecchio partito: Alfonso Costa vive attualmente a Parigi.

I CATTOLICI

Il Prof. Salazar fu tra i fondatori del Centro Cattolico in Portogallo. Organismo che svolse azione politica notevole diretta a sanare il malinteso

della Repubblica profondamente massonica e la Chiesa cara alla popolazione che è di tradizioni e sentimenti cattolici, sentiti se pur non esternati colle forme e le esibizioni proprie della vicina Spagna. Fu tacciato di ingratitudine quando, Ministro, dichiarò che il Centro doveva trasformarsi in organismo con intendimenti puramente sociali. “La sua azione sul terreno politico, disse, è finita perché costituirebbe un inconveniente per la marcia della dittatura.”

D’altronde i cattolici, che politicamente militano in maggioranza fra i monarchici, sono attratti nella sfera del regime dall’ascendente personale che esercita su di loro Salazar, religioso praticante, compagno di studi di prelati eminenti della Chiesa portoghese.

Inanto [sic] diversi edifici di culto sono in via di restauro e di riapertura, e, mi è stato assicurato, i gesuiti stanno per ritornare nello Stato che per primo li scacciò.

Questo riavvicinamento alla Chiesa, voluto e condotto direttamente dal Capo, oltre a sodisfare [sic] un bisogno vivamente sentito dalla coscienza popolare, risponde ad un fine altamente realistico di politica coloniale. La repubblica liberale e laica dimenticava che le missioni religiose in colonia sono strumento delicatissimo della potenza dell’impero. Trascuratele si è constatato oggi il seguente fenomeno impressionante. Prendiamo a caso il Mozambico: Vi si trovano 39 missioni portoghesi con 54 missionari e 418 ausiliari accanto a 602 istituti religiosi stranieri (precisamente inglesi) con 668 missionari e 576 ausiliari! i quali servono con disinvoltura la causa della propria nazione contro tutti gli interessi del Portogallo.

+
+ +

Disse Salazar a Ferro durante la ricordata intervista del 1933 : “Noi abbiamo bisogno di una cosa che non abbiamo mai avuto e la cui mancanza sembra essere stata la causa dei nostri alti e dei nostri bassi: la formazione della volontà per dare continuità alla azione. Di quando in quando appare nella storia del Portogallo un Re, un Ministro, un Capo che innalza la Nazione che fa un pò [sic] di storia, ma che lascia tutto finire quando sparisce e poi muore. Il nostro passato è pieno di bellezza, di eroismo, ma ci è mancato soprattutto nel secolo scorso uno sforzo meno brillante, ma più tenace, meno di effetto ma con una prospettiva più estesa, per tutto ciò che può fare appello all’eroismo della razza, senza modificare la mentalità generale, la nostra maniera di vedere e di agire può darci momentaneamente delle pagine di epopea, ma ci brucia in queste fiamme continue rimettendoci subito alla mercé di quel fanatismo malaticcio di cui il “Fado” è l’espressione musicale. Questa la

ragione per cui noi siamo un popolo eternamente nostalgico, fuori dalla realtà per aver troppo vissuto, in certi momenti , una realtà eroica ma falsa."

Qui il popolo Portoghese è magistralmente ritratto , con la sua anima , colle sue esigenze.

"Dunque per fare un'opera nuova, un'opera riformatrice occorre prima di tutto rinnovare l'individuo, trasformarlo, metterlo in accordo col suo ambiente, col suo paese".

Ferro interrompe e porta come esempio l'opera di Mussolini.....

Ma Salazar non ama i confronti:

- " Non si deve confrontare, replica, il caso italiano col caso Portoghese, Mussolini ha avuto fin dall'inizio 350.000 camicie nere. Con una simile forza ogni cosa è facile. In Portogallo questa opera di rinnovamento totale, anche se fosse possibile e legittima, non sarebbe difesa dalla Nazione. Andiamo lentamente, passo a passo. Del resto si cita tanto Mussolini, lo si porta come esempio, ma afferma il Ludwig che la sua rivoluzione cominciò col 50 per cento e non è arrivata che ultimamente, per evoluzione naturale, al 100% ....."

Vizio come [sic] a tutti i portoghesi quello di non riconoscere la verità del proverbio: il tempo è moneta! Ho dovuto anch'io farne un'esperienza nei miei appuntamenti.

Intanto le varie forze che ieri si contendevano il potere (monarchici, integralisti, sovversivi, demoliberali, cattolici) non sono del tutto addormentate; esse danno sovente lo abbiamo visto, palpiti e sussulti.

Una buona parte, è vero, si è spersonalizzata inserendosi nell'U.N.; ma questa unione non è un crogiuolo dove i diversi elementi si fondono e si amalgamano. E' piuttosto, se col paragone si vuol rimanere in una fonderia, il secchio dell'acqua fredda dove i pezzi cocenti vanno a ghiacciare, dove il fuoco si smorza.

E allora come si può formarsi quella volontà di cui Salazar dimostra e assevera la necessità se volontà di far continuare l'azione e di perpetuarne gli effetti presuppone una coscienza e la coscienza, a sua volta, esige una atmosfera di vita, di forza, di calore?

Ma non è la lentezza del cammino, la distanza dalla méta che si lamenta nel ritmo di Salazar, ma è appunto una attrezzatura, un allestimento di mezzi di marcia che da lui si reclama. Egli ha detto

giustificandosi che Mussolini "partito col 50% ha potuto conseguire il 100% dopo anni di lavoro attraverso una "evoluzione naturale".

Ora che lavoro di anni sia occorso è giusto; ma è impreciso parlare di “evoluzione naturale” nel senso stretto dei termini. Mussolini ebbe ed ha un partito e una gioventù fascisti: ecco il segreto, ecco l’elemento positivo, ecco il mezzo per rinnovare, perfezionare, durare.

INFLUENZE STRANIERE

Il mandato assegnatomi a Palazzo Caetani non comprendeva, ripeto, nessun compito di natura concreta da svolgere a servizio dei C.A.U.R. , ma si limitava a dovere esaminare una situazione ed a raccogliere gli elementi che rivestissero particolare interesse, in seguito allo studio dei quali possa la Presidenza elaborare un programma di azione indirizzandolo per quella via, considerate le difficoltà, tenuti presenti i punti di minor resistenza e le circostanze favorevoli, apparirà, sul terreno portoghese, la più adeguata al raggiungimento dei fini che si è oggi, purtroppo, ben lungi dall’avere raggiunto.

Perciò di questi elementi mi è sembrato non dover trascurare le diverse influenze esercitate sul Portogallo da paesi stranieri.

L’osservazione loro serve a completare il quadro degli ostacoli che si incontrano sul cammino dei nostri intenti.

A) L’influenza britannica.

E’ prevalente e si esplica nella sfera della politica estera soprattutto in forma di patti e convenzioni, ormai da antica data; e nella sfera economica e finanziaria.

Il Regno Unito è fornitore quasi esclusivo di carbone, prodotti tessili e ferro. Buon compratore di vino Porto, di liquori, di legnami (pini)

Società commerciali inglesi: i trams e il telefono lisboeti. Società con partecipazione inglese: alcuni sfruttamenti minerari e di vigneti specie nella regione dell’Alto Douro.

Lo scudo è stato, salvo brevi interruzioni, ed è oggi appoggiato saldamente alla sterlina.

In Inghilterra ci sono cinque scuole per l’insegnamento della lingua portoghese: a Londrea [sic], Oxford, Liverpool, Cambridge, Glascw [sic].

b) Influenza francese.

In massima culturale e economica. Data la rapidità delle vie di comunicazione, gli scambi con la Francia sono facili e continui.

Molti portoghesi compiono in Francia i loro studi. Riviste, giornali francesi si trovano in ogni edicola e la vendita dei libri francesi supera quella dei libri portoghesi! C'è a Lisbona la chiesa di S. Louis con annesso Ospedale fondato nel secolo XVII, - ed in questo Ospedale si si [sic] ricoverano anche ammalati portoghesi. Nella Chiesa si insegna il catechismo nelle due lingue.

Una scuola francese fondata nel 1917, in occasione della visita ufficiale del Presidente Loubet.

Un istituto francese fu fondato dopo la guerra.

In Francia vi sono sei scuole di portoghese: a Parigi, Tolosa, Bordeaux, Poitiers, Montpellier, Rennes.

Dal punto di vista economico molte molte [sic] miniere, ferrovie e banche sono in mano francesi; una società francese iniziò la fiorente industria delle conserve e l'industria dell'illuminazione a Braganza.

L'Arch. Agache, ha avuto l'incarico di urbanizzare la costa del Sole.

Le vetture Citroen [sic] , il cui rappresentante è un italiano, il Conte di Carrobbio, trovano vasto piazzamento.

c) Dal punto di vista culturale - Alla influenza francese si aggiunge: L'influenza belga. Società Belghe hanno poi in mano diverse miniere;
L'illuminazione di Lisbona e i trams di Porto.
Delle influenze tedesche parlerò deliberatamente nel seguente capitolo, insieme e accanto alle constatazioni sull'opera italiana perché, poste a confronto con queste resultino, con maggiore efficacia, alla nostra osservazione ed appaiano nelle loro esatte pericolose proporzioni, richiamandoci alla doverosa ed urgente necessità di intensificare la penetrazione nostra se si vuole evitare il rischio di rimanere sopraffatti, anche sul terreno politico, dato che proprio su questo punto tendono ad affermarsi con malcelata disinvoltura.

LE ATTUALI DIFFICOLTA' DI AFFERMAZIONE DEI C.A.U.R.

Il Ministro d’Italia dal quale mi recai il giorno stesso del mio arrivo a Lisbona, mi fece avvertito sull’opportunità di attenermi strettamente alle istruzioni di Roma, di non alludere, negli incontri e nelle interviste, esplicitamente, ai miei rapporti coi C.A.U.R. per evitare l’urto della suscettibilità degli ambienti responsabili, già eccitati ed allarmati per la recente visita di Calbazar. Il constatare la presenza di un nuovo inviato alla distanza di pochi mesi avrebbe potuto pregiudicare ancor più la

causa presso i lisboeti, tanto refrattari a comprendere il significato e l’opera della nostra organizzazione.

Mi limitassi ad un sondaggio delle opinioni cercando di rendermi cautamente ragione di un così cauto e deplorevole pregiudizio nei nostri confronti.

Mi misi all’opera quasi incredulo di fronte ad una descrizione talmente sconfortante, ma dovetti convincermi ben presto della spiacevole verità, e compresi perché il dott. Calbazar fece ricorso alla costituzione della “Lega Universale di Azione Corporativa” invece di creare un “Comitato”.

La “Lega” che fu inaugurata fra un entusiasmo assai caloroso, è oggi, la verità è doverosa quanto più è spiacevole, inerte o quasi.

Al di fuori della breve cerchia dei suoi membri, se ne ignora l’esistenza, né quei pochi membri anima una coscienza dell’importanza e dei compiti dell’Associazione, ma, se mai, una trita ambizione di appartenervi, come mi è parso capire parlando con Augusto Da Costa.

Pensai di attribuire, a mio sollievo, la causa dell’inazione odierna all’attenuato ritmo della vita feriale [?].

- “ No, mi disilluse Di Carrobbio, il fenomeno è permanente. Sono costretto a faticare molto per ottenere che le notizie più importanti, che giungono da Roma, siano pubblicate sui giornali, e non sempre vi riesco. D’altro canto rarissimamente il nostro notiziario trova scambio con quello portoghese.”

La propaganda nazionale corporativa, sia all’interno, sia anche all’estero viene fatta da Eça De Queiroz al di fuori della “Lega” attraverso gli organi del Segretariato della propaganda e stampa; è il Segretariato che cura le traduzioni, particolarmente in lingua francese, degli studi e degli opuscoli sullo Estado Novo e la loro diffusione.

Nessun stampato mi è riuscito vedere sul fascismo.

Nessuna idea, dunque, di universalità anima il mondo politico intellettuale del Portogallo, e la “Lega” non è punto ingrossata da nuovi proseliti: di ciò il

torto soprattutto ai suoi dirigenti, a un Di Castro personaggio troppo in alto per seguire dappresso il funzionamento dell'organismo, e un Queiroz troppo preoccupato di rimanere ligio al pensiero del Governo, a un Da Costa troppo indaffarato e vanitoso.

+
+ +

281

Quando chiesi all'Avv. Soares, che, oltre ad essere un membro quotato del Consiglio dell'U.N. , fa anche parte del Centro di studi corporativi dell'Unione stessa, se appartenesse alla Lega, e che cosa pensasse dell'azione dei C.A.U.R. ebbe a rispondermi con queste parole di Salazar: "L'organizzazione della Nazione nega le astrazioni di carattere geometrico ed uniforme, ed è essenzialmente portoghese"; d'altronde soggiunse, quasi volesse attenuare la rigidità della frase, fra voi e noi ci è una somiglianza così viva da rendere superflua l'esistenza di un organo che la tenga desta e la intensifichi.

- "Ma è proprio questa, replicai, la ragione, questa somiglianza e affinità di sangue non solo , ma di pensiero, di regime che rende necessaria una intesa stretta, una collaborazione diretta ad affermare la bontà delle riforme fasciste, foriere di una nuova civiltà europea.

Inutile: i portoghesi non sanno elevarsi ad una concezione universalistica. Ciò posto è facile capire come i C.A.U.R. , svuotati del loro grandioso significato, non appaiano a quella mentalità sospettosa, gretta nel suo ipernazionalimo presuntuoso che quale strumento insidioso di penetrazione di una potenza e di una corrente d'idee straniera.

- La parola "Roma" ci insospettisce, diceva l'ing. Pinto con una ingenuità pari alla mia sorpresa. Ci ravvisiamo il simbolo di una "internazionale" così come ci è l'internazionale di Mosca c'è anche l'internazionale di Roma con intendimenti diversi ma ugualmente minacciosi (!) (sic).

Questo chiamiamolo garbatamente "strano" modo di pensare, risulta probabilmente dai seguenti fatti:

I) La superficiale conoscenza che si ha in Portogallo del Fascismo, o meglio l'errata conoscenza derivante dalle grossolane e false opinioni espresse da Salazar il quale lo descrisse come "una dittatura tendente verso un Cesarismo pagano che non conosce limiti di ordine giuridico o morale (!!)" "che marcia senza mèta, senza curarsi né di ostacoli né di preoccupazioni" "regime di

violenza (sic). Prodotto italiano come il bolscevismo è un prodotto russo. Né l'uno né l'altro possono trapiantarsi e vivere fuori del loro paese di origine".

Tali giudizi emessi da persona ritenuta così saggia, come Salazar, non potevano non produrre malefico effetto nei nostri confronti, nel suggestionabile paese.

2) Lo sciovinismo fatto di presunzione esasperante.

Eça dei [sic] Queiroz mi ha ripetuto più volte con tono di assoluta convinzione "C'est merveilleux ce qu'on a fait ici!" e Augusto da Costa è arrivato a dire con una sicumera quasi sgarbata: Le fascisme est grand , oui, mais on vous a depassés!

3) La lotta sistematica contro l'integralismo dei nazional sindacalisti. Il governo teme che intorno ad un Comitato potrebbero riunirsi i seguaci di Rolao Pieto [sic] per costituirsi in gruppo-organizzato, o, quanto meno, per trarre ispirazione e insegnamenti dal fascismo. Quindi si nega diritto di vita ad un Comitato dei C.A.U.R. per gli stessi motivi, gli stessi timori, per i quali si negherebbe ad ogni istituzione straniera di carattere sovversivo!

E' chiaro che gli ostacoli più gravi alla nostra azione sono il primo ed il terzo, ma bisogna anche considerare che sono ambedue, di per sé stessi di carattere contingente e non permanente: l'uno è un malinteso suscettivo di essere risolto, l'altro, la incresciosa situazione in cui si trovano i nazional sindacalisti ed i giovani, è pure suscettivo di mutamenti.

E' da ritenersi, pertanto, che il terreno portoghese non sia, fino ad oggi, maturo per un fortunato svolgimento di una situazione squisitamente politica come è la costruzione di un comitato; ha bisogno di essere dissodato, lavorato, reso coltivabile attraverso una penetrazione più intensa di carattere culturale ed economico. Deve crearsi insomma una atmosfera di profonda comprensione del fascismo, poiché, lo dice Goethe, non si può amare senza comprendersi, e devesi arrivare a stringere legami intimi concreti di simpatia e di fiducia.

Non che questa opera non sia avviata. Lo è, e bene: ciò che per merito del valoroso nostro Ministro, del Segretario Politico, del Console, dell'addetto commerciale, di tutti i quattrocento connazionali ricchi, e poveri, industriali e pescatori, che iscritti al Partito al 100%, servono con fervore la causa italiana; ma occorre accelerarne il ritmo intensificandola allargandola in più numerosi settori.

Si è progredito forse più nel campo economico che in quello culturale.

La fabbrica automobili F.I.A.T. , per esempio, la cui Agenzia è diretta da un italiano sta conquistando sollecitamente il mercato, soprattutto con i tipi

“Balilla” e “Ardita”. La Lancia, che è molto apprezzata, potrebbe anche organizzare, con vero profitto, una sua rappresentanza.

I nostri prodotti chimici e farmaceutici sono ricercatissimi.

Una ditta italiana ha riportato strepitoso successo nei lavori di assestamento nel Porto di Lisbona.

Le affermazioni culturali sono dovute, particolarmente, all’attività appassionata del Prof. Valentini, docente a Coimbra di letteratura: la sua antologia di letteratura italiana contemporanea è apparsa recentemente tradotta in portoghese da Nerminia Ferreira; alla fede e valentia del Prof. Volpicelli che insegna ai portoghesi il nostro diritto corporativo; al Prof. Arena il quale si è posto a disposizione di S.E. Tozzi per istituire un istituto di alta cultura italiana.

Presso il Consolato di Lisbona ha sede l’istituto Luso-italiano, e presso l’Università di Coimbra c’è una biblioteca mantenuta dal Governo italiano dal dopo guerra.

Molti sistemi di coltivazione della vite sono presi dalla nostra tecnica agricola.

Ciò è molto, evidentemente, ma sembra tuttavia ancor poco, di fronte alla tenace, abile e più dinamica opera penetrativa della Germania, che da noi, più di quella di altri Stati deve essere tenuta d’occhio, perché contemporanea, concorrente, e, come abbiamo rilevato, tendenzialmente politica.

Macchinari, pelli conciate, prodotti chimici, patate, costituiscono l’esportazione germanica in Portogallo.

Alla recente esposizione di Lisbona, mentre noi partecipammo con semplici modelli, esso inviò moltissimi apparecchi nautici ed aeroplani.

Molte ditte sono piazzate nelle varie città, e i suoi impiegati parlano correntemente il portoghese.

Duemila tedeschi, fra tecnici ed istitutrici, formano un’importante colonia.

L’influenza intellettuale si va propagando metodicamente con raddoppiata lena dal dopoguerra. Nel 1922 fu fondato a Lisbona il collegio tedesco che conta 150 allievi; a Coimbra una ricca biblioteca diretta da un bibliotecario poliglotta. In Germania poi ci sono sei scuole per l’insegnamento della lingua portoghese: a Berlino, Amburgo, Colonia, Bonn, Reimscheid, Halle. E’ ben regolato un frequente scambio di conferenze.

Amadora, lo abbiamo detto, attuale Capo dell’A.E.V. ha preferito fare un viaggio d’istruzione a Berlino invece che a Roma.

L’ex sottosegretario di Stato all’istruzione si trova tuttora in Germania a scopo di studio.

Questo luglio due numerose crociere di dopolavoristi tedeschi sono state indirizzate a Lisbona e alle Azzorre.

Or dunque, è necessario cercare di controbattere questa febbrile concorrenza con abilità ed energia. Siamo in confronto dei tedeschi avvantaggiati dalla minore distanza e quindi dalla maggiore celerità delle comunicazioni. Siamo popoli simili per origine, per carattere; : “Dei miei amici mi scriveva tempo fa un mio amico portoghese, (antico compagno di studi in Francia, oggi alta personalità nel mondo corporativo), Voi italiani siete stati sempre i primi, forse perché ci comprendevamo bene, si avevano gli stessi gusti, gli stessi sentimenti, perché noi portoghesi siamo i più latini dopo di voi”.

Siamo simili per abitudini e costumi: ambedue agricoltori e marinai.

Mussolini è ammirato, con sincero entusiasmo per il suo genio: Salazar tiene sul banco la fotografia di lui e si racconta che egli non si sia ancora deciso a mandare la propria al Duce perché non riesce, così, pare egli dica, a trovare una cornice degna dell’uomo.

Si intensifichi dunque lo scambio di conferenze, di professori; le nuove scuole d’ingegneria che stanno sorgendo a Lisbona per esempio, potrebbero accogliere insegnanti italiani; si organizzino gite e crociere di giovani, di dopolavoristi in Portogallo; Oporto, che fu tomba di Carlo Alberto dovrebbe, anzi, essere méta di pellegrinaggi da parte nostra; si facilitino, d’altro canto, viaggi di portoghesi in Italia; si curi la costituzione in Roma della Casa del Portoghese, iniziativa di De Castro, che può avere promettenti sviluppi; non si faccia, soprattutto languire né spegnere la lega, così faticosamente costituita da Salazar.

Una volta creato questo complesso di strette ed assidue relazioni, la piena comprensione dello spirito italiano e della idea fascista avverrà naturalmente; l’azione dei C.A.U.R. , dovrà allora affermarsi in modo stabile.

E il fascismo universale ne trarrà sensibile vantaggio perché il Portogallo, sentinella d’Europa avanzata sull’oceano, è in grado si [sic] dare alla causa della nuova civiltà, un contributo veramente efficace per le sue energie riposte, per la sua passione ed il coraggio che lo distinguono.

Non ci si arresti, dunque, dinanzi alle difficoltà incontrate fin qui, ma si continui il bene intrapreso lavoro, con fede, con tenacia, senza mai distrarre l’attenzione dal quadro politico dello Estado Novo, poiché il momento propizio potrebbe presentarsi anche prima di quanto sia stato prevedere.

Agosto 1935 - XIII -

U. BALDI PAPINI

Trascrizione integrale del rapporto Tuozzi in data 12 giugno 1936, da DDI, VIII serie, 1935-1939, vol IV (10.5-31.8.1936), Roma, 1993, pp.299-302, doc.249.

Dai colloqui avuti in questi giorni con il Ministro degli Affari Esteri e con il segretario generale del ministero posso desumere senza ombra di dubbio che nessun mutamento è da notare nella linea di condotta adottata da questo governo e che nonostante la nostra grande vittoria e la vergognosa fuga del Negus qui non si è ancora convinti della necessità di por termine alle sanzioni societarie e si seguirà senza alcuna deviazione la politica che sarà adottata a nostro riguardo dal governo britannico. I tentativi che vengono fatti, fuori di Roma, da Lisbona e ginevra, le uniche località ove potrebbero avere una qualche importanza , di far credere che il Portogallo è disposto a modificare il suo atteggiamento, che a Ginevra e nella stampa è stato a noi così ostile, hanno evidentemente lo scopo di cercare di diminuire i temuti nostri risentimenti di domani; e sono oggi facimente sconfessabili, se necessario, dal governo portoghese che può dichiarare trattarsi di iniziative personali di suoi rappresentanti all'estero, nè autorizzati, nè responsabili. Se qualche dubbio ancora fosse potuto sussistere esso è stato chiarito da uno scambio di corrispondenza da me avuto in questi giorni con il segretario generale del ministero, l'ambasciatore Texeira de Sampayo, uomo di molto tatto e di molto equilibrio e che ha sempre mantenuto con questa Legazione i più amichevoli rapporti, a causa di un articolo (segnalato al Ministero di Stampa e Propaganda il 15 giugno u.s. n. 1085) "Genebra e as sanções" comparso nel "Diàrio de Notícias", il maggior giornale portoghese e di cui sono note le relazioni con l'attuale Ministro degli Affari Esteri; in tale articolo il conflitto Italia-Società delle Nazioni era presentato nel modo più antipatico a nostro riguardo, tanto che ho creduto opportuno protestare energicamente. Tale linea di condotta rigidamente societaria verrà modificata solo quando la politica inglese avrà cambiato la sua orientazione ma la modificazione portoghese non solo non precederà quella della "grande alleata" ma anche dopo che questa sarà avvenuta il Portogallo mostrerà riluttanza a staccarsi dalla tesi societaria e i discorsi e gli atteggiamenti della sua delegazione saranno conformi ai gridi di allarme e di paura che non mancheranno di lanciare a Ginevra alcune piccole Potenze le quali evidentemente desiderebbero che le grandi Potenze si svenassero purchè non fosse minacciata la loro vita tranquilla. Ora una tale politica portoghese è perfettamente spiegabile data la situazione in cui questo paese si trova, e l'attuale ministro degli Esteri, che è sempre stato di sentimenti molto anglofili e deve del resto a a tali suoi sentimenti l'attuale sua carica dopo che il suo predecessore fu allontanato per pressione dell'ambasciatore britannco, Sir Claud Russel, e il delegato a Ginevra signor Vasconcellos, massone e democratico, potranno per vanità o per spirito di setta accentuare una tale politica, ma essa è l'unica che il paese potrebbe seguire e sarebbe ingenuo chiedere di adottarne un'altra. E' un luogo comune parlare del servilismo portoghese verso l'impero britannico, e l'accusa fu lanciata pubblicamente in viso ai portoghesi, come una scudisciata, dal ministro di Germania al momento in cui gli veniva comunicata la dichiarazione di guerra che doveva servire specialmente agli inglesi per impadronirsi del tonnellaggio tedesco rifugiato nei porti lusitani. Ma avrebbe potuto e potrebbe fare il Portogallo una politica differente? Tale politica che dura da tre secoli, è servita nonostante rivoluzioni numerose e crisi profonde a mantenere l'integrità territoriale della metropoli; a conservare , mentre la Spagna perdeva completamente il suo, un enorme

impero, che comprende non solo le vaste colonie africane, ma i possedimenti in India, nonostante che siano fonti di attrito doganali e polizieschi con la stessa Inghilterra, Macao in Cina e Timor in Oceania, punti di appoggio avidamente da altri desiderati, e le magnifiche isole dell' Atlantico che sono trampolini obbligati della navigazione area di un prossimo domani. Quale altra politica avrebbe potuto

286

convenire a questo piccolo Paese spesso in continuo disordine per mantenere situazioni così eccezionali? Certo l'Inghilterra domina politicamente e sfrutta economicamente metropoli e colonie ma è il minor prezzo con cui poteva essere pagata la sicurezza che veniva al Portogallo : qualsiasi altra politica avrebbe fatto perdere tutto l'impero coloniale e forse la stessa indipendenza della metropoli non avrebbe resistito a tanta disgrazia poiché sarebbe mancata la più importante regione , quella dell'Impero, per resistere alle pressioni esterne tendenti all'unione iberica . Nè sembra, ossevando l'attuale situazione europea, che esso possa avere alcun vantaggio a mutare una tale secolare polica: su chi senza timori o senza maggior danno potrebbe oggi poggiare? Nè è vero che non siano sentiti anche i pericoli che tale politica comporta data la egoistica politica britannica, e, se anche i portoghesi non ne avessero la sensazione, il ricordo degli accordi anglo-tedeschi per la spartizione delle colonie (e la grande alleata non aveva ritegno ad attribuirsene una gran parte) sarebbero davanti alle loro menti per spaventarli. Ma anche per tali pericoli essi non vedono che un solo rimedio: cercare che la "grande alleata" non abbia mai a muovere loro rimprovero alcuno, vale dire non dare pretesto a nessuna cattiva azione a loro danno; essi si abbandonano per non essere abbandonati. Evidentemente questa politica di abbandono, tanto più necessaria ogni volta, come in questi momenti, che la minaccia sulle loro colonie si concretizza, sia pure sotto l'aspetto di interessamento da parte delle grandi Potenze che ne mancano alle materie prime coloniali [?] (e tale interessamento è evidente prenderebbe aspetto differente se le colonie appartenessero ad una grande Potenza od a una piccola che non ha mezzi nè politici nè economici di difesa) è quella che loro più pesa perchè ferisce il loro orgoglio e colpiche i loro interessi. Per difendersi contro la loro grande alleata essi si erano illusi e si illudono in parte ancora, di avere trovato nella Società delle Nazioni , o per meglio dire, la linea societaria adottata a Ginevra contro di noi e difesa proprio dall'Inghilterra, che ove fosse stata duramente applicata non avrebbe permesso nessuna violazione, nessuna modificazione dello *statu quo* coloniale portoghese senza la espressa volontà del Portogallo, ed è naturale che questa non vi sarebbe mai stata. E' perciò che il dottor Armindo Monteiro , uomo certamente intelligente anche se eccessivamente vanitoso, ha più volte insistito che peggio ancora della violenza brutale è da condannarsi la "spoliazione giuridica". Ora che cosa significa la spoliazione giuridica se non l'interessamento maggiore o minore, diretto o indiretto altrui nelle grandi colonie portoghesi con il consenso della "grande alleata" (l' aggettivo "legittimo" ha in tal senso un sapore veramente ironico!) la quale evidentemente non potrebbe esimersi dall'opporsi alla altrui violenza bellica? La tesi societaria adottata così rigidamente dal Portogallo si giustifica non solo col bisogno che prova questo Paese di aggrapparsi, in un momento in cui

si delinea così grave minaccia, disperatatmente alla “grande alleata”, ma ancor più perché la S.d.N. dovrebbe difenderlo contro l’iniquo comportamento di questo che è effettivamente il vero pericolo che su esso si prospetti nelle condizioni attuali politiche, e quindi non è possibile immaginare che sincere possano essere le amichevoli dichiarazioni, fatte sempre a quattrocchi, da uomini in posizione più o meno elevata. Certo , il Portogallo avrebbe preferito che questa esperienza societaria fosse stata diretta contro altri invece che contro l’Italia ma dato che l’esperienza è avvenuta esso vorrebbe che, in tutto o almeno in parte non andasse perduta. Illusione certo ma qui ad essa si è creduto anche perché faceva piacere credervi. Si aggiunga che se è vero che vi è sempre stata in Portogallo una corrente di simpatie per l’Italia è vero anche che mai abbiamo avuto con questo Paese rapporti politici od interessi economici importanti e che la nostra azione in Africa non può non irritarli perchè indirettamente li danneggia. E’ fuori dubbio infatti che la nostra conquista dell’Etiopia precipiterà l’esame e la soluzione del grande problema della messa in valore dell’Africa, che rappresenta la più grande riserva della civiltà europea, e da tale esame e da tale soluzione nulla di buono può attendere questo Paese, che sente che “la pace in Africa è finita” vale a dire è finito il tempo in cui le colonie portoghesi potevano vivere sonni tranquilli.

287

Legazione di Italia

431*

T E L E S P R E S S O N.

- SEGRETO-

- Per corriere -

Indirizzato a

R. MINISTERO PER LA STAMPA E LA PROPAGANDA

- Direz. Gen. Per i servizi della Propaganda-

e per conoscenza

R. MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI

R O M A

Lisbona *addì* 24 marzo 1937 *Anno* XV

Posizione:

Oggetto: “Legione Portoghese” Richiesta documentazione ed eventuale invio Ufficiali M.V.S.N.

Riferimento: Telespresso di V.E. N° 900227/2 in data 9 gennaio u.s. - Mio telespresso N° 262 in data 20 febbraio u.s.

La Legione Portoghese è sorta e sta sviluppandosi in una particolare situazione che ritengo debba essere studiata in relazione alle possibilità prospettate dal Comando Superiore della M.V.S.N. di inviare i suoi Ufficiali in regolare missione in Portogallo. - Mentre mi riferisco ai miei successivi rapporti in argomento, ritengo che a grandi linee la situazione possa essere oggi tracciata come segue.

E' noto che l'idea di costituire la Legione è sorta nella minacciata situazione determinata per il Portogallo dalla guerra civile in Spagna. Ma neppure l'imminenza del pericolo - i rossi erano allora alla frontiera nella zona di Badajoz e la violarono ripetutamente - riuscì a muovere i portoghesi in uno sforzo che facesse tacere i troppi dissensi e li sollevasse dalla generale decadenza.

Una pregiudiziale politica procrastinò per molto tempo la fondazione della Legione: si volevano escludere i monarchici. Alla fine furono accettati. Sono accorsi ad iscriversi numerosi e formano i migliori quadri della legione, poiché si tratta di ufficiali del passato regime, di gran lunga i più provetti e meglio preparati. Benché i rapporti tra il Governo della Repubblica ed i monarchici siano certamente migliorati nel regime di Salazar, il primo non può vedere con molta tranquillità tale influenza.

***Trascrizione integrale del documento. Provenienza: ACS, Archivio MCP, Busta 30.**

Crediti furono promessi e non dati. I numerosi comitati si perdevano in futili questioni, ritardando di vari mesi la effettiva organizzazione non riuscendo ad esempio a mettersi di accordo sui particolari dell'uniforme da adottare. Infine le armi non furono date alla Legione.

In sostanza la Legione soffre delle stesse difficoltà che formano la debolezza della dittatura di Salazar. Questa manca non soltanto di un partito, ma di una solida base politica. Il Presidente Generale Carmona che ha compiuto il colpo di stato nel 1926 è assai popolare, ed ha con se le forze armate, che sono tuttora il perno della situazione, ma di politica non si intende e non si occupa. Lascia quindi governare Salazar, e lo fa con molta simpatia e signorilità, ma non mancano attriti palesi e nascosti specialmente tra gli uomini minori. Salazar gode della stima, raramente entusiastica, ma solida di ogni portoghese di buon senso, ma avendo sciolto tutti i partiti non ne ha creato nessuno, non ha base politica, deve combattere molte ostilità, non sente le masse, vive astratto e solitario. In questa situazione è evidente che l'ambiente militare non ama affatto la formazione di una Milizia che potrebbe dargli

ombra. Quanto a Salazar molti si sono domandati come mai non abbia colto questa occasione per creare facilmente una larga base nazionale che potrebbe, con largo e sano movimento, dare al suo regime la forza che gli manca. Sostanzialmente egli forse non può, ma molto probabilmente anche non vuole. La risposta può probabilmente essere trovata, oltre che nelle difficoltà esteriori, nel carattere stesso del "dittatore involontario".

Una scossa e un nuovo fomento sono stati dati alla organizzazione della Legione dagli attentati terroristici del febbraio in Lisbona e dintorni. Le iscrizioni si accrebbero con ritmo considerevole. L'organizzazione e l'istruzione militare hanno avuto un nuovo impulso. Si è persino arrivati, male, ma arrivati, a risolvere la vessata questione dell'uniforme in quesi [sic] tutti i suoi particolari. Ma poche armi che erano state affidate con eccessiva parsimonia nel primo momento sono state quesi [sic] tutte ritolte. I crediti largamente previsti in sede di bilancio non sono stati in realtà erogati. Il Comandante della Legione in Lisbona - Roque d'Aguiar, uomo di grande attività e valore, di sentimenti sicuramente fascisti,- dopo aver ripetutamente chiesto i mezzi e le possibilità di porre i reparti in condizione di servire efficacemente, non ottenendo nulla si è dimesso. Le dimissioni non sono state accettate. La verità è che apparentemente il Governo dà ogni appoggio ufficiale alla Legione, ma in realtà non ne promuove affatto la effettiva organizzazione ed efficienza.

Un altro elemento deve anche essere considerato. La particolare situazione del Portogallo in rispetto agli avvenimenti di Spagna e nell'attuale momento internazionale è ben nota. Tuttavia, per l'argomento su cui ho l'onore di riferire credo che debba essere sottolineato un particolare aspetto della situazione. Nella sua tradizionale ostilità ad ogni controllo internazionale il Portogallo ha ostinatamente rifiutato il controllo internazionale alle sue frontiere, escogitato dal comitato di Londra. Tuttavia, specie di fronte alla crescente pressione britannica, ha dovuto trovare una via d'uscita che è stata quella di "invitare" alcuni ufficiali (in realtà 130) dell'alleata Inghilterra e venire ad "osservare" che il Portogallo mantiene i suoi impegni di non intervento. I primi nuclei sono già arrivati. Il Portogallo ha così "salvato la faccia" non senza una certa dignità, se si tiene conto delle enormi pressioni cui è stato sottoposto perché accettasse il controllo vero e proprio, ma anche non senza rincrescimento e malumore. In tale atmosfera è evidente che il momento potrebbe anche riuscire non il migliore per l'arrivo di ufficiali nostri, pur con tutt'altra missione.

Dato quanto precede ho ritenuto mio dovere limitarmi per ora, in attesa delle istruzioni che Vostra eccellenza crederà di impartirmi, a cauti sondaggi, di carattere strettamente personale, presso persone fidate. Tali indagini hanno confermato le previsioni indicate dalla situazione locale. Questo Governo sarebbe certamente grato della nostra offerta per i sentimenti che l'ispirano, ma essa lo

porrebbe anche molto probabilmente in imbarazzo, e presumibilmente se pure con rincrescimento, la rifiuterebbe.

Ho avuto invece l’impressione che un invito da noi fatto ad ufficiali della Legione a recarsi in Italia allo stesso scopo avrebbe probabilità di essere ben accetto.

Mameli